

The background of the cover is a photograph of a narrow, cobblestone street in a colonial town. The street is flanked by white buildings with dark window frames and tiled roofs. In the distance, a church with two towers sits atop a green hill, with palm trees and a mountain range visible in the background under a blue sky with light clouds.

*Páginas e  
Contos  
do Irmão Horta*

**João Nunes Maia**

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

### Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

## Páginas e Contos

JOÃO NUNES MAIA PELO ESPIRITO - IRMÃO HORTA

1ª Edição Outubro/1986 Do 19 ao 10º Milheiro

## SUMÁRIO

Prefácio	9
Quem é Deus?	13
Procurei	14
O Canto da Dor	20
Sou um Anjo	23
Tonhão	25
Caridade	38
Quem era o Burro	39

Súplica	43	
Com Deus no Coração	45	
Nós Somos	54	
São Francisco	57	
A Caridade Crescente	64	
O Meu Mestre	66	
Abre	76	
Uma Lição a Mais	78	
Caridade Interna	84	
A Pousada Mais Cara da Minha Vida		86
A Caminho da Vida	100	
Noção de Justiça	101	
Rogativa do Idoso	108	
A Força do Exemplo	112	
Caridade Ativa	126	
Até o Sangue de Cristo	129	
Onde Estiveres	136	
Lição Dolorosa	139	
A Terapia do Perdão	152	
Bicho-de-pé	156	
Como Ser o Melhor	168	
O Relógio Abençoado	172	
Hoje	.. 183	
O Defunto que Moveu os Braços . . . . .		186
Vivemos Juntos	196	
Renúncia Mentirosa		199
A Mais Linda das Canções	208	
O Velho Chapéu	211	
Onde Está Ele? . .	219	
Lobo com Pele de Cordeiro	222	
O Único Caminho	240	
A Língua em Chamas	243	
Passeio às Origens	257	

## PREFACIO

*Este é um livro que apresenta de maneira diferente os casos e lições que enveredam, às vezes, por caminhos que o leitor não poderia esperar. São usados todos os meios para mostrar o valor do bem e a amplitude dos ensinamentos de Jesus, os dons medi únicos e a continuação da vida, sem esquecer o valor de todas as coisas, mesmo as mais íntimas da natureza; tudo o que vive, podes saber, tem um programa na pauta evolutiva dos espíritos.*

*Quem se aprimora na arte de contar casos, leva uma grande vantagem, porque diverte o leitor e instrui aquele que gosta de literatura. Esses contos, escritos pelo nosso Irmão Horta, não intentam desprezar nenhum culto a Deus, principal mente aquele que lhe serviu de instrumento, para o seu burilamento espiritual. Abraçamos todos eles com todo o respeito que o nosso coração em Cristo possa dispensar. Toda religião é boa nos seus fundamentos; alguns religiosos é que disfarçam a sua própria crença, na altura de sua evolução. Esperamos que todos compreendam o objetivo desta obra, entremeada de humorismo, que não se esquece do Mestre dos mestres um só momento, mostrando fatos e trazendo acontecimentos onde o Bem se faz luz. O exemplo de amor e caridade nos traz a verdadeira serenidade.*

*Páginas e Contos nos faz viver na tela mental, quando o estamos lendo, momentos de alegria e emoções elevadas, nos quais o autor nos deixa à vontade com os fenômenos que no espiritismo são muito comuns.*

*No seio da Igreja Católica Apostólica Romana, sempre foram fartos os acontecimentos medi únicos, explicados com outros nomes, o que não ocorre na Doutrina dos Espíritos, que mostra às daras e explica todos os fenômenos que o raciocínio,*

*na área física, não tem capacidade de interpretar. Contudo, chegou o momento de tudo ser estudado à luz do dia, na luz de Deus. Ninguém pode negar a verdade por muito tempo; quem nega, vai se enfraquecendo e perdendo seus próprios argumentos, para que a realidade brilhe como um sol. Quantos personagens da Igreja não foram instrumentos dos espíritos para que se fizessem presentes as verdades espirituais? Quantos deles não foram esquecidos pela própria religião, por serem dotados da faculdade medi única?*

*A Reforma, igual mente, está cheia de médiuns de todos os tipos, cujas qualidades muito nos tem ajudado a difundir o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em todas as nações do mundo. Existe o médium inconsciente e o médium consciente, mas todos estão a serviço de Jesus, no sentido de educação das criaturas. Se não é atingido, não deixa de ser algo de divino que o mundo recebe, para a paz de todos.*

*Confiemos em Deus, que Ele confia em nós.*

*O nosso Irmão Horta está estreando com este livro, e pede desculpas se ele não saiu ao agrado de todos. Sabe que haverá recusas de alguns que o têm na escala dos santos, que desconhecem o íntimo do verdadeiro homem, aquele que se mostra pelo esforço da auto-educação, mas, quem tiver olhos de ver, nas linhas da psicologia espiritual, abrirá as suas páginas dos sentimentos e lerá sem nenhum constrangimento.*

*Não estamos preocupados com o fato de os antigos fariseus reconhecerem a presença do benfeitor espiritual, que volta para conversar com os que ficaram na carne, mas sim, que os trabalhadores do Cristo reconheçam as gemas imperturbáveis do Evangelho, mudando um pouco a conduta dos homens de bem para melhor e despertando aqueles que dormem, para o bem e a caridade.*

*Mesmo os espiritualistas têm grande preocupação em saber que grau ocupa o escrevente, na escala espiritual, e qual o*

*medianeiro que recebeu as mensagens. O que deveria pensar; em primeiro lugar, seria sobre o conteúdo dos escritos, onde está o verdadeiro valor da obra.*

*Não estamos aqui para ferir a quem quer que seja; amamos a todos e respeitamos todas as facções, porém, não podemos deixar de falar o que nos vem à lembrança, para não cairmos em novas tentações. Queremos, aqui, deixar bem nítido o nosso agradecimento a todos aqueles que nos ajudam, mesmo com as críticas. Estamos todos nos mesmos caminhos, em busca de Deus, pelas mãos do Cristo.*

*Saudamos, pois, o nosso Irmão Horta, na luz da gratidão, pedindo a Jesus, a quem ele tanto ama, que o abençoe sempre.*

*Belo Horizonte, 17 de Janeiro de 1983. M/RAMEZ*

*12 — João Nunes Maia — Irmão Horta*

## **1 QUEM É DEUS?**

Deus é o Amor. Ele é a Luz divina. E **paz e** alegria. E vida, é sinfonia. E amparo à orfandade, é sabedoria, é bondade. É perdão ao semelhante. E pura mansidão, é benevolência altruística. É o trabalho operante. É o piscar das estrelas. É o correr dos riachos, é o canto dos pássaros. Deus é a suprema justiça. E o homem comum, é o soldado na liça. É a vida dos missionários, é a voz dos profetas. E o plano e a meta de tudo o que existe. Deus é muito mais: é a Luz das luzes, é a grande clemência, sem se contradizer! Deus é solicitude. Deus é a virtude, é também, o

saber. E a essência das essências, é a harmonia dos mundos, é a solução profunda de todos os problemas. Deus é o amor das mães, é o contentamento dos filhos na casa paterna. **E** a fraternidade em expansão. Deus é o entendimento dos - anjos, o gozo dos arcanjos, é o universal coração. Deus é todo o bem. **E** mais que o futuro, o presente e o aquém.

**E** a pureza da decência, é a arte da clemência, é a juventude em reta linha, é a experiência sua e minha, é o aprendizado do velho, • é o equilíbrio da natureza. E a fé do místico e, do santo, a certeza Deus é a ciência em expansão, é a filosofia instruindo, é pura religião. **E** a educação, a nobreza.

Deus é o Céu, é o mar. **E** todo bem que emana de Si. **E** toda a vida expressa, soberana. Deus está em mim, em você, em todos os filhos da Luz. Deus é Jesus Cristo em nós, a nos mostrar a porta do Céu, através da cruz.

Irmão Horta

## 2 PROCUREI

Parti da Terra sem medo do infinito. A morte não me fazia descreer das promessas do Cristo.

O corpo dava a entender que não queria permitir a minha saída; de quando em vez, sugava as minhas energias mentais, a ponto de me desfalecer, mas algo mais forte dizia-me: "Vem, que a vida maior te espera, com a paz."

Não tive sofrimento ao adentrar a Pátria do Espírito; fui isolado dos turbilhões agressivos da própria natureza, pelo grão de mostarda a que se refere o Evangelho de Nosso Senhor.

Alguém me segredou aos ouvidos, no momento das grandes emoções:

"Volta e agradece ao cavalo que te serviu com obediência,

pois Deus também palpita nele. Confere-lhe a tua gratidão, nesta hora de paz que desfrutas. *Se o amor não* tem barreiras, que ele *seja* extensivo à velha roupagem que o Senhor te deu, *por* misericórdia."

E foi o que *fiz*, como reconhecimento pela oportunidade física. Olhando para o corpo como se ele fosse parte integrante da própria vida, chorei, sem que estivesse pensando em lágrimas.

Reconheci a pobreza de sentimentos da minha parte, ante a pureza e a harmonia do Universo. O que sentia em torno de mim era uma força que diminuía minha personalidade, e entendi que era um verdadeiro ignorante das coisas do espírito. Eu, verdadeiramente, não merecia o que estava vendo e ouvindo. Reconheci imediatamente a misericórdia de Deus para com os Seus filhos e, principalmente, comigo, alma analfabeta frente à grandeza da Vida.

Procurei, nesse impasse, saber qual a verdadeira religião. Busquei dentro de mim e encontrei um vazio interminável; somente residia no meu íntimo alguma coisa de fé natural, que já nascera comigo.

O bagaço filosófico era pasta imprestável que serviu a alguns roedores de templos, restos de lavagem cerebral dos que se acomodaram no espaço, a condicionar ideias e a ajustar o bridão nas suas mãos inquisitoriais, não permitindo os voos da alma em direção aos segredos de Deus.

Eu era uma besta de sela, servindo de montaria para outras almas que confiavam mais no animal que nelas próprias, quando precisavam das

vantagens de uma oração.

Já livre do corpo, olhei para cima, ou para o que me pareceu ser em cima . . . Subi, usando o combustível da vontade; subi mais e mais, sem perder a atmosfera da terra santa que me serviu de berço. Ajoelhei-me em plena sala da casa de Deus e quis conversar com Ele, vendo o Seu magnânimo rosto através das

maravilhas que eu contemplava e falei, com certa dificuldade em ser humilde.

Senhor! Quero saber. Bondade Infinita, qual a melhor religião estabelecida na Terra!

E pensei na que eu tinha pertencido. Firmei o meu olhar no Sol, onde senti o Criador mais visível,\* o sol apagou-se ... Desliguei a mente, algo triste pela pergunta, e fiz outra semelhante:

— Meu Deus, e a Reforma? Pelos Teus filhos, responde-me!

E virei os olhos para a Lua e os planetas do nosso Sistema, vendo e sentindo o Senhor em todos eles. Eles desapareceram; apagaram-se no infinito . . . Tornei a olhar, melancólico, para mais além, e interroguei de novo:

— Deus meu, Deus de todas as criaturas do Universo, tem piedade de mim! Brada a Tua Voz, pelos recursos que dispões e fala-me, pelos meios *que eu* possa entender: qual a melhor religião do mundo? É aquela que se assegura no Alcorão, que tem como base os Seus preceitos, os quais respeitamos?

E olhei para uma guirlanda de estrelas que pareciam mais acesas, entendendo que a Grande Voz poderia falar por elas . . . Fiquei, por instantes, a escutar, mas elas também se apagaram e desapareceram da minha visão. Atordoado, resmunguei enfraquecido:

^|3Grande Poder do Universo! E as ramificações da Reforma? Será que elas estão certas, mostrando a religião do espírito, como a verdadeira religião?

Fixei novamente o olhar, agora por toda a Galáxia a que pertencemos, abrangendo pelo pensamento toda ela, e esperei a Voz do Senhor: toda ela se apagou diante de mim, e desapareceu do infinito, como que um pingão d'água em uma chapa quente.

Fui mencionando todas as filosofias e religiões, e aquilo em que eu fixava a mente para ouvir a resposta, desaparecia como por encanto. Fiquei só, no negrume do espaço. Não via mais a Terra, porque ela sumira também. Eu, então, chorando, sem saber

o que fazer, lembrei-me de Jesus e orei com lágrimas. Senti o silêncio penetrar em meu coração e a harmonia apossar-se da minha mente. Levantei-me, reuni todas as energias de que dispunha no peito, e gritei:

— Meu Deus! Ouve-me de novo, Compassivo Senhor! Será que a religião que eu procuro é aquela que Teu filho amado pregou, pela palavra e pelo exemplo, pela alegria e pela dor, na paz e mesmo na guerra? Será que a religião verdadeira é o *Amor*?

Eis que, aí, acendeu-se o Sol, apareceram os mundos e a luz voltou em todo o infinito. Sopraram os ventos e cantaram os anjos, pela harmonia do Universo; os raios das estrelas orquestraram a vida, e, eu, nada diante do Tudo, vi e ouvi uma voz terna e meiga, na brandurada própria vida, ressoar um verbo que parecia nascer de tudo que existe, falando na voz dos Céus:

— É o Amor, meu filho, a verdadeira religião, a filosofia e a ciência de Deus no coração.

Ama , e serás feliz;  
ama , e terás paz;  
ama, e ser-te-á dada a vida  
na eternidade do Senhor! ...

De braços abertos no jardim das estrelas, curvei-me com reverência. Beije o vento da vida, que soprava de todos os lados como se fosse o coração de Deus pulsando no peito de todas as criaturas.

E uma mão amiga, pegando a minha mão e acariciando-a, me disse:

— Vamos, Horta , à horta da Terra! As tuas mãos precisam trabalhar, para que permaneça acesa a luz do Amor dentro de ti!

## 30 CANTO DA DOR

A noite me falava de algo que eu não compreendia bem. Escutava, ao longe, um canto, sufocado pelo barulho das grandes indústrias e pela indiferença dos transeuntes, transitando agitados em busca de pão. Era noite profunda, caía finíssima garoa que, no ar, tinha a aparência de um fino talco esvoaçando no espaço. E eu tornava a ouvir uma voz na diligência de socorro. Eu, quente no meu leito acolchoado, sentia o prazer do descanso, mas a inquietação da consciência fazia com que eu me perdesse no mundo das deduções à procura da paz que eu perdera . . . Além disso, perdera o sono. E, no ambiente em que proliferava a inquietação no meu coração, levantei-me e me pus a orar, porque era na oração, em muitas vezes, que o meu íntimo reclamava o dever, e, somente quando a tarefa se cumpria, eu em assegurava e ganhava a harmonia espiritual.

Passsei à súplica. E, num ambiente de alegria e de firmeza, ouvi de novo o *Canto da Dor*, transformado em entendimento. Os sons audíveis faziam-me entender o que deveria ser feito, naquela operação do verbo.

Aos meus ouvidos chegou uma palavra mansa, mas séria; de amor, mas firme, de ordem indicativa, onde não havia espaço para o adjetivo, porque ela já era a expressão de maior entendimento que acalmava todas as necessidades. Ela se chama *Caridade*. Antes de abrir os olhos, gesto que marcava a finalização da prece, já via uma luz pequena, mas muito viva, bailando no espaço do quarto. Fiquei encantado com os encantos do fenômeno, e ela, feliz com a minha felicidade, riscou sem palavras o meu caminho daquela noite, sem conhecer portas ou paredes, obstáculos de qualquer natureza, falando sem palavras. Compreendi que deveria seguir seu roteiro, pela claridade manifesta. E foi o que fiz.

Descemos ruas e subimos estradas, passamos por becos e atravessamos lugarejos, e eu acompanhando a luz que me servia

de guia. Ela me levava para o dever, sendo neste que eu deveria reconhecer os meus compromissos assumidos, diante das necessidades humanas e espirituais. Andei por mais de duas horas, sempre guiado pela luz que se fazia cada vez mais interessante em minha frente. Nada ela falava, porém, fazia que eu entendesse o seu maior objetivo, pelo encanto dos seus meigos gestos que comecei a entender. ..

Chegamos a uma porta que mal podia ficar em pé; a luz entrou e eu bati, levado pela intuição que, com certeza, ela me dera. Alguém gemia, dentro do pobre recinto. Tudo estava às escuras, mas agora clareava, e uma voz falou, do outro lado da porta:

— Entra, quem está aí fora! Graças a Deus, chegou alguém que pode socorrer meu filho! Forcei a porta e ela obedeceu. Vi um quadro comõ- vedor: uma criança recém-nascida, ao lado da mãe morta.

Quase caí ao chão, pelo impacto dos sentimentos .. . Enrolei o filhinho de Deus na róta Datina que usava, depois de ter cortado o laço que o prendia à genitora, e, quando ia sair com o fardo divino nos braços, a luz se fez mulher e me disse:

— Eu -sou a mãe dele, e lhe peço para fazer com ele o que o seu coração, em Cristo, lhe ordenar. Eu já não sou mais eu; estou sendo, a partir de agora, e pela luz da caridade, o canto sublimado da Dor ! . . .

## 4 SOU UM ANJO

Sou conhecido por todos os povos, por todas as nações e, por vezes, por todas as criaturas.

Sou aquela força que conhece do vírus á célula, da célula

aos órgãos e destes ao conjunto orgânico.

Sou um Anjo! Mas ninguém gosta de mim; os homens me atraem pelos atos, porém, quando atendo ao chamado, pelas suas ações ou porque se afinizaram comigo, repudiam-me, e procuram, usando métodos errados, todos os meios de expulsar-me.

Eles, os humanos, choram com a minha presença e blasfemam com a minha estadia em suas companhias; contratam ingredientes para matar-me e buscam sábios para expulsar-me da convivência deles...

Sou perseguido; quero falar ao que me procura, mas ninguém quer ouvir-me,- quero induzir a quem acompanho para a luz do entendimento, não obstante, esse fecha os ouvidos para não me ouvir.

Sou expulso das casas e da coletividade; entretanto, aqueles que me escorraçam me chamam pelas atitudes e nem mesmo meus carrascos estão seguros ou livres de mim.

Nestas horas que a humanidade vive, nem o progresso anda sem o meu concurso. Eu sou, verdadeiramente, o companheiro de todos. Asseguro a fé nas criaturas e ando vigiando os homens, para que eles não venham cair em tentações piores.

Revisto-me de sombras, mas a minha presença cura; assombro, aparentemente, mas sou de paz.

Sou enviado pelo pai para socorrer a humanidade, e rasgo o véu da ignorância, expulsando do coração, a dúvida.

Finalmente, é com a minha presença que se instala a *fé* no imo d'alma.

Sabes quem sou eu, filho meu?

Eu sou o Anjo da Dor . . .

# 5 TONHÃO

Passsei um dia de muita alegria, por não ter descansado um minuto sequer, e à tardé, fui chamado às pressas para ver um doente que agonizava. Pus-me a caminho com o guia que viera me buscar.

Conversa vai, conversa vem, as distâncias foram se encurtando, a sequência de casos se foi prolongando entre nós dois, de maneira que não percebemos que estávamos chegando.

Eu já conhecia aquela família generosa, que sempre me ajudava a ajudar a pobreza da região, cujos sofredores amávamos muito.

Havia um córrego a passar, águas claras, sem a poluição de que tanto se fala hoje. A mula que fazia a gentileza de me levar deu uma parada, e eu entendi que ela tinha algo a fazer: ela entrou na água para aliviar a sua necessidade e aquela visão agiu psicologicamente em mim, despertando-me a vontade de aliviar a minha. Como já estava perto, falei ao guia que continuasse a caminho, pois eu demoraria um pouco. Ele compreendeu, e partiu sem perguntas desnecessárias.

A mula dentro d'água sentiu a frescura do líquido grandioso e empenhava-se em sorvê-lo. A demora me fez ficar a pensar. A Lua clareava como se fosse um segundo sol, e eu via as ondas das águas tremularem e o riacho cantando, como se fosse um pássaro sozinho entre grandes árvores que nos cobriam. Fui inspirado para orar e obedeci, formulando sentida súplica a nossa Mãe Santíssima, pedindo a ela que me guiasse para os melhores caminhos que eu deveria seguir.

Quando eu estava no meio da oração, notei que as águas do córrego fervilhavam; pensei em peixes, que sempre em noite quente vêm à flor das águas buscar melhor conforto, e passei a verificar, sob a luz intensa da Lua, mas não eram peixes!

.Fiquej agitado intimamente, porém, conservei a tranquilidade, pondo-me a observar atentamente. A mula acabou de beber a sua água, no que demorou bastante, virou a cabaça para o meu lado, entreabriu um pouco a boca de forma a dar para ver, perfeita mente, a carreira dos seus brancos dentes, e eu escutei uma voz saída da sua boca, com uma expressão esquisita:

PP Irmão Horta! Estou sofrendo muito; pelo amor de Deisme ajuda!

Olhei para todos os lugares e não vi ninguém. Fiz algumas perguntas com respeito à voz qie me falava, mas nada respondeu. Devo confessar que os meus cabelos arrepiaram das pernas à cabeça, todavia, não tive medo. Reconhecí, pelo que sabia, que era uma alma sofredora em busca de oração e de paz de consciência.

Falei com a mula, espalmei a mão em sua anca para partirmos, mas, ela não obedeceu. A água do riacho tornou a ferver, pus-me a observar novamente e vi, filhos meus, como estava vendo a própria Lua, esta frase escrita na água:

"Sou Tonhão".

Senti um calafrio na espinha, agitei as pernas em cima da sela e a mula partiu em disparada rumo à fazenda, onde as pessoas estavam começando a se. preocupar com a minha demora.

Cheguei cantarolando um hino da Igreja, mas entre os sons da melodia pensava em Jesus, e pedia socorro para aquilo que tinha visto na presença das águas e da mula.

Desci do animal, preocupado, e a minha mente começou a rememorar para descobrir quem era esse Tonhão, que escapava à minha lembrança<

Entretanto; ao observar alguns dos familiares que me esperavam com ansiedade, esqueci-me do caso e preocupei-me somente com o assunto da família.

Abracei a todos com o carinho que eles achavam de que eu

era portador, beijaram minhas mãos como se eu fosse um dos santos famosos, e eu me sentia diminuído com aqueles gestos, por ser um dos mais necessitados dos homens, diante do Cristo e dos meus deveres. Perguntei pelo doente e me conduziram rapidamente até ele. Colocaram uma cadeira rente à cama e logo tive as suas mãos nas minhas como que duas barras de gelo. Sua cabeça estava quente qual chaleira fervente ao fogo. Os seus olhos fisgavam os meus e somente lágrimas escorriam nos cantos dos mesmos; a sua voz estava entrecortada pela emoção e não podia falar.

Olhei para os familiares ali a postos junto a mim, e eles entenderam que nós dois deveríamos ficar sós. Ficamos sozinhos no grande quarto e demoramo-nos alguns minutos olhando um para o outro. Notei que ele queria confessar; era aquela hora extrema em que a vergonha passa a ser força em louvor da verdade. Eu, como sacerdote, não podia recuar diante de uma consciência em chamas. Lembrei-me de Jesus e pedi a Ele que me ajudasse, transformando a minha palavra em água para aquele sedento, para acalmar aquele coração aflito. Que Ele pudesse me ajudar no sentido de realizar um dos pequenos milagres citados nas "bem-aventuranças", herança para os sofredores. Senti que o ambiente asserenou e imperceptível força se apoderou da sua garganta, a me dizer:

— Irmão Horta! Tem piedade de mim! Eu estou à beira da morte, tenho disso consciência absoluta! O senhor sabe que fui um homem honesto e que fiz alguma caridade por seu intermédio; no entanto, a minha consciência pesa e não quero levar esse peso no coração, para onde devo partir...

Parou um pouco, porque já escorria o suor em seu rosto. Dei a ele um gole de água pura, com o pensamento em Cristo, e ele sorveu-o como se fosse a melhor coisa do mundo, o que na

verdade deveria ser.

E continuou, com extrema serenidade, o que muito me comoveu:

— Padre! O senhor se lembra de Tonhão?

Quando ele pronunciou aquele nome, quase me levanto da cadeira, por força desconhecida. Eu é que comecei a suar, como se estivesse tomando banho. Lembrei-me da mula, da água do córrego, do que ele tinha me dito pela mula, a escrita na água ... Pensei, pensei, e ele, com mais força acrescentou:

— Antônio de . . .

Veio na lembrança quem era, e um fato mais ou menos ao longe ... retruquei:

— Sim, sim, lembro-me.

— Pois é ele, o Tonhão, padre. Eu desejo contar ao senhor um caso, que já hoje mora no meu peito, como sendo a última coisa que devo revelar no mundo, mas sinto que devo falar com quem possa me ouvir, ajudando-me. Não suporto mais esse peso na consciência!

Tive um descuido moral, meu santo Padre, fraqueza que, para mim, não tinha reza que me fizesse esquecer. Que Deus me perdoe, e que o senhor me abençoe, se achar conveniente ...

O Tonhão, ao chegar em casa uma certa noite, me encontrou lá, profanando seu leito. Ele, como o senhor deve se lembrar, era um homem violento. Eu perdi os sentidos no momento, e ele teve uma emoção tão grande, que foi fulminado na hora, por um ataque do coração, falecendo. Quando fui acordado pela mulher dele, saí às pressas pelo quintal e desapareci na noite/sem que ninguém ficasse sabendo da verdade. E ainda fui ao enterro no outro dia, para despistar. Não sei como estou tendo forças para lhe contar este caso! Pede a Deus por mim, padre, pede! .

Eu estou morrendo! . . .

Ajudei-o a fechar a boca e os olhos com os dedos, e ele partiu para a eternidade

Quando anunciei aos familiares que o doente morrera, foi aquele alvoroço. Eu fiquei acalmado aqui e ali. Asserenaram-se todos, mas ficaram chorosos, devido ao fato de ser aquele o pai da família e de ele ter deixado esse mundo de Deus.

Fiz as minhas orações em seu favor, entreguei a Deus a sua alma, pelos processos que eu conhecia na área da religião à qual pertencia. A dona da casa acalmou-se, retorcendo-se toda e espumando pelos cantos da boca. Fiquei pensando sobre o que fazer. Não tive outra alternativa, a não ser providenciar, pela experiência que tinha em alguns socorros de ervas, a busca de remédio da mãe natureza, doadora universal e onde também as bênçãos de Deus ficam mais visíveis.

Pedi um instrumento de escrever e papel. Logo trouxeram-me os apetrechos. Passei para uma pequena mesa onde, sob a luz de uma vela, dei uma receita de charlatão, mas, consciente, de médico pela fé, chama divina que sempre procurei alimentar no coração.

Quando terminera escrita, a mão continuou presa ao lápis, e este deslizou no caderno, sem que eu tomasse parte no assunto. Não relutei e minha mão corria sobre as folhas que sucediam, escrevendo mais ou menos nestes termos:

— Irmão Horta! Pelo amor de Deus, es-tou sofrendo muito, me ajuda!

Não sei o que fazer, mas conto com a tua bondade, que várias vezes me serviu. Eu sou Tonhão, que esse infeliz, estirado nesse catre, mencionou. O que ele falou é verdade, verdade que ficou escondida por muito tempo, e que, se perdão for esquecimento, neste momento estou esquecendo a punhalada que ele me desferiu no coração, por causa de fato maior que está para acontecer agora, com minha filha e com o filho deste que acabou

de morrer. Ele está espreitando o meu lar e vai estragar a vida de minha filhinha inocente. Ele é pior do que o pai. Quero dar-lhe uma lição! Depois que morri não tive sossego. Acho que sou uma alma penada e preciso de tudo o que o senhor puder me dar do teu bondoso coração. Monta na besta, padre, e volta sem demora. Vai diretamente à porta de minha casa! Se ela estiver fechada, chama! Vamos logo, Tonhão"

Senti como se estivesse em um leve sono. Quando o lápis caiu na mesa, abri os olhos e li o que estava escrito.

A vela chiava de mansinho, parecendo que queimava algo em pequenos estalos. Olhei para a borra do espermacete, e nela estava desenhado o rosto, perfeito, de Tonhão. Coisa incrível que eu nunca tinha visto. Fiquei inquieto e apaguei a vela com os dois dedos, para que o fenômeno passasse despercebido do povo da casa. Depois de um rápido chá, tirei a vela do pires onde se encontrava segura pelo seu próprio material, e a coloquei na mesa. Que Deus me perdoe! Levei o pires no bolso da batina, envolvido com todo cuidado de um velho lenço de proporções incomuns.

Fiquei assombrado. Nunca me tinha acontecido aquilo. Dei uma ligeira explicação e parti sem demora. Precisava, se fosse verdade, salvar a mocinha, como estava relatado no escrito que eu acabara de receber.

O guia queria me acompanhar e eu o desobriguei disso. A família relutou para que eu dormisse, mas apresentei desculpas. Montei na besta com uma facilidade incrível, que nunca tive. A mula parecia voar nas estradas que conhecia bem. Ela nunca fora dessas espertezas. Tudo estava estranho para mim.

Entre na cidade e fui logo para a casa do Tonhão, como ele havia pedido. Lá chegando, vi, de imediato, um vulto que procurou fugir do barulho das ferraduras, avançando para a porta da casa

do falecido. Notei que a porta estava meio aberta, quando ele deu um salto para alcançar o interior da residência. O portal era baixo e de madeira de lei, que o carapina soube esquivar, e, pela violência do pulo, o rapaz esqueceu-se de abaixar; a sua testa deu de encontro com o portal. Ouvi um gemido e vi o moço cair para trás. Eu já estava mais perto e pude dar os primeiros socorros. O rapaz fraturou o crânio e a poça de sangue denunciava o estrago da aventura. Morreu imediatamente. Chamei uns vizinhos e removi o cadáver para lugar conveniente, mas, antes, sem que ninguém desconfiasse, fechei o trinco da porta, que logo me obedeceu. E fiquei a cismar: "Meu Deus, que coisa horrível! Será que foi o...? Como as coisas acontecem!"

A interferência do além parece estar em toda parte. O pai morreu, e em seguida o filho, sem que ninguém soubesse do drama de um e de outro. Fiquei muitos dias meditando sobre esses acontecimentos. Quantos fenômenos eu presenciaria! ..

Depois de uma semana, fui à casa do Bispo de M. A minha consciência pedia que eu lhe contasse os fatos, para que ele me ajudasse, como chefe, a precaver-me de futuros embaraços, e desse melhores explicações sobre o que ocorrera, e o que sempre acontecia comigo nas minhas andanças de caridade. Com muito custo, tive a oportunidade de falar com o pastor e ele me recebeu friamente.

Não tive dúvidas de que ele não gostava da minha presença, das minhas roupas um pouco estragadas pelo tempo, e mesmo pelo desleixo que sempre me ocorria, além dos sapatos que não resistiam às minhas caminhadas.

Beijei-lhe as mãos perfumadas, procurando com a boca um lugar em que não houvesse anéis, para atingir a pele do reverendo senhor. Este fez um gesto de bênção forçada, e pediu rapidez no caso. Contei tudo para ele, que mal me escutava, dando maior atenção à limpeza do crucifixo de ouro, pendurado em seu pescoço volumoso. Depois de tudo narrado, ele, apresentando

nervosismo, deu-me uma advertência:

— Olha Horta, tu tens nos dado muito trabalho. Até hoje te temos tolerado. De agora em diante, abre os olhos e não sejas cego. O diabo está andando contigo! Será que não dá para desconfiar? Onde já se viu mula falar, água de córrego escrever nome e mão escrever sozinha?

Isso somente pode ser trama de Satanás, que está fazendo as dele por aqui. Até retrato em borras de vela! Ele pode enganar a ti, a mim não! E me despediu.

Eu queria explicar ao bispo que nunca procurara essas coisas, que elas aconteciam espontaneamente, mas não tive chance. Saí dali contrariado, por ele não compreender e nem me ajudar no entendimento daquela verdade que palpitava em meu coração. Mas logo me esqueci, por dar às mãos trabalho, e sempre em favor dos sofredores.

Aconteceu que esse bispo foi transferido e ocupou-lhe o lugar um outro, ao qual me afeiçoei e, parece, ele por mim. Conversávamos longas horas sobre todos os assuntos, e, um dia, toquei nesses fenômenos com ele, meio ressabiado. Ele levantou-se alegre, bateu em meu ombro sorrindo e falou com bom humor:

— Horta! . . . Horta! ... Tu também conheces isso por experiência? A Bíblia<sup>1</sup> está cheia destes fatos e isso vai ser comum no futuro. Moisés ouvia a voz de Deus na sarça que queimava . . . Isso são recursos usados pelos Céus, irmão Horta, e podem vir de Satanás também; depende aí, sabe de quê? Do que se fala. E por isso, tu tens razão ao avaliar o que ouves. Entendeste?

Fiquei radiante de *alegria* pelo apoio dado ao meu coração, aos fenômenos que aconteciam comigo e aos meus sonhos que sempre eram avisos, quando não era trabalho para o bem comum. Saí assoviando pela rua, coisa que não tinha costume de fazer, - no entanto, a alegria não respeitava a educação que eu tivera. Eu

estava cantando por dentro e comecei a compreender melhor o Evangelho, a encontrar nele as mais belas histórias, onde nunca faltava a intervenção das almas e dos anjos, como personagens viventes, objetivando ajudar a humanidade.

E, naquela noite, sonhei com o Tonhão, que assim me disse:  
— Desculpa-me, irmão Horta.

Não fui eu quem fez aquilo. Eu só queria impedir que acontecesse o mesmo com a minha filha, porque a mulher já debandou, a ponto de facilitar o erro para a menina. Eu quero te dizer, padre — e começou a chorar — que eu fiz a mesma coisa com a mulher do Janjão, mas foi ela que me induziu.

Eu acordei chorando também e rezei pela alma de Tonhão, que pareceu já renovado pelo arrependimento.

Devemos ter cuidado nas nossas atitudes, porque a lei não nos perdoa; ela cobra, no silêncio das reencarnações, tudo o que ficamos devendo, pela escrita do passado. Hoje, por misericórdia divina, estão todos reunidos em um lugar, os protagonistas deste drama, lutando com as consciências para se livrarem das soleiras das portas do mal, que estão aí por toda parte. Ninguém engana ninguém! Deus é, verdadeiramente, *Justiça!*

## 6 CARIDADE

A caridade é um gênio de mil atitudes, que flui de Deus pelos canais de Jesus Cristo, usando todos os espíritos na luz do amor.

A caridade se divide ao infinito, por onde passa, na claridade do bem.

A caridade anima e consola, fortifica e eleva, educa e instrui, deixando nos ambientes a verdadeira fé, consubstanciando os corações em uma liberdade maior, com a responsabilidade que palpita no bom senso.

A caridade pode ser, e é, pensamentos nobres, palavras edificantes, gestos de paz, mão amiga, vida exemplar, trabalho educativo, escrita benfeitora, um copo d'água com carinho, bênção de compreensão, perdão aos ofensores, sorriso amigo . . .

A beneficência é todo o bem que tenha o selo da fraternidade, aliada ao desprendimento.

Caridade é amor, caridade é luz, caridade é o Mestre dentro das almas; caridade é Deus em Cristo e Jesus em nós!

## 7 QUEM ERA O BURRO

Bateram apressadamente em minha porta. Eu estava quase a deitar, pois já havia feito as minhas obrigações espirituais, mas, como era frequente esse hábito de chamados, levantei-me de um velho banquinho onde tinha o costume de me sentar para lavar os pés em água esperta.

Abri\* a porta. Era um senhor aflito, que me pedia com emoção e respeito, a minha ida a sua casa, pois a sua mulher estava passando mal para dar à luz, um mal que iria converter-se em bem, talvez, para a própria humanidade. Convidei-o para entrar; ele recusou, declarando que deveria ir correndo atrás de uma parteira, que não morava perto, e me ensinou o caminho, com a aflição peculiar ao homem preocupado. Pediu a minha bênção e eu pedi ao Cristo que o abençoasse. E tratei de partir.

Era um pouco distante, e a distância fez-me procurar o animal, a mula amiga, que sempre me conduzia. Daí a pouco estava a caminho. A noite

estava escura. Era noite na verdadeira significação da palavra, no dizer popular, "um breu". Não sendo o breu muito escuro, poderemos dizer, hoje, que era "um petróleo".

Conversei com a besta que iria me transportar, bati a mão de

leve em sua crina e falei :

— Vamos, minha filha! Tenho pressa! É alguém que sofre! ..

E partimos, sem esquecer a oração, hábito que eu tinha em todas as saídas, para qualquer lugar.

Tudo sereno, parecia que até os grilos haviam feito greve. O silêncio apoderou-se de tudo; somente estava escutando as ferraduras da minha companheira, que fazia a caridade de me conduzir. Em um certo momento, ela estacou; esperei um pouco, com respeito às suas necessidades, mas não era esse o motivo. Balancei as pernas dos lados da sua barriga, porém, ela não atendeu. Falei com ela para prosseguir, tudo em vão. Eu não carregava espora, por dó de ferir o animal; fiz o ruído costumeiro com a boca, ordenando-a que andasse. Nada!

Desci do animal com a rédea no braço, puxei-o, mas ele se escorava e não dava um passo sequer. Começou a trovejar, surgindo algumas gotas de chuva. Eu, puxando a mula com todas as minhas forças, e ela, gemendo, não andava.

Já fazia bem tempo que eu estava nesta labuta infrutífera. Nisto, deu um relâmpago clareando todo o caminho, e eu notei, com espanto, que estávamos à beira de um abismo. Uma ponte que ligava os dois paredões de um vale, havia caído de maneira espetacular. Se eu desse mais uns passos, cai ria dentro do abismo e estaria selado meu destino, e eu na eternidade, pelo preço de alguns metros.

Quando verifiquei o porquê do animal não querer prosseguir, conclui que eu é quem era o burro, que deveria estar carregando o animal nas costas. Pedi perdão a minha mula, acariciando-a pelo pescoço e agradecendo-lhe por ter salvado a minha vida, depois de Deus. E, ainda mais, pude observar que errara o caminho que me fora ensinado pelo senhor.

Fiquei, logo depois da alegria de ser salvo', meio triste, por já se ter passado muito tempo. E a mulher que estava para dar à luz?

Lembrei-me de Maria, mãe de Jesus, e nossa mãe do coração. No clarão de outro relâmpago, avistei uma árvore caída; passei a rédea no seu galho, sentei-me e passei a balbuciar uma oração a Deus... Um leve sono tomou meu ser, e não sei bem quanto tempo fiquei dessa forma; só sei que, quando voltei a mim, montei no animal e este, antes mesmo que eu firmasse o corpo na sela, já estava em disparada. Peguei o caminho certo, e dentro de meia hora mais ou menos, estava descendo na porta da casa do homem que fora me chamar. Dava para ver seu rosto no clarão dos foguetes que soltava sorrindo. Pressenti logo que o menino nascera. Desci do animal, às pressas, e fui entrando no casebre. Alguém abriu a porta com alegria e eu vi o rosto da mãe desmanchando-se de prazer, tendo ao lado uma linda criancinha, dormindo como um anjinho sob o calor da mãe.

Olhei para ela, com a consciência pesada, mas ela olhou para mim, dizendo sorrindo:

— Irmão Horta! ... O senhor voltou? Graças a Deus! Passe o resto da noite conosco.

Fiquei perturbado com aquele "voltou" — só depois que desencarnei é que fiquei sabendo o que havia acontecido . . .

## 8 SÚPLICA

Senhor!

Queremos pronunciar o Teu nome ...

Estamos presos na atmosfera da Terra, pelas nossas promessas e dívidas com ela.

Ajuda-nos, Pai Celestial, a ajudar neste campo de tanta carência!

Aumenta as nossas forças, para que elas sejam distribuídas em favor dos que sofrem, em amparo aos que estão cegos, em favor dos estro- piados.

Permite, meu Deus, que as Tuas bênçãos não faltem nos nossos impulsos de caridade de cada dia, a caridade que não exige nada dos sofredores, onde se doa por amor.

Senhor!

Não nos deixes esquecer as nossas obrigações materiais e espirituais, na sequência de cada dia, e que todos os dirigentes das nações e religiões do mundo, não se esqueçam de valorizar a Tua criação, respeitando os que são desprezados pela abundância.

Grande Alma!

Permite que possamos, encarnados e desencarnados, dar-mo-nos as mãos e, juntos, dar glória aos Céus, pelo conforto que recebemos na Terra, cuja posição, na fase em que se encontra, corre perigo, assim como as vidas que viajam com ela.

Senhor!

Ajuda-nos a ajudar mais, com as mãos, com os pés, com a cabeça e com o coração, em todos os sentidos, porque, com a confiança em Cristo que palpita em nós, seremos vivos na vida de Deus.

A caridade, nesse avanço, toma a forma dinamizada nos conceitos da Doutrina Espírita, quando assim se expressa no iluminado portal do edifício doutrinário: *Fora da caridade não há salvação!*

## 9 COM DEUS NO CORAÇÃO

Eu admirava muito, quando estava encarnado, um personagem conhecido por todos os brasileiros, um dos que assentaram os princípios religiosos neste país de Deus, e nos corações dos primitivos da terra: o valoroso padre Anchieta.

Procurava saber sempre mais sobre sua história, que estava

ligada à história da religião a que eu pertencia. Lia, por vezes, sobre ele, e me empolgava com a sua humildade, sua cultura e seu amor pelos homens e pelos animais. Ele era verdadeiramente um homem santo, pelo ritmo que lhe caracterizava a vida.

Eu, quando tinha contato com as crianças, sempre me lembrava desse personagem, narrando historinhas que ilustravam as lições, na edificação daquelas criaturinhas de Deus. Sentia um prazer imenso em dadas comparações, e o ambiente parecia diferente, a alegria mais espontânea e a minha própria mente mais lúcida, em contato com as crianças.

Quando passei para o mundo espiritual, tive a mesma vontade de conhecer a sua magnífica vida e, naquela oportunidade, conheci uma história que passo a contar:

O padre Anchieta tinha necessidade de estar em uma determinada aldeia de índios, e, para tanto, pediu a dois deles que estavam por ali, e que sempre o acompanhavam nas suas andanças pelas vilas, pelas praias e pelas matas, que o guiassem até lá. Eles aquiesceram com toda alegria e obediência. O santo padre confabulou com os dois primitivos, que explicaram ao sacerdote que deveriam andar um pouco a pé, para depois pegarem um pequeno barco, que os transportaria para o outro lado do rio, cuja passagem era muito perigosa, devido às fortes correntezas.

Padre Anchieta, acostumado com os perigos da região, e confiante nos dois homens, que sempre deram testemunhos de fidelidade e de coragem, aquiesceu. Partiram solfejando algumas canções da época, que os próprios índios igualmente aprenderam. Os indígenas gostam muito de música e adoram danças.

Um deles era de compleição helênica, atleta por natureza. Sempre andava atrás do reverendo, porque via as coisas que poderiam acontecer na frente, bem como era a defesa para o que poderia, por ventura, ocorrer por trás. Para ele, nada era difícil na defesa do padre Anchieta, que considerava como pai. O mais

franzino ia na frente, cantando e dançando como se fosse criança a passeio, mas sempre atento a qualquer mudança no ambiente. O padre, nessas caminhadas, às vezes não percebia as distâncias, por passá-las lendo breviários e mesmo livros, que o seu mundo religioso preparava no alto escalão português.

Os vigilantes não perdiam de vista seu tutelado, nem as margens dos caminhos. Logo avistaram o grande rio, águas meio turvas pelo seu volume e ligeiro pelas correntezas. Era para fazer temer qualquer viajante que não o conhecesse. No entanto, ali era a passagem costumeira dos índios, nas suas próprias embarcações. O padre Anchieta entrou no barco com a mesma simplicidade que uma criança entra em qualquer lugar desconhecido, confiante em alguma coisa ou em alguém. O rio estava a inspirar temor; os próprios índios olharam um para o outro, e os seus olhos denunciaram o perigo. Afrouxaram o cipó que segurava a embarcação a uma árvore e partiram.

Eles, como remadores conscientes dos seus deveres na água que corria acelerada, notaram que deveriam acompanhar as correntezas sem forçar muito o barco, para atravessarem diretamente e alcançar o outro lado. A margem onde deveriam aportar era bastante longe. Com os cuidados devidos, nada temeriam, pois faziam inveja, se fosse o caso, até aos peixes, no domínio das águas, mas, e o fardo precioso que estavam conduzindo? Para eles era como se fosse um deus.

O padre se postara serenamente no meio da embarcação, como que em êxtase: estava em profunda oração . . .

Nisto, sem que os dois índios percebessem, o casco do barco bateu em algo no fundo do rio: havia um tronco de árvore preso, que balançou toda a embarcação, suspendendo uma ponta para cima e a emborcando nas águas, sem recurso para que os remadores pudessem tomar providências. Os dois índios, como relâmpagos, desfizeram-se do perigo e saíram nadando; confabularam um com o outro acerca do passageiro, viraram o barco à posição normal e nada do santo padre. O mais forte deu

ordens para que o outro tomasse conta do barco, que ele iria procurar o padre Anchieta. Mergulha aqui, mergulha ali o índio tinha um fôlego incomparável, difícil de ser entendido até pela ciência — mesmo sabendo que o rio era fundo, e na época da cheia, e deu grito de aviso e foi para o fundo. Chegando lá, o índio estatelou os olhos ao ver que o padre Anchieta estava assentado no leito das águas, serenamente, porque ainda não tinha terminado a sua oração, que começara antes do barco virar. Já com o fôlego no fim, nadou para o sacerdote, agarrou-o com os possantes braços, dirigindo-se para a tona com seu fardo sagrado, mas pensando que ele estivesse morto, pelo tempo que passara submerso.

O índio, quando atingiu a flor das águas, já estava quase morto, por faltar-lhe o ar, mesmo assim respirou como um guerreiro, agarrado ao seu tesouro. E partiu para a margem, onde o outro o esperava, ajudando a colocá-lo em terra. O atlético homem primitivo, tomado de um cansaço natural, fez algumas evoluções no ar, para retornar à harmonia da respiração, olhou para o padre Anchieta e este continuava na sua mansuetude, peculiar aos santos. Bateu de leve em seu rosto, chamou-o pelo nome, e o reverendo, na sua graciosidade de falar, terminou sua oração, dizendo agora com o auxílio dos lábios:

Amém.

Abriu os olhos e perguntou aos índios:

— O que foi que aconteceu?

No entanto, ele mesmo ao ver a batina molhada, concluiu que o barco havia virado. Abraçou os índios e, beijando as suas mãos, lhes disse:

— Deus vos pague pelo que fizestes por mim, meus filhos; que a nossa Mãe Santíssima vos abençoe em nome de Jesus! Os dois nativos olhando para o padre, choraram como crianças . . .

O índio grandalhão estava inquieto. Viu que o padre tinha demorado muito no fundo do rio sem afogar-se e pensou que o

padre Anchieta tinha mais fôlego que ele, muitas vezes mais. Achou que deveria aprender a ficar dentro das águas, do mesmo modo de seu protegido. Permaneceu sentado ao lado do padre e o interrogou:

— O que o senhor tem diferente dos outros, que pode demorar dentro das águas sem afogar-se, esse tempo todo? Eu quero aprender isso, eu preciso conhecer esse modo que o senhor encontrou!

O padre olhou para o índio tranquilamente, pensando em como responder-lhe e disse, dentro da sua profunda simplicidade:  
f — Isso meu filho, é Deus no coração .

O índio alegrou o semblante e respondeu sorrindo:

— Eu quero aprender a botar Deus no meu coração, como o senhor!

Padre Anchieta ficou algo embaraçado com a insistência do indígena; o que fazer para acalmá-lo? Respondeu com benevolência:

— Deus, para entrar no nosso coração, nos aconselha a orar com humildade ...

O índio, mais alegre, confabulou com respeito:

— Ah, sim! ... Então é mais fácil, porque o senhor pode me ensinar a orar com humildade, não é? E Deus entrará no meu coração!

Deitou-se no chão, ali mesmo, rolou para todos os lados, como vencedor da própria respiração dentro das águas, e levantou-se como aprendiz do padre Anchieta, dizendo:

— Quero aprender!

Padre Anchieta, admirado com a inteligência do índio, meditou por alguns instantes, sem ser interrompido por ele, e falou inspirado: ^BOLha, meu filho, tu vais dormir e o próprio Deus te ensinará no céu o que tens que fazer para não precisares respirar dentro das águas, como os homens.

O índio, meio desiludido, falou baixinho ao ouvido do reverendo:

— Eu estou com sono padre, quero dormir, para me encontrar com Deus.

Padre Anchieta, apertado com o índio, naquela noite fez sentida oração ao Senhor, pedindo a Ele que explicasse ao índio o que ele queria saber, no entendimento dos próprios índios, coisa muito difícil para um pobre padre. O índio dormiu e sonhou com um velho

ancião, que ele supôs ser Deus, que respondeu sua pergunta ao padre Anchieta, nestes termos: H5 Olha, meu filho, para me colocares no teu coração, e nadares igual aos peixes sem precisares respirar como fazem os homens, precisas fazer igual ao Sol. Vê como é . . .

E o índio viu o Sol iluminando a Terra, e se foram passando os quadros nos quais a sua luz era benfeitora, fazendo florescer as plantas, purificando a atmosfera, conservando as águas, secando as roupas, fazendo nascer as árvores e crescerem os frutos, aquecendo os corpos e alegrando todos os viventes da Terra. E muitas coisas mais que o índio poderia entender, procurando transformar-se em um benfeitor da humanidade.

O índio acordou desesperado e logo de madrugada procurou o padre Anchieta. Este já havia levantado também e estava andando, observando o magnetismo das estrelas, antes que o sol saísse. Viu o índio a sua procura e ficou a cismar ... Sentou-se em uma grande pedra e o índio veio devagarinho. Encostou a cabeça em seu ombro e falou chorando:

— Padre, não posso colocar Deus no meu coração! É tão difícil! . . . Somente o senhor consegue, porque para fazer o que o Sol faz para todos, tem-se que ser muito santo! Deus me disse que não vem de outro modo. E soluçava, já no colo do padre Anchieta.

O padre, passando a destra na cabeça do silvícola, falou-lhe ao coração:

— Meu filho, para fazer o que tu fazes nas águas e nas matas, é preciso ser filho de Deus, e isso já basta para a nossa

verdadeira alegria! ...

O índio levantou-se com os olhos tristes, pegou nas mãos do seu tutor espiritual e disse com interesse:

— Quando eu mergulhei nas águas para procurar o senhor, padre, e que o encontrei, o senhor estava vestido com uma roupa por cima de sua roupa, que brilhava muito. O que era aquilo?

Padre Anchieta, já alerta com a inteligência do índio, respondeu sem tropeços:

— Aquela roupa, meu filho, foi o Sol que me emprestou por misericórdia, para que eu não morresse. Vê como ele é bom!

O índio se calou, não fez mais perguntas, saiu de mansinho e daí a instantes o padre Anchieta o encontrou ajoelhado diante do altar da igreja, querendo conversar com a imagem de Maria, mãe de Jesus, como fazia seu guia espiritual.

Anchieta, quando viu aquele gesto comovente do indígena, fechou os olhos e, na sua ternura de pastor, pediu a Deus no silêncio d'alma:

— Meu Deus! Ouve-me, entre no coração deste irmão, da maneira mais conveniente ...

## 10 NÓS SOMOS

Nós somos um conjunto de coisas e podemos manifestar aptidões separadas, na unificação de um bem aprimorado.

*Eu sou o tecido!*

Oriundo da natureza, onde o laboratório divino operou milagres para que eu surgisse e me destinasse a servir aos homens. Sou base das vestes.

*Eu sou a tinha!*

Em fios grossos, e, por vezes, tenuíssimos, entrelaço as peças, ajustando-as para que a forma se embeleze no conforto e na postura dos seres humanos.

*Eu sou o botão!*

Sirvo para a segurança e o acomodamento das vestes no corpo e a confiança dos que se servem das roupas.

*Eu sou o zíper!*

Apareci recentemente para maior facilidade da vestimenta e para a ajuda dos companheiros, moradores das casas.

*Eu sou a máquina!*

Costuro, unindo as peças em plena harmonia, usando os fios em várias direções, para que o tecido tome a forma desejada pelo que usará o traje.

*Eu sou o ferro de passar!*

Estico o pano enrugado, no sentido de melhorar as condições da modelagem.

*Eu sou a tesoura!*

Não posso ser esquecida nas divisões do tecido; trabalho pela obtenção das variadas formas. *Eu sou o lápis!*  
Indico os caminhos para a tesoura trabalhar em harmonia.

*Eu sou o alfinete!*

Tenho cabeça, mas não penso; obedeço à orientação de quem costura.

*Nós somos as mãos!*

Trabalhamos a fim de que todos se unam e embelezem o conjunto.

Estamos unidos no mesmo ideal... Pouco somos sozinhos, pois a operação em conjunto enriquece o que fazemos.

Nós, que aqui falamos, apelamos para os seres humanos, para que se unam em tudo o que idealizarem, para que formem um todo, como força divina, na divina extensão do Bem. Porque, se nós confeccionarmos as roupas físicas, os homens, em conjunto, na presença do Amor, e com o material da caridade, poderão preparar as suas roupagens espirituais e, ainda, dar exemplos para que outros façam o mesmo, tendo como base o *tecido das virtudes*.

Entrelacemos esforços, espíritos e objetos, neste trabalho, com alegria, porque *nós somos filhos do mesmo Deus...*

## II SÃO FRANCISCO

São Francisco de Assis é um dos santos que eu sempre admirei. Ele, para mim, foi a expressão mais pura dos servidores de Cristo, e deu testemunho disso pela época em que nasceu, na Idade Média, entre dois terríveis movimentos: as Cruzadas e a Inquisição. Era para ter sido influenciado pelo meio em que viveu, pelo ambiente em que trabalhou, pela sua formação, pelos amigos e até mesmo pelas guerras das quais tomou parte. Mas, não: Francisco de Assis foi ele mesmo em todas as circunstâncias da vida, a expressão mais alta do amor, depois de Jesus Cristo.

A literatura que trata de sua vida simples, porém, profunda, é vasta em muitos países do mundo. A quantidade de livros que existe sobre a sua vida, e de casos narrados sobre ele, é sobremaneira impressionante. Entretanto, o modo mais gostoso de saber algo sobre esse incomparável santo, é aquele em que as narrativas nos vêm de boca em boca, na inspiração do povo simples como ele foi.

E eu, empolgado com a vida real do grande *poverello* de Assis, comecei a fazer parte da sua comunidade, mesmo sem pertencer à iluminada Ordem dos Franciscanos. Verifiquei, e o próprio tempo me deu confirmação que, para purificar os sentimentos, não bastava pertencer a essa ou aquela congregação religiosa, como a que eu pertencia, ou às suas divisões: era preciso entender e começar a viver o que o Divino Mestre ensinou para todas as criaturas de Deus. Contudo, sempre pensava nesse ardoroso poeta das estrelas, amante da natureza e amigo incondicional dos animais, em como ele derramava o seu

mais puro amor para os homens, seus irmãos em Cristo. Fez da renúncia o seu instrumento sagrado; da caridade, sua profissão diária; do perdão, a força da amizade; do entendimento, sua mais alta escola, e buscava no amor verdadeiro o alimento da alma, por ser ele o atributo central de Deus.

Francisco me fascinava! Não era totalmente inveja o que eu sentia desse seresteiro das virtudes, mas uma atração irresistível para copiara sua conduta e sorver os seus exemplos, na ampla concepção da palavra. Eu era seu discípulo do coração e pelo coração. Via todos os bispos e padres, dos mais renomados, falarem sobre sua vida, com respeito e gratidão, e passei a ser um deles.

Certa vez, rebuscando o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, empolgado no Sermão da Montanha, na subida do Calvário e na alegria da Ressurreição, tive uma ideia, talvez, infantil. A tarde era bela. Procurei um rio próximo, onde os sons das águas faziam-me lembrar dos peixes que ouviam Francisco e dos pássaros que cantavam com ele.

E comecei a pregar na beira do rio, de maneira que os peixes pudessem me ouvir. A minha voz retumbava do outro lado e vibrava nas águas como se fosse um famoso cantor de ópera da velha Itália. Visualizei cardumes e mais cardumes de peixes a me ouvirem, todos à flor das águas, registrando a minha fala.

A garganta anunciava cansaço, por *Já se passaram* mais de duas horas e nada de peixes; somente o silêncio. Pus-me a caminho, meio triste. O sol despedia-se no ocidente e, no caminho, encontrei uma árvore frondosa, cujos galhos tinham tantos pássaros pousados como suas folhas. Alegrei-me, suspendi os braços para o alto e passei a cantar, como fazia São Francisco em se encontrando com os viventes voadores que vinham pousar em seus braços. Esperei o mesmo, mas, eles se espantaram com a minha presença e voaram, tomando rumos desconhecidos. Chorei

naquele momento, ao notar a

minha fragilidade moral, no tocante a algo que faltava em mim e que existia com abundância em São Francisco de Assis. Falei desconsolado em voz alta:

— Meu Deus! O que preciso corrigir no meu modo de ser, no meu pobre coração, para que cresça o amor em mim, na medida dos santos? Vivo agredindo meus sentimentos para que eles acompanhem meus ideais, e quando somo minhas qualidades, vejo que me falta muito no que tange ao Amor.. . Sou sempre um sino que tine ou uma harpa que toca, mas sempre por mãos que não são as minhas.

Sei que o coração do santo é um sol e uma fonte de águas espirituais inesgotáveis, na sublimação que Deus lhe deu. Tudo isso é uma atividade de Amor e só o Amor pode entender o Amor. Vejo, meu Deus, que sou uma ferramenta imprestável em Tuas mãos benfeitoras. Peço-Te que me ajudes a melhorar, na sequência dos dias, nos caminhos do bem que eu deseje fazer. Perdoa a minha ignorância em querer fazer o que fizeram e fazem os grandes santos, aqueles reconhecidamente santos! Peço Tuas bênçãos para os meus passos, ainda trôpegos no ideal da fraternidade, e que meu Pai Francisco, dos Céus, perdoe também este que está pisando na Terra e padecendo do mal da época: a ignorância .. .

Não vi bem o panorama dos caminhos percorridos até em casa. Quando dei por mim já estava deitado, com uma melancolia profunda e aquela falta de interesse pela vida. Perdi até a fome que nunca me faltava.

Daí a uns dias, fui chamado pelo bispo ^ aquele que tinha sucedido ao outro que não ia muito com os meus modos — em sua residência. Recebeu-me sorrindo, deixando-me à vontade; e eu, já refeito das contradições, sorri junto com ele. Contamos histórias do dia-a-dia, até que me lembrei de contar para o senhor bispo o que havia ocorrido comigo. E foi o que fiz. Narrei para ele tudo,

desde o princípio até o fim, quando os pássaros se apavoraram com minha presença. Ele não perdia uma só palavra minha. Quando terminei, esperando que a sua fala autorizada pudesse me consolar e me dar algumas diretrizes, notei ao seu lado, como que feita de luz, uma boca que se sobrepôs à sua, que permanecia fechada, e que falou com brandura, diante do meu coração aflito:

— Horta! ... Para conversares com os peixes e fazeres amizade com os pássaros, a ponto de eles pousarem em teus braços; para entenderes os animais e conversares com eles; para andares sobre as águas e emprestares a tua boca para o Cristo, é preciso muito Amor no coração. Certamente foi o que te faltou, e falta a todos nós. São Francisco de Assis era um instrumento de Jesus, em plena harmonia com Deus. E sabe quem pode te doar esse amor? Primeiramente Deus; depois de Deus, uma coisa que se chama tempo!

Nós todos temos o amor dentro do coração, revestido por várias camadas de espessos véus, que somente serão rasgados por uma força incomum, que se chama Caridade ... Os peixes talvez te ouvissem, mas, do fundo do rio, tiveram medo da tua presença. Se desejas fazer amizade com eles e com todos os reinos da natureza, expulsa do teu coração os fantasmas que te podem corromper os sentimentos, que são a inveja, o orgulho, a vaidade, o ciúme, o apego às coisas materiais, o egoísmo . . . E nunca feches a tua mente a uma verdade que tu conheces. Existem outras que podem completar a tua e dar-te mais vida.

O bispo deu um intervalo, para que eu assimilasse a lição, e continuou com solicitude:

— Irmão Horta!

Eu também sou carente do Amor que tanto procuras. Eu sou doente diante do Cristo e tenho fome d'Ele. O que nós precisamos

dominar são os peixes, pássaros e animais que vivem dentro de nós, em forma de instintos inferiores, para que o amor ache guarida, entre para o nosso coração e more nele para sempre, para depois então, vestirmos o bu rei de franciseanos e vivermos como ele, ligados ao Cristo e dentro de Deus...

Comecei a chorar diante do bispo; tirei um grande lenço que me acompanhava, doação de uma pessoa que eu muito amava, e passei a enxugar as lágrimas que não eram poucas. O meu superior, comovido, chorou comigo, por sentir que falou coisas que não vinham da sua mente.

Cheguei em casa confortado, por ter visto com os próprios olhos uma boca de luz falar pela boca de carne do senhor bispo. Isto era uma maravilha! Pendurei o lenço na parede, bem visível, de maneira a vê-lo todos os dias, e quando o via, sentia a necessidade de amar a tudo e a todos, com aquele mesmo amor que eu manifestava pelo grande santo de Assis.

## 12 A CARIDADE CRESCENTE

A Caridade é força crescente no coração humano, no entanto, carece, essa bênção do Senhor, do esforço próprio daquele de quem já emana tal sentimento.

Beneficência não se prende somente a dádivas materiais; ela alcança a vida em todas as suas atividades, como instrutora, restabelecendo a harmonia. Oferta o pão ao que se encontra faminto, mas oferta, igual mente, um sorriso ao coração cansado e oprimido.

Dá agasalho ao maltrapilho; não obstante, é bom que entregues o teu coração, nesse gesto de fraternidade.

Ajuda ao sem teto, na aquisição de uma casa, porém, o amor

não pode ficar esquecido por ti.

Esses caminhos são indispensáveis ao bem-estar da consciência, e, mesmo assim, filho meu, não te esqueças de vigiar e orar para que não entres em tentação, quando das investidas das sombras.

Cultiva, no campo interno, a paz onde o trabalho seja a função da vida. Não deixes que o ódio enfraqueça a tua disposição de amor, não permitas que a vingança elimine a tua disposição de amizade, nem dê lugar à maledicência, que diminui o teu interesse pelo perdão.

E avança, companheiro em Cristo, laborando no bem sem exigência, que a própria Vida Maior ofertar-te-á luz da consciência e a paz crescente do coração.

## 13 O MEU MESTRE

Quando comecei a vestir a batina de sacerdote, ocorreu algo em minha vida que me fez feliz, segredo esse que guardei por muito tempo.

Certa ocasião, apareceu no seminário um grande orador recém-chegado de Portugal. Homem ilustre, além das suas prerrogativas alusivas à religião a qual eu me afeiçoara, tinha uma inteligência lúcida; era capaz de gravar um arsenal de conhecimentos sem precedentes sobre a vida do Cristo e ilustrar o que sabia com uma imaginação poderosíssima. Prendia os ouvintes por horas e horas, sem que se cansasse de ouvi-lo.

Esse dia em que o estávamos assistindo, ele narrou um caso de um leproso que apareceu a Francisco de Assis, estendendo-lhe a mão, e Francisco, ao primeiro contato teve repugnância, mas, com espaço de alguns minutos acedeu ao pedinte e dominou a

aversão, dado o clima de bem-estar que o viandante desprendia de si. E Francisco, satisfeito, passara às mãos do pedinte o seu óbulo, e esse lhe disse: "Deus lhe pague!" E Francisco começou a ver nele a imagem de Nosso Senhor, irradiando a grandeza que era peculiar ao Filho de Deus. O filho de Assis desceu os joelhos em terra para beijar as mãos do Mestre e não conseguiu, porque Ele desaparecera. Mas Francisco beijou o perfume que ficara da Sua expressão de amor e carinho. Este fora o tema daquela noite, inesquecível para mim, e o reverendo que tinha magia na boca, sabia dar vida ao que falava, as suas ideias pareciam ficar povoando a mente de quem o ouvisse, como no meu caso. Terminada a palestra de que eu tanto gostara, aconteceu o que sempre ocorre com os grandes oradores; são sempre festejados pelos ouvintes mais impetuosos, desejosos de uma bênção.

Ele foi cercado por inúmeras pessoas, principalmente pelo clero local. Alguns ouvintes foram saindo e os poucos que ficaram não deixaram vaga para quem quisesse, como eu, dar uma olhadinha para o grande personagem que acabara de falar.

Porém, eu era meio teimoso e fiquei assentado em um dos bancos, esperando que surgisse a oportunidade para que eu pudesse, pelo menos, vê-lo mais de perto. Quando o grande sacerdote desceu da tribuna, sorrindo, pude observar algumas coroas de ouro que reluziam entre os dentes bem cuidados daquele homem de Deus. Com sua batina impecável e brilhante, era um homem simpático e inteligente, daqueles que não suportam os extremos e que não toleram as santidades.

Vi que abriram alas para ele passar, e como eu estava só no referido banco, ele parou em minha frente, olhando para mim como que desejando falar. Levantei-me entusiasmado, beijei-lhe as mãos macias e jovens, sentindo verdadeiramente uma coisa estranha a

percorrer-me o corpo. A fé fez-me compreender que ele era dotado de alguma coisa que os outros padres não possuíam. Ele segurou minhas mãos ansiosas pelas suas e passou a conversar comigo, dispensando toda a atenção para quem não era nada diante dos grandes que o circulavam, com reverências.

Fiquei junto a ele, cercado por padres e bispos que eu, havia muito, já conhecia, e por quem eu não erat>em visto. Daí a pouco, senti algo pesado sobre meu pé, a que o sapato não dava toda a proteção, por estar bem velho. Deslizei os olhos devagarinho para o chão, e notei que um dos professores mais intelectuais da região, que era um dos sacerdotes que não se afeiçoava comigo, pisara em meu pé, com uma botina de que ele gostava, e que o povo chamava de "tçsta de jegue", dada a sua formação e resistência. Fiquei

sem lugar; a dor era tanta que eu mal ouvia a palavra sábia do ministro de Cristo. Quando eu fazia força para tirar o pé que estava em baixo, era pior, porque ele apertava mais. Se eu quisesse algum alívio era preferível deixar o pé.

Veio-me à lembrança um animal que eu andara montado e que, de certa feita, ao pará-lo, como coçasse seu pelo, ele pisou no meu pé, com seu casco ferrado e eu senti uma dor muito grande. Mas esse teve condescendência comigo, pois logo tirou seu casco de cima do meu frágil pé. Que animal compreensível! ...

O orador despediu-se de mim com benevolência e eu senti uma grande alegria no coração, mas, por outro lado, estava mesmo era querendo que ele se fosse, porque somente com a sua partida é que eu poderia ficar livre da "testa de jegue", o que, graças a Deus, fiquei!

Todos saíram ...

Eu, ficando a sós, tive a ideia de agradecer a Deus por tanta dádiva em ouvir aquele homem, pela sua atenção para comigo. E, como tudo tem um preço, paguei pela felicidade da noite, com a pisada de um que se dizia representante do Cordeiro de Deus.

Terminada a oração, notei que no salão havia mais uma pessoa, cuja cabeça estava coberta por um capuz e de que não se via também a boca

nem o nariz. Fiquei a cismar: Quem seria aquele personagem que ficara? Por que não fora igualmente com os outros?

Quis sentir receio, mas logo acomodei meus sentimentos, porque era tempo de frio e muito usados os abrigos. Refresquei a mente e procurei o estranho, para saber porque ficara. Eu tinha desculpa: fora escolhido para fechar a casa e cuidar da limpeza.

Procurei falar com ele; o homem, sereno, olhos fixos nos meus, dava a impressão de que sorria. Cumprimentei-o com certa reserva.

Notei que a sua palavra tinha dificuldade em \* sair, mas que a conversa era boa. Nos sons de seu verbo havia algo por vezes melhor que a voz do próprio orador da noite. Fui colocando a casa em ordem e conversando com o companheiro da noite, que logo se dispôs a me ajudar na limpeza do salão. Fiquei contente com a espontaneidade do cavalheiro.

Quando ele falava, eu chegava mais perto para ouvi-lo com mais nitidez. Terminamos o trabalho, convidamos-o para nos assentarmos um pouco, já de portas fechadas, e ele passou a narrar-me a sua vida, sem que eu perdesse um só detalhe da sua fala. A conversa foi mais ou menos assim;

— Olha, padre! ... Eu nasci de um encontro que minha mãe teve, ao passar por aqui uma grande figura da nossa nação. Não me faltaram boa educação e conforto nos primeiros anos de minha vida. Nasci mesmo num berço de ouro. Mesmo sem ser o dono do ouro, desfrutava das bênçãos que ele trazia. Cresci no meio da alta literatura e desfrutei da presença de bons mestres. Guardo, por isso, uma cultura razoável dentro de mim.

No entanto, ela não está me servindo diante de ninguém, pois todo mundo me repele ao ver o estado de calamidade em que me encontro. Mal posso falar, como vês.

Fui também professor da universidade local\* e conhecia, como conheço, com certa profundidade, "Os Lusíadas". Admiro Camões em todos os seus aspectos. Ele era verdadeiramente, um mestre da língua portuguesa.

Tive contato com os Pais da Igreja, através dos livros que eles deixaram escritos. A teologia para mim não mostra novidades que eu não conheça. Os dois teólogos que eu mais admiro, São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, são surpreendentes na conjuntura que escreveram, inspirados nos mais altos conceitos para uma vida reta.

Sou feliz, porque conheço alguma coisa que nos ajuda a libertar a alma. No entanto, sou infeliz pelo que sou, carregando este fardo em péssimas condições. O que me consola, padre, é que tenho certas visões do desconhecido para os homens, mas que sinto e reconheço serem a realidade.

Esses Pais da Igreja vivem sim, mas não na eternidade, do modo que a Igreja prega. Eu os vejo junto a nós, e interessados nos mesmos valores dos homens de bem. Alguma coisa que o reverendo falou nesta noite, que talvez o senhor também tenha admirado muito, não foi dele: foi inspiração desses instrutores que estão fora do : corpo, que tanto ajudam os homens, no que tange ao bem-estar do espírito. Não sei se o bom padre está entendendo o que quero dizer. Queira Deus que entenda, porque os mortos estão mais vivos do que nós, que nos achamos de posse de toda a vida material.

Não sei se o padre vai compreender o meu drama e se depois que souber da verdade, vai continuar me dando atenção como está fazendo agora ..."

E continuou a narração, quase chorando:

— Eu, padre, sou leproso. E como um infortúnio nunca vem sozinho, retirei-me para um sítio de um amigo que entendeu minha situação, e lá, ao *dormir* em uma sombra de árvore amiga, as moscas me visitaram sem que eu percebesse, deixando as varejeiras em meu nariz, e como na época o tratamento era insuficiente, principalmente para um hanseniano, os bichos devoraram essa parte do meu rosto. Talvez o bom padre não suportasse ver esse quadro e permanecer comigo, me ouvindo. A coisa é muito triste!...

Fez um intervalo, notando que eu queria ver o seu rosto. Ele, extravasando as lágrimas, deixou o capuz soltar-se do seu rosto, e eu sofri um abalo emocional que quase desmaiei. O susto foi tanto que o coração acelerou seu ritmo, sem condições de parar. Não posso descrever como estava a feição do irmão. Que coisa horrível! ... Nunca vira antes tamanho padecimento, envolvido em tanta ternura no falar. A sua presença era algo de fazer a gente pensar.

Ele calou-se, já quase sem fala, pelo esforço despendido. E chorava sem aflição. Eu ouvi tudo o que ele queria dizer, com toda a pretensão de quem quer ajudar. Aproximei-me dele, lembrei-me do conferencista da noite e dentro do meu íntimo dizia de mim para comigo: “Será, meu Deus, que esse homem é ... ”

Peguei em suas mãos grossas, que o tempo fez ásperas na mudança de trabalhos, e beijei-as com toda ternura, como se fossem as mãos de minha santa mãe ou do meu querido pai. E ele pôs a destra em minha cabeça e me disse com dificuldade:

— Meu filho! . . .

Após um grande intervalo, que eu não quebrei, tornou a dizer: — Queiras ser meu filho, para que eu possa sentir-me teu pai!

Queiras ser meu aluno, para que eu possa ser. .. — e, sem falar o que deveria realmente dizer, anunciou, com todo amor que tinha no coração: — que eu possa passar para ti as minhas fracas experiências .. .

E pelo que eu conhecia do Evangelho, pude observar que ele não era como no conto do reverendo, narrado para nós. Não, ele não era o Cristo, mas era o reflexo do Mestre, pelas lições imortais que pôde me ensinar, pela palavra, que era cada vez mais difícil.

Passei a frequentar seu rancho todas as semanas, e para mim era uma felicidade poder encontrá-lo, e ele sentia alegria em me ver. Fiquei sabendo de muitos fenômenos por seu intermédio, e passei a entender a minha missão na Igreja, pelos seus argumentos.

Ele era, verdadeiramente, um sábio. Na noite em que ele desencarnou eu estava presente. Notei muitos vultos em torno do seu cadáver, e beijei os seus pés por gratidão, notando que a sua feição iluminara-se, mesmo deformada pela doença. A alegria é tão divina que pode ocupar qualquer lugar e transformar a desarmonia em beleza imortal ...

E quando chegou a minha hora de partir para a eternidade, pude observar duas mãos de luz pegando nas minhas, sem que pudesse ver bem. Mas, distingui aquele ex-hanseniano, com a formosura de um anjo, e da sua boca partiam raios calmantes ao meu encontro, que tinham, igualmente, o poder de tecer roupas luminosas para que eu pudesse aparecer no meio dos imortais. E beijei novamente as suas mãos, pedindo a Deus pelo reverendo da noite inesquecível, na qual tive a oportunidade de encontrar aquele homem que passou, daquele dia em diante, a ser meu mestre.

## 14 ABRE

Abre a tua mente aos pensamentos altruísticos, que a paz reinará em teu coração, pelo coração de Deus.

Abre a tua boca para falar aos outros, mas não te esqueças de dizer coisas e fatos que enobrecam.

Abre o teu jeito de ser, para que os semelhantes entendam o bem que devem gerar, sem que a usura lhes corrompa os sentimentos.

Abre a tua compreensão no ajustamento de compreender o amor que os outros ofertam, sem que o abuso rasgue os impulsos.

Abre a tua fé, de sorte que a confiança maior te visite sempre, porque sem ela não poderás viver.

Abre os teus olhos, vê o bem que Deus manda pelas mãos da natureza, e busca aprender a favor dos teus companheiros.

Nunca esqueças de abrir as tuas possibilidades, todas que o Senhor te concedeu, enriquecendo o teu coração, no coração de Deus.

Nesse regime de vida, todos chegaremos a atingir a vida do Criador!

## 15 UMA LIÇÃO AMAIS

Era uma tarde encantadora, onde a limpidez do céu nos mostrava o azul esperançoso do infinito ... e eu era um dos que conjecturavam na área das interrogações: "Como seria além, no infinito? Qual a ordem dos mundos? O que poderiam ser as estrelas? Como Deus comandava toda a criação? Onde estaria o verdadeiro Céu, de que tanto falam a teologia, as religiões e os homens?"

Por vezes eu sentia tudo isto numa simples oração . . .

Como conversar com o próprio Senhor? Isso era envolvido em mistérios e mais mistérios, que o coração desconhecia e intrigava o povo, junto ao qual vivíamos, por misericórdia de Deus. A vivência de uns com os outros é aprendizado grandioso, na grandeza da mesma vida.

Ao conversar com uma criança que atravessava a rua, eu me alegrava com sua angélica feição, ou com as suas perguntas infantis e respostas na-

tu rais, peculiares ao seu entendimento, lições imortais que me punham a pensar... Parava de vez em quando, embaixo de uma árvore, e alguns dos meus sentidos me faziam entender o que eu sentia: a minha carência de conforto e, muitas vezes, de esperança. E eu recebia o que não poderia compreender naquele momento; elas, as árvores, sabem responder às necessidades dos homens.

"E o que precisam os animais, dentro de uma harmonia, que foge às nossas conjecturas?" Sentava-me, de vez em quando, às margens dos riachos, no silêncio da natureza, a ouvir o canto das águas, como terapia para o corpo e o espírito. Via na simplicidade dos peixes que dominavam as águas, a verdadeira expressão do Amor. E o Sol beijava o lençol líquido na ternura de que só ele é capaz, estimulando vidas e enriquecendo os encantos.

Em um desses momentos de êxtase que me foi dado desfrutar, por misericórdia do Suprimento Maior, pude registrar — na época não distingui se foi pelos meus ouvidos físicos ou pela acústica espiritual — o desfilar, córego abaixo, de um grupo de espíritos encarregados de zelarem pelas águas, cantando um hino de saudação ao Criador, de modo que, por onde eles passavam, deixavam um rastro de magnetismo deslumbrante a se acomodar, afinizando-se ao líquido da vida, renovando toda a composição do mesmo. E aquela pequena falange de almas desceu rio abaixo como um cometa, que presenciamos de quando em quando passar pelos céus.

E, como espírito, passamos a saber que tal grupo é encarregado da purificação das águas, em favor dos que têm sede, da nascente do rio à embocadura.

Ao chegar à casa, meditando sobre o que presenciei, disse-me a razão: Quanto somos cegos! Chegamos ao ponto de duvidar da existência de Deus e da vida que continua em todas as dimensões! ...

Quando chegamos a compreender alguns princípios da lei, queremos coordená-la, classificando os santos e condenando os que não nos convém. Criamos, por ignorância, uma chave, e a impusemos a Simão Pedro para que andasse com ela, como sendo a chave do Céu, de maneira que ele somente possa abrir a porta para aqueles que os homens acharem dignos de entrar, podendo essa entrada até custar algumas gramas de ouro ...

Jesus, voltando à Terra, cumprindo Sua promessa registrada no Evangelho, pelos canais da mediunidade, nos faz constatar que o céu não es-

tá longe de nós, que as distâncias são as mesmas para todas as criaturas e que somos iguais na extensão infinita da vida. O Céu de Deus e de Cristo está dentro de nós, e a chave é a *caridade*, a renovação das almas em todas as modalidades da vida.

Que coisa grandiosa!

Isso tudo, filho meu, é serviço do Amor, do Amor de Deus!

Certa manhã, em que o sol convidava a um passeio a pé, pus-me a andar. E queria conhecer o ambiente onde estava, em viagem que os meus superiores me encarregaram.

Olhando aqui, olhando ali, parava de vez em quando. Não pude conter as lágrimas diante da festa da natureza. A vida me falava, dispensando palavras. Deslizava os olhos por todos os lados; era um grande parque onde os homens não se esqueceram de preservar o ambiente ecológico. Surgiu em minha frente um pequeno macaco fazendo suas proezas. Pelo que eu notava, ele desfrutava da alegria espalhada em toda a comunidade dos

animais e aves daquela região.

Observei, em determinado ponto do parque, uma gata extravasando afeto pelos gatinhos, limpando-os com a própria língua, certamente carregada pela força do amor. Ela cerrava os olhos naquele ato de carinho e dava a entender que ali estava todo o seu céu. Sua feição denunciava o que se passava por dentro daquele animal de Deus ...

O macaquinho, na sua ingenuidade, dando saltos e mais saltos, e por vezes caminhando no seu jeito desengonçado, ao perceber da mãe gata, apanhou um dos filhotes e passou a brincar com ele, como se fosse o próprio pai. O gatinho, vendo que não era a mãe e não o reconhecendo como pai, fechou o semblante, abriu as unhas com ferocidade, dando uns espirros de raiva e deslizou suas afiadas unhas na cara do macaco, que logo o largou, todo arranhado e triste.

O bichaninho correu e acomodou-se no seu quente leito, sob a proteção da mãe. Esta, olhando para o macaco que começara a afastar-se constrangido, apanhou o filho com os dentes, ajeitou-o debaixo das patas, mudou o semblante de carinho que tivera antes, para uma energia mesclada de justiça, e cortou todas as suas afiadinhas unhas com os dentes, em uma difícil operação. E soltou-o com certo desprezo, que ele entendeu . . .

No mesmo momento, lembrei-me de uma festa em família, onde pude presenciar quase a mesma coisa: um senhor, amigo da casa, apanhara no colo a aniversariante com toda a ternura de avô, e a criança, como não queria sair do meio da multiplicidade dos presentes, arranhou o rosto do ancião com as unhas que a mãe esquecera de cortar, e no mesmo momento, correu um filete de sangue no triste rosto do senhor, que tanto amava as crianças ... A mãe, sem jeito, olhou para mim, que logo entendi, conhecedor que era do respeito que a criança tinha para comigo. Chamei-a a sós, no que logo fui obedecido, e com palavras que poderiam conduzir educação e disciplina, pude expressar o meu protesto,

em nome da mãe e de toda a família. A criança molhou os olhos, sentindo a correção, e abraçou o meu pescoço, soluçando.

Mas eu me esqueci da melhor lição, de que a gata não se esquecerá: cortar-lhe as unhas, pois esse ato natural ficaria mais gravado na sua consciência para sempre. Eu, como sacerdote, não sabia, e aprendi essa lição com uma gata! ...

## 16 CARIDADE INTERNA

Falamos muito de caridade e lemos o bastante sobre a sua prática. Pensamos muito em como fazer a caridade e eis que começamos a viver nesse clima de esperança, dessa força que nos ajuda a nos salvar da impetuosa ignorância que sempre nos sufoca, porque sem ela entramos em pânico espiritual; sem ela os conflitos nos castigam e os problemas nos dilaceram a todos.

Todavia, ainda não aprendemos a fazê-la, pois a caridade verdadeira é a pura expressão do amor, consubstanciado na verdade. A caridade com Jesus deve começar na conduta de cada um, sem preocupação com a vida alheia, pois, quando isso ocorre, desvirtuamos nossas forças e perdemos o caminho da benevolência.

Se desejamos entender e praticar a caridade como sendo o amor, vejamos a educação da palavra, vigiando o que falamos, em todo o campo da comunicação.

Se idealizamos aprender essa grande virtude, procuremos analisar os nossos atos de cada dia e consertemos o que deve ser mudado no conserto da existência, porque se não nos iluminarmos por dentro, a caridade exterior nos será sem proveito. A caridade é paz; a caridade é luz ...

A caridade nos faz todo o bem com Jesus ...

# 17 A POUSADA MAIS CARA DA MINHA VIDA

Estávamos em uma época de muitas festas na comunidade católica, e o trabalho mais recomendado para o irmão Horta era o de atender aos chamados de fora, às vilas e aos lugares distantes, cujos moradores faziam doações para a Santa Madre Igreja, de maneira a favorecer a ida de um reverendo, de vez em quando, à sua comunidade, como sendo o representante do Cristo, nosso Senhor.

Eu, já acostumado a essas viagens, esperava a qualquer hora as ordens dos meus superiores, que, nestes momentos, não se esqueciam de mim.

Uma tarde, fui chamado às pressas ao palácio episcopal, e não me fiz esperar. Demandeí para lá, solfejando canções no silêncio de minha mente, cumprimentando os transeuntes que sempre faziam a caridade de me destacar com um adeus e um sorriso carinhoso que, para mim era um conforto. Ao cumprimentar as pessoas, amávamo-nos mutuamente; esses amigos transmitem para a gente alguma coisa do coração, mesmo inconscientes dessa ciência de Deus.

Como é bom sentir a amizade! E, graças a Deus, eu tinha muitas, como portas da felicidade. O amigo nos fala da existência de Deus e nos deixa vislumbrar o ambiente do céu, pelo amor conjugado à alegria que nos oferta, ao nos encontrarmos.

Chegando à casa bem posta, a qual eu deveria ir, entrei apressado, com um rápido cumprimento ao vigilante que muito me conhecia. Busquei as escadarias, mais devagar, meditando no que poderia ser e para onde eu deveria ir daquela vez. Mas logo tirei isso da mente, alegrando o semblante, forçando alguns sorrisos para que eles saíssem na hora certa, mais ou menos espontâneos, mostrando aos meus superiores o prazer que eu tinha de servi-los.

O Senhor Bispo estava à minha espera. Depois de beijar-lhe as mãos delicadas, ele foi sucinto para comigo e, ao invés de falar, foi me entregando um escrito que continha o meu roteiro, sem que eu pudesse fazer perguntas, para ele, desnecessárias.

Peguei o bilhete e, por ser falta de ética lê-lo na hora, enfiei-o no bolso da batina, curioso, mas quase adivinhando para onde ia ... Os lugares a visitar demandavam muita coragem cristã, muita vontade e, mesmo, amor às criaturas. No entanto, eram verdadeiramente as melhores oportunidades de servir aos que sofrem todas as espécies de injustiça e ignorância.

Despedi-me com reverência e desci as escadarias com o mesmo calor que spendi ao subilas. O porteiro assustou-se com a minha rapidez; sorri para ele e ele para mim, e ganhei a rua movimentada, já desanuviando os pensamentos com os olhares afetuosos e os sorrisos sinceros.

Enfiei a mão nos guardados da batina e peguei no bilhete ainda quente; a curiosidade fez-me tirá-lo do bolso. Encostei-me em uma parede vizinha e passei a ler as ordens do comando maior.

Assustei-me com a urgência de minha ida, mas, como sempre, busquei a tranquilidade na oração. Orei ali mesmo, em plena rua, e meus pensamentos voaram para o nosso Mestre e Maria Santíssima, pedindo forças e coragem para a minha missão.

Quando terminei a prece, senti que alguém puxava minha batina devagarinho. Abri os olhos na serenidade que a oração me emprestara, por misericórdia, e vi diante de mim o sorriso de um demente, que sempre, ao me ver, me procurava para saudar, sem pedir nada, sem pelo menos esperar que lhe desse coisa alguma.

Notei com mais nitidez as falhas dos seus dentes, como nunca antes tinha observado, imagem essa da qual eu não conseguia me livrar.

A minha consciência pode se expressar com clareza e passei a ouvi-la, como se fosse alguém lendo uma página para

mim com muito interesse:

"Horta! ... As falhas desses dentes que te perseguem, estão a mostrar as falhas que existem em teus caminhos, por te faltar obediência aos teus deveres".

E quando eu quis retrucar, por achar que eu era profundamente obediente às minhas obrigações, ela, a consciência, não deixou que eu falasse, e continuou:

"Obediência não é somente fazer o que alguém determina; é, e muito mais, deixar de criticar pelos pensamentos, sem que a voz participe.

És incorrigível na arte de desdenhar os deveres que a religião que abraçaste te impõem, e os teus superiores recebem por ondas, o que a tua crítica desfere, força que desconheces e que se transformam em antipatia contra ti mesmo.

A obediência verdadeira haverá de nascer nos dois campos de entendimento nas ideias e nas ações. Quando fizermos algum mandado, que façamos tudo por Amor. Em todos os caminhos, Horta, encontrarás meios de fazer o bem, de fazer a caridade, de ajudar. Se pensas que estás sendo usado como pária, e enviado para os piores lugares como castigo, enganas-te, pois eis aí a oportunidade para que possas iluminar-te por dentro.

Quem serve a Deus não pode escolher o modo de servir ao próximo. Sê fiel aos teus compromissos espirituais, onde quer que seja, porque Deus está em toda parte, esperando pela parte que aos homens cabe realizar".

Quando dei por mim, já estava entrando em casa, e me pus a pensar nas minhas necessidades espirituais. De fato, eu era incorrigível; às vezes a boca não participava com fortes argumentos contra meus superiores, todavia, era mordaz nas ideias que saíam na sutileza dos pensamentos, colocando os meus colegas e, por vezes todo o clero, nas mais baixas posições

a que o pior pudesse chegar.

Tomei alguns goles d'água que a garganta exigia, e não tive outra alternativa que não fosse providenciar meios de viajar naquela mesma tarde. Sem demora, saí de novo à rua, talvez em busca de alguma inspiração, e notei adiante um carro-de-boi, conduzido por dois homens, carregado de variadas coisas de uso indispensável nas fazendas.

Notei que eu conhecia os dois mulatos, e eles, ao me verem, esperaram a minha aproximação com contentamento. Cumprimentamo-nos e fui logo perguntando para onde partiam com o carregamento. Fiquei feliz em saber que iriam exatamente pela mesma estrada que eu deveria tomar, em cumprimento à minha missão. Pedi uma carona. Dava para notar a satisfação dos dois em me conduzirem e eu, muito mais, em ir com eles. Boas companhias! ...

Partimos sem demora. Acomodamo-nos bem no meio dos sacos e o carro-de-boi, pelo peso, passou a cantar o hino peculiar, no encontro dos cocões com o eixo de madeira. Nós íamos a conversar, no nível que nos favorecia a alegria.

As estrelas começaram a aparecer no céu, como que olhos de Deus a vigiarem a Terra. Em uma descida difícil, com os bois "amarrando" o carro para que não disparasse, um dos canzils quebrou e um dos bois saiu de lado tornando-se difícil a parada do carro. Mas ele parou, fechado pelo barranco, quebrando-se também um cocão.

Os companheiros, atentos, tomaram todas as providências para que não acontecesse nada aos bois e à carga. Como estavam preocupados comigo, logo desci e os ouvi falar com simplicidade:

— Padre, temos de dormir aqui. Só amanhã de manhã poderemos consertar o carro e fazer novo canzil para a canga. O senhor deve dormir ali mesmo, em cima daqueles sacos. Nós nos arranjamos aqui

embaixo. Não há perigo algum, nada aconteceu, graças a Deus! ...

Pensei bastante no ocorrido e tomei uma decisão: continuar a viagem a pé. O carro era muito moroso, principal mente porque estava cheio, e, ainda por cima, quebrado. Falei com eles, agradecendo a companhia, e mesmo diante dos seus protestos, parti.

O céu, bastante claro, ajudava-me a vislumbrar o caminho e a saber onde pisava. Alta madrugada, as pernas já recusando a estrada, pude observar ao longe um vulto, que logo constatei ser um cachorro. Ao aproximar-se, me cheirou sem imprudência. Acariciei sua cabeça e ele voltou comigo fazendo-me companhia, no que senti grande alegria, porque não mais estava só; ele andava comigo, era a minha defesa.

O cão, que morava ali, me conduziu para a casa do seu dono, uma hospedaria à beira da estrada. Senti muita alegria ao chegar a uma pousada e o animal, todo alegre, abanando o rabo, corria e voltava para mim. Não precisei chamar o dono da pousada; o alarme do cachorro bastou para que ele se levantasse, vindo às pressas ao nosso encontro.

Era bastante tarde, porém, ele tinha o costume de receber viajantes a qualquer hora que fosse. Ao clarão das estrelas, que se postavam encantadoras no céu, pôde ele observar-me, e, logo que viu que eu era padre, o seu semblante mudou; não gostou do visitante. Cumprimentamo-nos cordialmente e entramos. Fui conduzido para o lugar no qual deveria dormir. Estava bastante cansado e o corpo pedia descanso. Dormi como um anjo, mesmo sendo homem pecador. Pela manhã, acordei disposto a enfrentar o caminho e a chegar ao ponto desejado, que ordenara o meu superior, mas, antes conversei com um daqui, com outro dali, e me descontraí muito pela variação dos assuntos.

A família do dono da casa me procurou, como sempre fazem os simples quando encontram um padre, achando que somos realmente representantes do Cristo. Trocamos ideias e pude, no

que sabia sobre discórdia, falar do antídoto dessa distorção das virtudes, dar algumas orientações para chegarmos à amizade, ao amor. Vi que o semblante da senhora iluminou-se, como o de suas filhas que a acompanhavam.

O almoço naquela época era cedo: lá pelas dez horas da manhã, já era hora de alimentar o estômago. A mulher, servindo a mesa, toda contente, e eu, já sentado, ouvi pelo meu *radar de audição*, aguçadíssimo, uma conversa ao longe, que pude registrar com eficiência ...

— Marido! . . . Esse padre é diferente dos outros, conversei com ele e estou animada para a vida. Eu desejo agora viver mais ao teu lado sem exigências que empanem meus bons sentimentos. Como é bom falar com um homem de Deus, qual esse reverendo! Que alegria, a que estou sentindo no coração!

O carrancudo senhor respondeu meio áspero:

— Que nada, mulher, todo padre é a mesma coisa! Eu não confio nessa gente; de nós, eles só querem levar o dinheiro. O clero está empobrecendo o mundo. A Igreja Católica é a empresa mais rica da Terra!

Pelo que ouço falar, Roma vive nadando em dinheiro. Até a cadeira do papa é feita de ouro! Você é muito boba, mulher! Os padres mesmos, nas suas pregações, falam que existem lobos vestidos de ovelha, e garanto que são eles!

E começou a rir diferenciando as palavras em tom sarcástico:  
\* <— Olha, mulher, se virarmos esse padre de cabeça para baixo, eu aposto que não cai um tostão que seja!

Ela saiu às pressas para me servir...

A mulher, meio triste, logo renovou a alegria, fazendo-se contente diante de nós.

Quando o ouvi falar que se me virasse de cabeça para baixo não cairia um tostão que fosse, lembrei-me do dinheiro que eu preparara para trazer na viagem. Fiei a mão no bolso e tomei um susto: esquecera-o em casa!

Perdi toda a fome, que não era pouca naquele momento. Custei a controlar-me e a tristeza invadia meu coração e os pensamentos desordenaram-se, diante da minha fragilidade mental.

Quis orar naquele instante, mas nem isso consegui. O dinheiro era a solução, pois a fama dos padres por ali não tinha classificação. As lágrimas quiseram descer às faces e as interrompi, desculpando-me como se fosse limpando a boca com o meu velho lenço ... Como são terríveis esses apertos!

Porém, como Deus não despreza ninguém, passei a confiar n'Ele, para que eu pudesse resolver bem aquele assunto. A conversa entre nós rodou sobre política, depois religião e terminou como sempre, em negócios, no domínio do ouro, enfim, na honestidade dos homens. E eu cada vez mais constrangido com o que deveria acontecer, estava até arrependido de ter feito aquela viagem. Mas, como fazer!? Se não viesse, seria pior ainda ...

Pensei nos carreiros, na simplicidade sem nenhuma exigência, dos animais que nos puxavam sem nada cobrar do seu árduo serviço. Lembrei-me do cachorro que me buscara à noite, no caminho, com toda a alegria, sem pedir nada em troca ... E aí, as lágrimas exigiram passagem, e, não tive jeito: deixei-as brincarem nas faces, denunciando os meus sentimentos, desabafando o peito oprimido.

O estalajadeiro, sorrindo, disse com ironia disfarçada:

— Como os padres choram com facilidade! Com certeza está se lembrando dos famintos, tendo à sua frente uma mesa farta ... Mas isso é da vida, padre! O mundo nunca mudou; sempre temos famintos por toda parte. São aqueles que não desejam trabalhar, e quem não trabalha não deve comer. O senhor não acha?

Algumas considerações foram tecidas pelas mulheres ali reunidas e eu, enxugando as lágrimas, não tive palavras, deixei que o silêncio falasse por mim, nos sons correspondentes a todos os entendimentos, e parece que deu certo: fiquei como vítima.

Foi se desanuviando o ambiente e retornamos à alegria, pela força das circunstâncias. Peguei uma garfada de feijão e comecei

a triturá-lo, extraindo-lhe o excelente sabor. Subitamente notei que os meus dentes, acostumados a tal operação, foram interrompidos por algo diferente, rangendo com o ruído peculiar ao encontrar um corpo estranho: era uma pedra.

Os companheiros da mesa puderam escutar, e o dono da casa chegou a falar:

— Pode jogar fora, seu padre, isso sempre acontece, é o feijão colhido em terreno batido, onde tem muita pedra, e escapa aos olhos da cozinheira ...

Mexi com a língua, encostando a pedra para um lado da boca, depois para o outro, querendo disfarçar. Mas, a pedra era grande, e não tive outro jeito senão pegá-la sem cerimônia, com os dedos.

Notei que ela tinha um brilho diferente das outras, e a sua dureza me fez crer que se tratava de uma pedra preciosa, e, não era outra coisa. Continuei a comer com satisfação, brincando com a pedra entre os dedos. O estalajadeiro, ao olhar para o pedregulho, reconheceu imediatamente tratar-se de um pequeno diamante de quase dois quilates, pois era comprador dessas preciosidades naquela região. Mudou completamente o seu tratamento para comigo; quis pegar a pedra em meus dedos, porém, pelo fato de ter saído da minha boca eu o recusei, dando certas explicações.

Ele insistiu em ver de perto e não tive outra alternativa; passei para ele a pedra. Verificou com atenção, dando para se notar o seu contentamento, virando-a nos dedos gorduchos.

Pedi para que ele a devolvesse e o companheiro mudou de assunto, na mais cordial fraternidade, me dizendo:

— Olha, padre, a sua vinda aqui em casa foi providencial. Nunca esse nosso cão de estima saiu ao pátio, à noite, e ele foi ao seu encontro. Essa mulher vivia reclamando da vida, e essas meninas querendo mudar desta casa para a cidade. Depois que conversaram com o senhor, modificaram as ideias, e isso para mim é o céu.

E para que eu não me esqueça mais nunca do senhor, padre, eu quero ficar com essa pedra, mesmo sendo ela comum como tantas outras que há por aí, como lembrança do que o senhor fez por mim e por minha família.

Por favor, diga que ela pode ser minha. Será minha relíquia ... O senhor é um homem, verdadeiramente, de Deus. Quem não nota isso? Até os animais reconhecem!

Eu, sem jeito, olhei para seus olhos e vi dentro deles a usura palpitando. Falei sem constrangimento:

A pedra é tua, meu irmão. Encontrei-a dentro de tua casa. Que Deus te abençoe na tua fé, mas, quando estiveres em dificuldades, não te lembres de mim, que nada sou diante da vida; lembra-te de Deus e de Cristo, que nos dirigem a todos.

Ele, todo alegre com a dádiva, bateu de leve em meu ombro, dizendo com bom humor:

— Padre, o senhor não precisa pagar nada nesta hospedaria! Para o senhor é tudo de graça. Cobrar do senhor é cobrar de Deus, e que Ele me livre desse ato de heresia.

Levantei-me da mesa, despedi-me e me pus a caminho das minhas obrigações, agradecendo a Deus pela oportunidade de desprendimento, mas, em seguida sorri para o infinito e pedi igualmente ao Senhor, o direito de fazer um desabafo, mesmo sozinho na estrada. E como Deus não respondeu, eu falei em voz alta:

— Essa foi a pousada mais cara de minha vida!

## 18 A CAMINHO DA VIDA

Penso na morte: mais na vida.

Fico triste, depois alegro-me.

E algo me fala: — "Fala, José!

Quem serás tu?... O que tu és?"

Torno a pensar no Céu, na Terra, no mundo, e bate-me acelerado o coração. Ele fala e não fala. E- le pensa e não pensa. Profundo, ele conhece os caminhos da vida, os caminhos do mundo.

As mãos se erguem diante do infinito, sem compreender os mistérios do Senhor. A mente as acompanha em êxtase de esplendor. E pensa no pensamento, na dor... E eu, como fico?... Devo andar sem limites. Andar... Andar sempre. Buscar os segredos do inocente, pelas vias da intuição. Devo andar, complacente... Cantando e sorrindo, sorrindo e cantando dentro da lição de ajudar, e compreender que Deus trabalha em tudo, operando em todos os sóis. E surge a vida. A vida é procurada em todos os ângulos; é estudada, é lida. Tu que me ouves, fala, respondi Tu que me vês, tu que me sentes, diz para que eu ouça: Conheces a vida? Ninguém responde... Silêncio, a harmonia é o ambiente; não responde nenhum crente, por temer não acertar. Quem sou eu? Quem sou, eu vou falar. O mistério dos mistérios, onde vibra o desconhecido, e fala, sem dizer, algo de esperança. Fala de caridade, fala de perdão, fala da alegria, fala do amor na linguagem do coração! A vida vibra... na tela da emoção. Ela canta nos espaços, e- la divide os tempos, ela fraccio- na as horas em minutos, segundos e momentos. Ela ganha os Céus, ela domina a Terra, se mostra nas planuras longínquas e nos sons indescritíveis das serras.

A vida é Deus, na solução da permuta. A vida é CRISTO que se pôs à escuta, do que deveremos fazer da própria vida. A vida é força ju-\* venil, a vida é o nosso céu de anil. A vida, meus filhos, esplende com mais fulgor, no Brasil. A vida para nós, despertou nas conchas de luz... saída dos lábios do Santo dos santos, nos braços da CRUZI

# 19 NOÇÃO DE JUSTIÇA

Pelo que sabemos, as leis de Deus estão por toda parte, vivas e quase falantes. Todos os homens e animais conhecem essas leis, sentem-nas palpitando no íntimo como sendo o próprio Juiz Supremo a distribuí-las para todos os seres, para todas as coisas . . . E isso se chama Justiça.

Fui chamado às pressas para ver uma criancinha doente, em um sítio próximo da cidade em que eu morava. Como era domingo, tudo facilitava a minha ida. O povo em geral, nesses dias, bem como nos feriados, sente mais alegria por não trabalhar e dispensa a gente de muitas obrigações e certos deveres sociais.

Demandedei com rapidez para o casarão de certo senhor, que nunca se esquecera de nós nos seus apertos, principalmente nos de família. Nós éramos sempre a solução para ele, que esquecia com facilidade determinadas leis que precisavam ser observadas, no sentido de que a paz de consciência pudesse instalar-se em seu coração, embora estivéssemos sempre a recordar ao querido irmão, tais leis. Chegamos à residência confortável. Muitos criados iam e vinham com ordens determinadas, roupas limpas, olhos vivos e ouvidos na mais perfeita sensibilidade, sempre prontos a

atenderem gestos e sinais dos seus senhores.

Confesso que não me sentia bem naquele ambiente de muito mando. Tinha experiência própria na comunidade à qual pertencia, por provação, no entanto, precisamos de determinadas corrigendas que não são atribuídas aos anjos.

Fomos recebidos com grande reverência, como sempre acontecia, e depois de todos os cumprimentos, veio o assunto, pelo chefe da família:

— Padre, pedimos para o senhor vir até aqui, pelo fato de a nossa criança, que o senhor já conhece, estar à beira da morte. Já foi levada a todos, ou a quase todos os médicos da redondeza, sem nenhum proveito.

Não sabia o que fazer e nos lembramos de que a sua presença pudesse resolver este problema de difícil solução. Rogamos a Deus que nos ajude, e que o senhor nos abençoe com a bondade que nunca faltou em seu amável coração.

Fez uma pausa e falou, como se estivesse inspirado:

— Padre! Sei que o senhor é um santo, dentre os muitos da Igreja de Deus, e que poderá nos abençoar a todos, especialmente a essa criança inocente, e curá-la na paz de Jesus!

Pude observar o anjinho vestido de carne, em rico leito, onde as rendas ofuscavam a nossa visão e o brilho dos metais levavam a atenção dos visitantes, para as coisas efêmeras... Estava, realmente, esquelética; mal respirava, mostrando o contorno de todos os ossos, como se já houvesse abandonado o corpo.

Orei ali com o fervor que pediam os meus sentimentos. Pedi ao nosso Mestre que ajudasse aquela criança e que abençoasse aquela casa, mas que se fizesse a vontade d'Ele e não a minha, imperfeita e incerta.

Terminada a oração, tive vontade de ir ao quintal, e não fui impedido de concretizar tal ideia. Andei na grande área toda

cuidada pelos servidores, ali firmes no trabalho. Busquei Deus mais de perto, o que não ocorreu dentro da casa. Soprava um ar fresco e minhas narinas o aproveitaram enchendo os pulmões de energia pura. Contemplei as árvores, em cujas folhas os ventos brincavam, e a minha mente viajou livre no encanto da natureza. Por alguns instantes, meu coração sentiu o aroma da felicidade, bafejado pela vibração de natureza humana e celestial. Andei mais um pouco e pude observar uma cadela com quatro cachorrinhos. Procurei vê-los mais

de perto e encantei-me com o ato mais sublime da vida: a mãe cuidando dos filhos.

Nisto, uma servidora da casa apareceu, trazendo um pequeno cesto com quatro pães, pediu-me licença e deixou no limpo piso, o alimento para os cãesinhos. Estes, ao verem-no, avançaram como crianças na hora de comer; todavia, um deles era atrofiado e mal podia andar. Os outros três, na sua jovialidade dinâmica, apossaram-se cada um do seu pão.

O primeiro, mais esperto, comeu o seu e desejou o outro pedaço pertencente ao doentinho. A cadela-mãe, quando notou que o cachorrinho atrofiado ia ficar sem alimento, pela ganância do outro, levantou a pata, pisou em cima do pedaço de pão e rosnou com energia.

O filhote usurário abaixou a cabeça e recolheu-se ao ninho costumeiro. Observei que a mãe olhava para todos os lados, para ver se havia mais pedaços de pão; ela também tinha fome, e o demonstrava pela saliva que escorria de sua boca, mas, não vendo outro, esperou o último cachorrinho e quando este chegou perto dela com dificuldade, ela retirou a pata de sobre o pão e mudou o semblante, de modo a ofertar com carinho a porção de alimento para o filho.

Fiquei maravilhado com a noção de justiça da cachorra. Como eu aprendi com isso! E aprendi ainda mais, a renúncia, pois ela também tinha fome. O mais interessante foi observar que a cadela

também sabia contar, pois quando a servidora deixou os quatro pedaços de pão no solo, ela passou os olhos em todos e eu li em seus olhos a lembrança dos quatro filhos, e ela não comeu nenhum, mesmo tendo fome.

Voltei para dentro da casa, tornei a olhar a criancinha, já com sinais de melhora, e tive uma ideia: perguntei à senhora "X":

— A senhora amamenta esta criança? Ela aceita o leite?

Veio a resposta constrangida:

— Não, padre. A preta Maria tem um negrinho de quase a mesma idade, e ela está aqui para isso. Eu não tenho tempo, pelas muitas obrigações que a nossa posição impõe.

Como o senhor sabe, os servidores existem para isso, e o leite dos negros é recomendado pelos melhores terapeutas ...

Senti uma punhalada no coração ao ver e sentir a injustiça ante a escrava. Pude notar que o filho da servidora estava raquítico, por falta de alimento natural, por faltar-lhe o leite da mãe, ao qual ele tinha direito. Pedi para que todos saíssem do quarto, ficando a sós com a senhora e falei-lhe com energia:

— Olha, minha senhora, se quiser salvar o seu filhinho, amamenta-o com o seu próprio leite. O leite de Maria não serve para ele, e, ainda mais, o filho dela está morrendo igualmente, e é de fome. Faça isso, pelo amor de Deus!

A mulher, apavorada, respondeu com temor:

— Padre, será isso?

Respondi com segurança:

— É isso, e que Jesus a abençoe para que o seu amor de mãe possa sair pelo leite e curar o seu filho!

Daí a duas semanas soube que as duas crianças estavam perfeitamente bem, e, como eu havia feito seguidas orações à noite, pelas crianças em questão, sonhei com um médico muito meu conhecido, quando estava vestido de carne, dizendo-me:

’fer Olha, padre! Aquele dia em que foste àquela fazenda ver a criança enferma à beira da morte, eu também fui e te inspirei sobre o que devias fazer.

O mal da criança do casarão era o ódio de Maria, que a atingia na intimidade do leite, que era obrigada a dar ao filho da patroa. E o dela estava realmente morrendo de fome, porque no leite, esteja certo, vai algo que a ciência mais tarde deverá reconhecer: uma coisa divina que se chama Amor, e isso acontece da árvore para o fruto, do animal para os filhotes e da mulher, como nesse caso, para a criança.

Continua José, acertando os desacertos e — continuou sorrindo — nunca deixes de observar a justiça da natureza, a justiça de Deus, operando em toda parte, que tudo se restaurará.

Acordei sorrindo e propondo a mim mesmo ser mais fiel à justiça, onde quer que estivesse.

## 20 ROGATIVA DO IDOSO

Senhor de toda a humanidade! ... Não Te pedirei nada, por saber que és onisciente de todas as necessidades. O que necessitamos, já nos deste pelos canais que achaste conveniente. Agradeço-Te pela Tua constante manifestação de carinho e amor para comigo. Através da natureza, já recebi o ar que respiro, a água que mata minha sede, o calor do sol que me fortalece a vida, os alimentos gerados na terra e as abundantes matérias para as vestimentas ...

Vejo tudo descendo do céu, fonte inesgotável que nunca faltou em favor de todos os seres. Como velho, sinto falta somente da parte dos homens, daquela que toca a eles fazer; por isso, é a eles que vou dirigir minhas palavras.

Disse Jesus: "Pedi e obtereis". Meu filho, peço-te ouvir-me! Desejo que me ouças, por amor a Deus! Somos milhões, sofrendo o

desgaste imposto pela própria lei natural. Nada podemos fazer para nos tornarmos jovens nesta mesma matéria que ora vestimos. Nascer e morrer é lei irremovível, processo de despertar da alma para os sentimentos mais elevados. A reencarnação é a porta estreita que nos leva ao aprimoramento espiritual; por vezes, recusamos a dor e a troca de veste física, todavia, elas existem para o nosso bem. Se assim não fora, Deus não criaria tais meios, tais processos de evolução.

Queremos pedir, principalmente àquele em que a juventude está florida pela energia e pela saúde, para nos ajudar. Que nos procure onde estivermos, e venha conversar conosco, trazendo o calor da alegria e da esperança, porque nos sentimos abatidos. O corpo já não nos fornece meios para que possamos fazer o que fazíamos quando jovens. Temos vontade de correr, de cantar, de frequentar os meios sociais, de viajar como antes; no entanto, o corpo não suporta mais nem mesmo as emoções dos divertimentos. Ouve o nosso pedido! Tu estás no mesmo caminho nosso; amanhã serás idoso também, e não desejamos que passes o que estamos passando. É muito triste a solidão! ...

As casas que recolhem os anciãos são bênçãos de Deus, reconhecemos. No entanto, queremos ver, ouvir a palavra da juventude. Sentimos carência do ambiente das crianças, pois essas são as que chamamos de visitas renovadoras. Poucos sabem o quanto valem para nós, uns minutos de conversações e de presença, onde esperamos e temos a certeza da chegada da libertadora, que desliga os laços que nos prendem ao corpo.

Vem nos ver, pedimos novamente! Se nada tens para nos trazer, traze o que Deus te deu com abundância: a palavra, as histórias ... Conta-nos algumas coisas que o progresso te doou, e, se possível, alguma coisa que a tua religião pode nos oferecer, em

termos de esperança, já que estamos de partida. Já sentimos o sinal a nos falar alto: Vamos!

Somos muitos, jogados nas ruas, sofrendo o frio da noite e às vezes até a fome e a nudez. Quantos estamos no ambiente agrário ... Ficamos afastados completamente dos jovens, por estes não gostarem dos nossos assuntos, sempre repetitivos.

Pedimos que nos perdoes. O aparelho físico se desgastou em todas as modalidades de trabalho. Vivemos dentro dele pelo querer de Alguém que entende o que é a vida, por isso estamos pacientes, esperando.

Sabemos que a família à qual pertencemos por misericórdia do Senhor, sofre conosco. Somos espinhos ou entraves na casa em que vivemos, mas, pedimos por Deus, tem paciência mais

um pouco, e nos ajuda a aprender o que a juventude já sabe, por merecimento.

Confiamos em ti e pedimos, em nome da vida, que faças cumprir esse dever espiritual, e todos seremos felizes, e essa felicidade, no amanhã, será festejada em teus caminhos.

Quase todos os dias choramos em silêncio, pedindo a Deus que nos ajude a conversar com os homens sadios e jovens, e que aproxime de nós as crianças, porque todos para nós, representam a vida pulsando em um ritmo de luz. Esperaremos!

Que Deus te abençoe.

## 21 A FORÇA DO EXEMPLO

Atravessava eu uma faixa muito negativa. Naquele ano, tudo para mim acontecia ao contrário; poderia dizer que era um ano de contradição.

Fazia minhas orações, tanto em casa quanto nos templos, lia permanentemente os melhores livros, rebuscava sempre o Evangelho, meditando em seus conceitos, e, pela fé, bebia aquela

água que Jesus dera à samaritana. No entanto, a minha sede era insaciável, e o constrangimento *por* dentro do coração não me dava sossego. Eu já me levantava triste e deitava com melancolia no peito. Monologava no silêncio do aposento: ^ Será, meu Deus, que não encontro uma *saída para libertar-me desse* estado depressivo?

*Vinha-me a ideia de procurar um especialista neste ramo de enfermidade, mas logo passavam tais pensamentos*, e eu continuava com a dor *que mais dói na vida: era a consciência me acusando de algo que eu não sabia bem o que era.*

Como o ser humano é cheio de problemas, e como as religiões são fracas para ajudá-los!...

Tive outra ideia: a de recorrer a um companheiro religioso, fora do ambiente em que vivia. Procurei um irmão em quem eu podia confiar e ele recebeu-me com toda a amabilidade. Era de fato, um padre que conhecia as necessidades dos seus semelhantes, e o seu coração não esquecia o amor.

Senti imenso conforto em conversar com ele, porém, continuei sofrendo uma espécie de amarra por dentro, um fechamento de sentimentos. Nada me agradava, nem mesmo o Bem.

Em casa, coisa que nunca tinha acontecido, eu mudara o comportamento para com os meus familiares; quando dava por mim, já havia pensado e falado o que não deveria pensar, nem falar.

E todo mundo dizia:

Horta mudou de vida; ele está doente e não quer admitir.

Eu estava assustando a todos os meus amigos, dentro e fora do clero.

Numa manhã muito clara, em que o céu estava bem azul, levantei-me bem cedo e procurei uma estrada, a qual eu seguia

como companheira de solidão. Graças a Deus, nunca me esqueci das orações, e eram elas que me confortavam um pouco. O sol ainda não tinha beijado plenamente o solo terreno, e o sereno nas folhas era amostra da madrugada

...

Notei que no mesmo caminho, em sentido contrário a mim, vinha uma pessoa. Firmei a vista e pude constatar que era um homem robusto, solfejando uma canção sertaneja. Reconheci que era um velho amigo, sitiante e sofredor, cujo fardo o destino não deixava aliviar; entretanto, ele não se esquecera da alegria. Ele também me reconheceu e sorriu ao me encontrar, dizendo:

Padre, para mim, encontrar o senhor é um grande contentamento. Estou com o dia salvo, graças a Deus!

Fiz questão de tocar-lhe nas mãos calejadas e sentir de perto o seu calor. Conversamos alguma coisa referente às famílias, ao bom tempo, sobre a lavoura, e juntos agradecemos a Deus por tudo o que estávamos recebendo, por misericórdia.

Vi em seu semblante o contentamento e, no meu íntimo, sentia como que um gosto de fel, cuja procedência eu desconhecia. Havia muito interesse em sua conversa para comigo, e fiquei a pensar.

O camponês, aliviado do compromisso que abraçara, pediu licença para me falar mais na intimidade, e eu o deixei à vontade, coisa que não

faziam os nossos colegas. O povo tinha de se manter mais à distância, pelo respeito aos representantes dos Céus, fato com o qual nunca concordei, por achar que todos somos filhos de Deus.

Ao lado, o caminho se bifurcava, e entramos para escapar aos olhos dos transeuntes, para que não perturbassem a nossa conversa que, pelo jeito, deveria ser muito extensa.

Andamos um pouquinho em silêncio. Eu, pensando nos meus problemas, e ele, talvez, buscando meios mais práticos para me dizer que deveria transmitir-me uma mensagem, a qual, depois de

ouvir, achei ser o de mais belo que os meus ouvidos puderam escutar na Terra!

Alcançamos uma mina d'água borbulhando o líquido precioso; tive sede e experimentei bebê-la. Que coisa saudável! Ele fez o mesmo, ensinando-me como beber por intermédio de uma folha, dobrando-a e segurando com os dois dedos. Sorvemos água à vontade, no seio da natureza. Eu já me sentia muito melhor. Sentamo-nos em duas grandes pedras, contemplando o burburinho do nascer das águas dentre as rochas, que a natureza arrumara.

Izídio Hera o nome do companheiro —olhou para mim com simplicidade e falou-me ao coração:

— Padre, eu pediria sua permissão para dizer ao senhor algumas coisas que talvez não o alegrem, porém, não sou eu quem vai falar: é um recado que trago, não sei bem de quem é; só sei que é coisa boa. E, se o senhor não aceitar, me perdoe, ficará somente entre nós dois. Nasceu e morreu aqui.

Mas só falarei, se o senhor me perdoar, no caso de não gostar, porque, irmão Horta, eu o considero como pai e tenho o maior respeito pelo senhor.

Fiquei intrigado com o assunto, mas, como essas coisas sempre aconteciam comigo, fui logo perdendo o receio, e ficando a querer saber de que se tratava. Respondi com amabilidade:

— Pode falar meu irmão, pois nunca reprovarei as coisas de Deus, desde quando forem ideias nobres. Onde Jesus é o tema, fico alegre. Agradeço-te pelo teu interesse em me falar. Fala! Fala, meu filho, o que quiseres que eu ouça.

Naquele momento, pude sentir pelo que eu *conhecia de sua vida*, que as palavras não eram *verdadeiramente dele*; havia alguma interferência *naquele recado de Deus* para o meu triste coração.

*Ele*, com respeito à minha pessoa, esperava a minha nova aquiescência para falar. Notei o silêncio, e, ansioso pela notícia,

disse com expectativa:

— Começa, meu filho, fala o que *deseja*, em nome de *Deus!*

Izídio disse com *ponderação*:

— Olha, padre, eu não sei se vai lhe agradar, porém, o que vou falar para o senhor *vem* de Deus, eu tenho absoluta certeza. *Não sei se* o senhor conhece uma preta velha que tem o *nome* de Rochedo. Ela sofre muito. Eu sei, porque tenho acompanhado a sua vida há muitos anos. É uma criatura, não digo santa, porque os santos são escolhidos pelo clero romano, e ela não é romana, é filha desta terra aqui, oriunda de escravos que vieram para essa região, trazidos pelos portugueses. Se hoje eia não é escrava pelas leis dos senhores de engenho, é escrava, padre, pela dor e pelas contingências de família.

A paciência dela, e o que ela aceita sem reclamar, é impossível para um ser humano. Eu, no lugar dela, já teria feito coisas que somente a cadeia pode contar, e os rábulas descreveram para quem não sabe. Rochedo tem muitos tipos de doença; já teve onze filhos e tem um marido terrível que, ao beber, surra-a todos os dias. Parece que ele sente necessidade de bater nela.

Eu vou à casa desta irmã de vez em quando, mas peço a Deus que não me deixe ir lá e presenciar certos espetáculos, dos quais o companheiro dela é o artista, porque eu tenho certeza de que eu iria para a cadeia. Deus me livre!

Eu já estava impaciente com Izídio; queria saber o que ele estava querendo me falar e não estava suportando mais a demora. Disse-lhe com energia:

— Vamos, meu filho, fala o que tens a dizer! Eu quero ouvir o recado que vieste trazer-me.

Izídio olhou novamente para a fonte, bebeu mais uns goles

com prazer, raspou a garganta, acomodou-se no lajedo de onde saíra, e falou com segurança.

- — irmão Horta, eu passei uma época triste em minha vida, há uns meses atrás, e uma pessoa me levou à casa de Rochedo. Lá eu encontrei a paz. A partir daí, frequento sempre a casa dela, e notando que o senhor está cada vez mais triste .. . Há muito tempo que Rochedo, quando dorme, fala coisas maravilhosas para a gente, e eu pedi pelo senhor em uma vez dessas. Ela me disse que o senhor estava mesmo sofrendo de umas coisas que eu não iria entender, mas que ela queria conversar com o senhor urgente, e que eu desse o recado.

Quando nos encontramos neste caminho, eu ia para sua casa dar-lhe este recado, mas, como Deus é bom, trouxe o senhor aqui, para que conversássemos no caminho, na casa da natureza tomando essa água do céu, abençoada por Ele.

Este é o recado, padre. Que o senhor me perdoe se errei; sou apenas um carteiro, apenas um carteiro. Me desculpe ...

Os meus pensamentos viajaram por todas as experiências que eu tinha tido. Quando ele me falou que Rochedo dormia, pude constatar que falava por seu intermédio alguma entidade, mas logo veio em minha mente: o que poderia ser? Rochedo era muito ignorante, coitada, e o que poderia saber das coisas sutis do espírito?

Como eu me enganei! Depois, pude sentir que Deus está em toda parte, e não escolhe lugar para falar, na determinação dos homens. Fala onde quer que seja, como disse Jesus, comparando o espírito com o vento: "ele sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas ninguém sabe de onde ele vem, nem para onde vai..." — João, 3:8. As coisas de Deus não estão presas, às vãs filosofias dos homens; elas são livres.

Olhei para Izídio com ternura de pai e falei ao seu coração:

— Meu filho, eu estou sentindo a verdade em tuas palavras.

Eu sou padre católico, romano, mas irei lá e atenderei ao pedido de quem me chama. Se essa é a vontade de Deus, que se faça.

O camponês, todo alegre, beijou as mãos daquele que sofria mais que ele, e partimos juntos.

Quando estávamos chegando à casa de Rochedo, ele, *que andou calado por todo o caminho*, me *disse com determinação*:

— Olha, padre, eu tenho uma *ordem*, também, a observar.

Paramos juntos e ele explicou:

— O senhor espera aqui, enquanto eu chego lá, e, na hora que Rochedo *dormir* eu venho te chamar para conversar com ela *dormindo*. O senhor pode fazer isso?

Respondi :

— Sim, sim, perfeitamente ...

Daí a momentos, vi ao longe uma *mão* acenando e parti para lá. Vi realmente a Rochedo toda transformada. O camponês quis sair e eu pedi para que ele ficasse. A minha vida *não* tinha *segredos*; *ele* poderia ouvir. Notei que a preta velha *alegrou o semblante* naquele gesto meu, e falou com *contentamento*: — *José! Quem te fala é Agostinho, aquele a quem denominam de santo, que pôde nascer em espírito e viver para as coisas de Deus. A Igreja Católica Apostólica Romana é mesmo uma mãe para todos aqueles que tiveram como experiência uma vida, ou vidas, sob a sua égide. Não podemos desdenhar o que muito nos serviu para o nosso despertar espiritual, pois somos almas imortais dentro da eternidade.*

Nós escolhemos, sim, instrumentos para falar aos homens, mas, não pelos modos selecionados pelos homens; não é pela posição, nem pela intelectualidade presente, e sim, pelo coração. Estás sofrendo muito, por isso é que pedi para o nosso irmão te chamar... Vejo tudo e conheço todos os teus passos, mesmo aqueles que vais dar. Toda a agressão dos teus superiores surge

como testemunhos para o teu caminho. Se te revoltares contra as violências, não aproveitarás as lições.

Tu és obediente; todavia, os teus pensamentos são potros indomáveis e incorrigíveis. Continuando assim, sofrerás mais. A humildade, meu filho, não pode ser somente exterior; a verdadeira procede de dentro do coração. Não deves preocupar-te se os outros, e principalmente os teus superiores, vivem o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo ou não; faze a tua parte e esforça-te para vivê-lo.

Se nós construirmos os nossos próprios destinos, Deus fará o resto, como tem feito. Agradece a quem te fere, provando a tua fé, porque quem te ama não te ataca. Agradece a quem te calunia, experimentando, assim o perdão, porque o verdadeiro amigo não te julga. Agradece, José, aos que exigem de ti até o impossível, porque eles medem, para ti, a tua própria força, mostrando o quanto precisas melhorar na escola de Deus.

Não blasfemes em hora alguma e em nenhuma circunstancia, porque os nossos sentimentos estão temperando o intimo de todos os problemas da Terra, para que a luz nasça em nossos corações. Não julgues a ninguém por seres julgado. Anda paciente no clima do bem comum, sem esmoreceres, e a vida haverá de te premiar com o reino da tranquilidade imperturbável, no centro da consciência.

Lembra-te de que o clima dos anjos é a caridade que não descora com as exigências, e que não se perturba com os valores transitórios. Compadece-te dos que sofrem, ajudando-os, e | não sofrendo com eles para que não lhes aumente os sofrimentos. Sê reto e verdadeiro, onde *houver* forças que possam suportar tal retidão e *tal verdade*. A luz do sol, diretamente, sem interferências, *poderá* queimar ou matar as criaturas. Sê *humilde*, mas não tolo. Tolerante, mas não *conivente com erros que possam* desorientar a

*coletividade.*

*O que estás passando, é o teu passado entornando no presente qual o copo que transborda; é o sujo que está se esgotando. Dá graças a Deus e lembra-te de que toda reforma custa um preço, por vezes exorbitante aos nossos olhos imperfeitos. A dor, em qualquer dimensão, á terapia para a alma, bem como conserto para o corpo. Continua trabalhando e exercitando as qualidades elevadas, e tem como Guia dos teus caminhos, o Cristo. Que Ele te abençoe sempre.*

Fiquei engasgado ao ouvir tamanha lição. E, de onde? De um grande santo venerado pela igreja, mas, pela boca de uma preta velha que se chamava Rochedo. Antes que ela acordasse, eu saí, ficando o nosso Izídio para despistar o ocorrido com Rochedo. Ela, com certeza, não poderia me ver ali. Um padre! ...

Foi tão bom para mim, que daquele dia em diante mudou muito a minha vida, pois passei a encontrar sempre meios para me livrar das tristezas e de muitos infortúnios, e ainda ajudar muita gente.

Combinei com Izídio e, sempre que precisávamos, voltávamos lá, e falei, a bem da verdade, com muitos santos. Que alegria, a que eu tive! E que lições maravilhosas! Bem que Izídio tinha me falado que Rochedo, quando dormia, falava mais bonito do que todos os oradores juntos! Antes eu não acreditara, mas quando presenciei o seu sono, passei a crer nessa verdade.

E o exemplo da vida de Rochedo? Sua aceitação, seu sofrimento sem reclamação, para mim foram as melhores lições que tive na vida.

E quantos Rochedos não existem no mundo? Eu bem os conheço: estão escondidos em roupagens simples, mas com uma vida educativa para todos nós, porque ensinam pelo exemplo e suportam todos os pesos do destino sem blasfemar.

O que transcrevi aqui, que Santo Agostinho me falou, é pálida imagem do seu dizer; ele, grande doutor da Igreja no IV século

depois do Cristo, mostrou ao mundo, pela sua coluna teológica, grande renovação espiritual, e mesmo em vida, já aceitava a reencarnação, o que podemos ler nas entrelinhas dos seus escritos famosos. Foi um santo que teve a coragem de fazer a sua auto-biografia, mostrando com mais ênfase o que fez de errado e o valor da transformação que gerou em seu íntimo pela força da fé e da compreensão mais profunda das coisas de Deus.

Vejamos como ele falava sobre a pluralidade das vidas: "Se eu pudesse dizer, eu diria que Platão era Plotino, pela compatibilidade de seus ideais". Quem tem olhos, que veja!

Abracei Izídio muitas vezes e beijei-lhe as mãos, mesmo sem ele querer, pela notícia que me trouxe e pela paz que pude conquistar ao ouvir a mensagem.

Não era para eu supor que um dos maiores tribunos da igreja pudesse me falar por intermédio de uma preta velha, assediada por variados

tipos de enfermidade. Só depois fiquei sabendo que as dores são antenas de luz, por onde os Céus podem descer à Terra, fazendo com que todos os que sofrem ouçam a mensagem de esperança e salvação.

Compreendi, assim, que o exemplo é a maior força de educação entre nós.

## 22 CARIDADE ATIVA

Consultando o empenho da natureza em nos ajudar em todos os rumos que lhe cabe atuar, notamos como a sua caridade é ativa por excelência; não perde um só segundo, desempenhando o papel de mãe, como doadora incansável, em sofisticados trabalhos, para garantir a harmonia dos vários reinos, dando exemplos inumeráveis de solicitude, de amor e de justiça.

A *literatura da natureza* universal é imensurável. Os livros são infinitos, escritos por Deus nas *páginas da criação; todavia, necessário se faz que aprendamos a estudar neles.*

*Deves notar que em cada centímetro do espaço que te rodeia, existem páginas e mais páginas escritas que podes estudar, se já tiveres aprendido essa arte divina de ler as coisas de Deus, onde elas estiverem.*

*Uma árvore é um mundo, com todas as suas qualificações de vida, e sempre diferente uma da outra. Ao nos aproximarmos dessas nossas irmãs do mundo vegetal, tudo nos parece em silêncio; entretanto, a quietude é verdadeiramente aparente. Ali, naquela estrutura, canta a mais linda harmonia, que fala de modo peculiar a sua linguagem e ensina os mais belos conceitos de justiça e de beleza, de paz e de trabalho, de fraternidade e de amor. Assim acontece com o animal, o homem, e mesmo os astros, os ventos e as águas ...*

Moramos dentro da biblioteca divina, que nos convida para o aprendizado, sendo a instrução nessas páginas naturais, puras, os verdadeiros conceitos da própria vida. Os livros escritos pelos homens são pálidas cópias da natureza.

O processo que deveremos usar para principiar o nosso entendimento com as coisas naturais é a oração. Saber orar significa dar os primeiros passos ante o aprendizado. Quem nega o valor transcendental da prece, ainda não atingiu, nem sentiu, o ambiente harmonioso da conversa que podemos travar com o Criador de todas as coisas.

Se ainda não o fizeste, experimenta, meu irmão, orar com fé. Podes ligar a tua mente com a Mente Maior, pelos fios do

pensamento, e notarás uma força vigorante penetrar em teu coração, vinda do coração de Deus!

A súplica é uma ciência, e das mais engenhosas. Ela sustenta a vida, enriquecendo-a. Jesus, o Mestre dos mestres, a usou e ensinou aos Seus discípulos como orar. O Senhor está sempre presente; nós outros é que criamos, pela ignorância, a Sua ausência, e nos isolamos dos fluidos benfeitores, por não abrirmos as portas do coração com a chave mágica da vivência do amor. E para nos colocarmos permanentemente no céu, junto aos espíritos superiores, é nosso dever entrarmos nas linhas da caridade ativa e nos tornarmos um sol na constelação de Jesus.

Nunca debes pensar que és homem e que, como tal, estás distante da perfeição! É pelos pés *humanos que* começarás a sentir os primeiros raios *do Sol Divino*, que ajuda a ritmar o coração de *carne*, para a iluminação da própria consciência!

## 23 ATÉ O SANGUE DE CRISTO

Tive a oportunidade de ir à “Cidade Maravilhosa” e não perdi tempo; daí a poucas semanas estava eu na grande metrópole, respirando as baforadas do mar, o gigante de água, cheio de encantos e fenômenos que tanto admiramos.

Ali a geografia da natureza pôs um quê de beleza, guardando no coração da cidade a alegria de que desfrutam os seus habitantes em variadas épocas do ano.

Andando nas praias, lembrei-me profundamente dos primeiros desbravadores desta nação, e os meus pensamentos os buscaram onde estivessem, agradecendo-lhes os trabalhos

monumentais da colonização deste país, onde a Luz se faz veículo para todos os comportamentos educativos das criaturas. Será este o maior berço de entendimento a'ajudar a todas as nações no desempenho da fraternidade legítima.

Os meus olhos não se cansaram de olhar para o Atlântico, talvez, quem sabe, recordando, pátrias distantes. Por toda a vida tive saudades de lugares que o próprio coração desconhecia. Se passei por lá, através de outras vidas, assim pensava, a consciência não podia me revelar, para não causar maiores desastres junto àqueles que já me faziam sofrer, por força do destino.

Depois de encher minha visão e minha mente das belezas naturais, depois de todo aquele encanto penetrar em meu ser, por encantos mil, passei a pensar nos sofrendores nas favelas do Rio de Janeiro e tomei outro destino, indo no rumo de uma delas, que todos já conheciam pelo seu porte e ambiente degradante.

Não tive pressa; fui subindo o morro passo a passo, trocando, de vez em quando, alguns cumprimentos. Um padre, nesses lugares, é sempre coberto de reverências. Eu parava várias vezes para dar maior atenção e conversar com quem passava. Nisto, um mocinho interrompeu-me, dizendo:

c Padre, o senhor, como se chama?

— Horta.

— Padre, por Deus, vai lá em casa agora! Eu levo o senhor, é urgente, o meu pai quer matar a minha mãe. Ele é perigoso e minha mãe não é menos violenta! Está para acontecer uma desgraça! Eu tenho outros irmãozinhos pequenos! Não devemos conversar muito! Vamos logo!

Senti um calafrio na espinha. O que fazer? Sabia da fama daquelas favelas; eu era padre e não polícia. Se eles não respeitavam nem os soldados, quanto mais um padre! No entanto,

lembrei-me da grande arma que todos podemos possuir: a fé e a coragem, nascidas da oração, e pus-me a caminho com o pequeno guia.

Percorrer os caminhos para chegar ao barraco, só mesmo sendo guiado, do contrário, nunca chegaria lá. As pernas precisavam de muito treino para resistir às subidas e por vezes descidas íngremes. Os favelados são verdadeiros alpinistas!

O jovem foi chegando, abrindo a porta e dizendo:

— Entra, padre!

As pessoas lá dentro se assustaram, e eu muito mais. Firmei meu pensamento na nossa Mãe Santíssima, pedindo a ela para nos ajudar na conversa naquele lar, ao qual eu fora chamado em nome de Deus, por aquela criança. Adentrei-me, desarmando o casal com uma saudação cristã e com um tom que pudesse manifestar amor por todos eles. O rosto do homem parecia em brasa. A mulher estava alterada pelo ódio, de maneira que as veias do seu pescoço denunciavam grande agitação. Quase que fui tomado pelo desespero, pois a influência do mal era demais, naquele ambiente.

Os outros filhos correram para os vizinhos, pois não quiseram interferir na briga do casal, por conhecerem a violência dos pais. Eu tentava, às vezes, fazer uma oração, mas perdia a sequência da prece. Tive um pouco de medo; parecia que a minha fé era pouca para sustentara serenidade, como fazia Paulo de Tarso diante dos fariseus ignorantes. Senti o quanto eu estava longe dos discípulos de Jesus ...

Foi um teste difícil para mim. O garoto se mostrava confiante porque eu era padre e, achava ele, todos me respeitavam. Aquilo que eu vestia era uma batina, mas nem sempre vale o quanto aparenta. Não tirei os meus pensamentos de Maria e de Cristo e puxei conversa com o dono da casa, nestes termos :

— Como vai, meu senhor? Eu estou aquí, não para interferir nos acordos familiares. Eu ia passando e senti sede. Por favor,

dá-me um copo d'água, em nome de Deus. (O menino me dissera que não falasse que foi ele quem me chamara).

O homem, sem responder, olhou para a mulher com os cabelos em desalinho, e ela, com gestos bruscos, penetrou um cômodo da casa, voltou com a água que derramava pela borda do copo. Levei-a à boca, desconfiado, e notei que o sabor correspondia ao ambiente: era uma água de guerra. Ela não me fez bem, mas tive de tomá-la toda, porque pedi.

Naquele instante, a mulher sentindo-se segura com a minha presença, começou a desfiar todo o currículo do homenzarrão, e este, como se tivesse labaredas nas ventas, sacou uma arma e desferiu, diante de mim, dois tiros na direção da companheira. Esta, com esperteza felina, saltou de lado antes que as balas atingissem seu peito, e as moedas de Satanás pegaram em cheio uma figura do Cristo, mostrando o seu coração em alto relevo, como sendo resto do Calvário. Uma bala atingiu em cheio o coração da figura do Mestre e começou a escorrer um líquido vermelho, como se fosse o verdadeiro sangue do Nosso Senhor. O homem, quando viu aquilo, avançou para junto da estampa, ajoelhou-se, chorando tanto que os soluços não o deixavam falar. A sua consciência lhe dizia que aquele era o sangue de Cristo.

A mulher, apavorada, também começou a tremer. E eu, entre os dois, suava. Um mal-estar percorria todo o meu corpo. Estava no palco de uma tragédia, parecendo um artista que desconhece o espetáculo de que faz parte.

O povo se ajuntara de maneira assustadora, querendo saber quem morrera e quem matou quem. Felizmente, a imprensa não chegava ali e não existia a televisão nessa época.

Os vizinhos invadiram a casa, assistindo ao choro do homem e às emoções da mulher. O menino agarrou-se na minha batina e segredou algo em meu ouvido:

— Padre, o senhor me perdoe! Aquela figura do *coração magoado*, como minha mãe o chama é muito velha, e aquela

saliência que temem forma de um coração está furada pelo lado de trás. Eu coloquei ali um vidro de tinta vermelha, que meu amiguinho me deu, porque a mãe dele não queria que ele escrevesse com tinta dessa cor. Será que foi pecado, seu padre? O senhor pode me perdoar?

Eu senti um alívio no coração, que havia acelerado bastante, e falei ao garoto com tudo que tinha de bom dentro do meu peito, se é que eu tinha alguma coisa que servisse:

— Olha, meu filho, tu salvaste tua mãe. Fica calado; deixa que teu pai pense que era mesmo o sangue do Mestre! Entra para o quarto e vai rezar o que souberes, vai!

Depois que consolei o dono da casa, com plena aceitação por parte dele e de sua esposa, tive uma ideia e disse com energia:

— Meu filho, essa figura do Cristo não pode ficar mais em tua casa. Ela vai para a igreja, para que não aconteçam coisas piores em teu lar!

Ele, no estado emotivo do fenômeno, aquiesceu. Enrolei o quadro num pano que a senhora me arranjou, despedi-me e fui embora, deixando todos os acontecimentos no ar.

Passados alguns anos, fiquei sabendo que naquela casa nunca mais houve discussões, que o casal passou a se respeitar mutuamente e que ele deixou o vício da bebida.

Quando tive essa notícia, ajoelhei-me onde estava, sem acanhamento diante de quem passava, e fiz sentida prece a Deus, agradecendo o que fez por mim e por aqueles dois irmãos que estavam à beira de um desastre.

Abri os olhos, vendo em torno de mim alguns padres que também não gostavam muito dos meus jeitos. Mesmo assim, tomado de grande alegria, falei sem peias na língua:

— Jesus é tão grande, que até o Seu sangue simulado faz milagres!

## 24 ONDE ESTIVERES

Não delimites o ambiente da tua religião para que possas praticar a caridade. Ela é muito grande e não pode ficar presa em um só sistema ^ de educação dos sentimentos. Caridade é força A universal, capaz de iluminar o mundo e de liber- m tar todas as criaturas divinas.

Quando já despertamos para o amor, sentimos uma força que nos inspira, a nos aconselhar meios diversos de auto-educação. Podemos chamá-la de Cristo Invisível, que não falta para quem abriu os olhos, para quem deseja caminhar, para aquele obreiro que encontra no bem comum a sua grande alegria de viver. Essa força de Deus seleciona nossos sentimentos, apura a nossa razão e eleva a nossa dignidade, de modo a vermos e conhecermos em todos, os mesmos sentimentos de fraternidade.

A *Caridade*, quando faz parte da consciência da criatura, nivela todas elas, como força livre em uma liberdade progressiva, que sustenta todas as vidas. A *Caridade*, é Deus Se manifestando nos caminhos dos homens de bem. A *Caridade* é Cristo harmonizando os nossos corações. A *Caridade* são os anjos cantando o hino da felicidade, pelo trabalho que carece de mãos laboriosas.

Onde estiveres, procura entender a mensagem da vida, e fazes refletir o amor em todas as direções. Isso não custa dinheiro, nem exige que tenhas diplomas de sabedoria da Terra; não pede posições sociais, e não escolhe raças nem credos. Fazes do lugar em que estiveres, a tua casa, o teu lugar de trabalho e de lazer. Não agites a tua mente por não estares no lugar em que desejavas. Deus te chamou para onde te encontras. Alguns exercícios dessa conscientização mostrar-te-ão essa realidade, e o conforto invadirá o teu íntimo. Eis os princípios do bem-estar imperturbável!

O homem do futuro será um cidadão universal, que sentirá nos semelhantes as mesmas necessidades suas; que amará ao próximo como a si mesmo; que somente terá uma família — a família de Deus, aquela apontada por Cristo, quando Sua Mãe se preocupou em buscá-Lo em meio aos doutores da lei.

Onde estiveres, sê alegre, despertando alegria nos que te cercam, e comportando-te como companheiro que respeita os direitos dos outros, qual fossem os teus. Onde estiveres, compreende as necessidades humanas, e se elas forem contrárias ao modo que escolheste para viver, fala pelos lábios do exemplo, tudo aquilo que aprendeste com Jesus, porque quem copia o Mestre, na Sua expressão da vivência, é aquele que saiu a semear as sementes de luz, confiante no labor empreendido. Jamais irrites com simples contradições. Os contrários, por vezes, nos indicam os caminhos certos. Vê, em tudo que te cerca, mãos a te ajudarem e a ofertarem assistência; entretanto, aperfeiçoa o discernimento, para saber qual delas te convém na escala de experiências que já atingiste.

Não te aborreças porque o destino te interrompeu em algum trabalho do bem; faze outro, onde estiveres, porque a casa é a mesma e o dono é um só. Ela é de todos nós.

Experimenta viver bem com todas as criaturas e verás que em todas elas a luz começa a nascer e poderá te iluminar, por um simples gesto seu. O teu céu está onde estiveres, porque Deus está presente em tua consciência, desde a eternidade. Descobre-O pelo amor e pelas linhas da caridade, e serás uma alma feliz.

## 25 LIÇÃO DOLOROSA

No mundo espiritual não existem as peias que encontramos quando estamos internados na carne, em se referindo às

barreiras interpostas pelas religiões; isso, para aqueles que já se integraram no serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A mordaza de um padre é a batina. Ele não pode frequentar outras religiões, nem buscar outros entendimentos. Até mesmo de encontros sociais, muitas vezes são privados.

O pastor protestante, de qualquer linha da Reforma, encontra na sua posição, enquanto guia de um rebanho, a incompatibilidade em frequentar outros meios de filosofia religiosa, porque ele mesmo constrói grades à sua frente, pelo muito falar das outras ideias filosóficas. Fecha-se em seu próprio mundo e não deseja saber se existem outros.

O espírita, sem generalizar a ideia, se coloca como irmão mais evoluído, mas, por vezes, faz a mesma coisa.

Os homens se dividem, sem procurar o Cristo, que dirige a todos com o mesmo amor, dentro da faixa evolutiva de cada criatura.

Todas as religiões do mundo são dirigidas por homens que ainda não compreenderam a verdadeira fraternidade universal, como faz o sol, despejando os seus raios em todas as nações, em todos os seres, sem escolha, porque tudo e todos são filhos do mesmo Pai Celestial. As divisões são levantadas com o material da ignorância.

Por que gastar tempo em criticar uns aos outros? Nós não somos contra a variedade de filosofias religiosas; pelo contrário, quanto mais se dividem, na altura espiritual em que se encontra a humanidade, mais se conhece a verdade, porque todos se interessam por ela através de caminhos diferentes, terminando num só ponto: Deus, Cristo e Caridade.

Os fundamentos de todas as religiões alcançam a Divindade e levam a alma para a perfeição. No mínimo, predispõe o espírito à conquista de si mesmo.

Eu, mesmo usando a batina aqui no mundo espiritual, não encontro nenhuma interferência na minha ida a outros templos de

fé, e isso faço com todo interesse em aprender as lições que a vida escreve, por todos os meios.

Uma noite, rumamos para um Centro Espírita em grande metrópole desta nação querida. As cadeiras estavam todas ocupadas e o cochicho se alastrava de ouvido a ouvido, mas, bem entendido, era sobre o valor do doutrinador daquela noite, um homem bem posto, verbo fácil e maneiras agradáveis. Do nosso lado, estava igualmente cheio o salão. Um grupo de entidades espirituais benfeitoras se alinhava em plena harmonia no templo e logo se movimentou a um simples sinal orientador. Cada um fez a sua parte, aproximando-se dos encarnados e transmitindo fluidos refrigeradores, limpando as atmosferas individuais de cada criatura em um silêncio profundo e de grande respeito. Notavam-se chuvas de essências raras dentro do salão, sendo usadas pelos trabalhadores, com perfeita consciência sobre seus mandados. Espíritos malfetores eram retirados com todo cuidado e amor que requer esse trabalho e encaminhados para determinado salão espiritual, onde eram assistidos com a atenção exigida a cada caso. Outro grupo de almas, conscientes de seus deveres, em torno da mesa, verificaram os bilhetes ali postos pelos frequentadores, como também as folhas de papel cheias de pedidos, e mesma um grande livro que continha endereços de enfermos, anotando espiritualmente todos os dados;

fiquei encantado com a ordem do mundo espiritual, e com o trabalho em favor dos encarnados. Os meus olhos não ficaram secos; vi, ali, espíritos que na Terra foram padres, com grande interesse em ajudar, sem a menor cerimônia por estarem num Centro Espírita. Irmãs de Caridade, mesmo ombreando os hábitos, sendo felizes em poder servir em nome do Cristo.

Não deixaram de aparecer dois que foram Pastores das Igrejas Reformistas, conversando com espíritos desequilibrados, mostrando a eles a necessidade que temos de colocar o Cristo nos nossos caminhos e no coração dos políticos que o mundo

conheceu, procurando ajudar em nome da caridade, e até materialistas declarados que conheci, faziam parte do grande banquete espiritual, em nome do bem comum.

Eu me sentia pequeno ante a grande profusão de assistência espiritual daquele mutirão de trabalhadores. O meu coração pediu trabalho e a minha consciência não me fez esperar; avancei rumo ao dirigente espiritual da reunião e solicitei, por caridade, uma ocupação. Ele sorridente, olhou para mim com benevolência, falando com tranquilidade:

— Olha, padre, tu poderás anotar as ocorrências desta noite, que quase sempre são educativas e, quem sabe, depois contar aos homens, se houver oportunidade. Nada se perde, quando nós trabalhamos em nome do nosso Mestre ...

Arranjei os apetrechos e comecei a escrever, achando deliciosas as anotações. Vi quando foram chegando os dirigentes encarnados da sessão, que seria de desobsessão. Os médiuns tomaram seus lugares, com pouca conversa, e o mais interessante, é que cada mediano tinha um jaez diferente do outro. O sistema nervoso de alguns sensitivos são como cordões finíssimos, puisantes, vivos, obedientes à atmosfera exterior, que correspondem aos sentimentos gerados no centro da vida. Alguns deles mostravam a aura como que uma residência bem iluminada, outros, mais ou menos escura e em outros, não se via nada.

Pude identificar médiuns que não participavam da reunião, com pensamentos fixos em determinados interesses, mesmo em sexo, e cujos pensamentos perturbavam o seu vizinho. Dois desses médiuns, não se sentindo bem, pediram ao dirigente da sessão para sair da corrente e senta-rem-se fora da mesa, o que, de certo modo, aliviou o ambiente da sessão daquela noite.

Ali, naquela observação, é que notei quantos erros de crítica, mesmos silenciosos eu havia cometido quando estava na carne, e do julgamento apressado sobre irmãos dos quais não gostava. Tive consciência, enfim, dos pensamentos inferiores e de quanto

estes fazem mal.

Na sutileza mais profunda, dava para notar que fluidos divinos penetravam em todas as criaturas à mesa e fora dela, e quando penetravam em determinadas aberturas espirituais, eram contaminados pelos pensamentos, diminuindo as vibrações na cadência que propunha a inferioridade do pensante. Em certas criaturas, mesmo tomando posse do assento à mesa, o cândido hálito de Deus era transformado em lixo. Ao contaminar-se com os sentimentos de alguns, mudava de cor e tomava um odor intolerável.

Esta verdade não pode mais ficar debaixo da mesa. Precisa ser dita, para a paz dos próprios espíritos; comemos o que pensamos e bebemos as nossas próprias ideias; respiramos os nossos sentimentos e sofremos por nos faltar a educação espiritual. Notei como eu era pobre de virtudes e a minha consciência me pedia renovação.

Vi o dirigente encarnado entrar sorrindo para todos, e procurando poses para que sua elegância fosse salientada. Observei a alegria dá plateia. Os espíritos desencarnados não tinham vez com ele; o seu argumento fazia calar o mais intelectual malfeitor que viesse à reunião que ele dirigisse. Sua fama já corria toda á cidade, principalmente nos ambientes espíritas, e ele, de posse dà fala, sentia que, por onde passava, os espíritos inferiores “batiam em retirada”.

E era chamado a vários lugares por esse motivo, e, em muitos, a sua presença surtiu efeito. A vaidade ocupou a sua mente, o orgulho o seu coração, e a humildade faltava nos momentos mais convenientes. Ele se esquecera completamente da disciplina dos seus próprios modos. O de que mais se lembrava era da aparência de valores que não possuía, e isso era o mais perigoso para sua vida.

Várias vezes recebeu pequenas mensagens faladas e

escritas, para tomar cuidado, mas ele não ouvia, por ser a figura de destaque de todas as reuniões ali processadas. Tinha inúmeras intuições e, por vezes, sonhos. Os benfeitores da casa convidavam-no à vigilância, mas a sua posição o fazia esquecer ou negar, abrindo espaço para a chegada de obsessores. A doutrinação dele mudara demais; os espíritos sofredores, bem como os brincalhões, eram desmoralizados. Isso ele fazia para mostrar ao público a sua força espiritual. Ele estava transformando a casa num palco de lutas ideológicas, onde o ódio estava gerando controvérsias variadas. Muitas vezes, espíritos soluçavam de sofrimento, por não encontrarem uma palavra de carinho na boca do famoso médium. O ambiente se tornava irreverente, pouco se lia do Evangelho e quando este era lido, o tempo estava sempre esgotado para os devidos comentários. Tudo era torcido por ele, para alimentar sua vaidade e crescer na fama de ser o respeitado, nos dois planos da vida.

Naquela noite, chegou um casal pedindo socorro espiritual na casa. Tomando conhecimento, ele logo sentenciou:

— Isso deve ser obra de alguns vagabundos espirituais! Sentem-se aí, que logo conversarei com eles e nunca mais voltarão. Nós sabemos como tratar com essa classe de espíritos que Jesus mandou entrar na manada de porcos, por serem seus iguais. Fiquem tranquilos, sentem-se, sentem-se! ..

O casal acomodou-se em um dos bancos. Várias entidades foram "desmascaradas" naquela noite, e se via aflorada a petulância do doutrinador. Até o público já estava notando as suas imprudências, mas, quem poderia falar?

Quando ia terminando a reunião, a senhora, que tinha vindo, sentiu um solavanco e caiu no chão. Socorrida pelo marido, já acostumado com aqueles fatos, a mulher enrijeceu-se toda, espumando pelos cantos da boca, já meio torta, dando profundos

gemidos.

O doutrinador irreverente levantou-se, deu alguns passos, distribuindo elegância no humilde salão, e começou a conversar com a entidade incorporada na senhora que desfalecera, que ouviu um sermão do famoso decorador de trechos evangélicos. Depois que falou uns trinta minutos, sem interrupção, julgou ter desmascarado quem quer que fosse que ali estivesse, sem deixar nenhuma brecha para respostas, ou mesmo perguntas. Para tanto, ele tinha todos os cuidados em preparar frases e cortar prováveis discussões . . .

O espírito, depois de ouvi-lo, pacientemente, agradeceu ao doutrinador com benevolência, e disse, depois de uma pausa:

— Meu senhor, eu agora posso falar algumas palavras a estes que me ouvem?

O imponente pregador, já convicto de que o espírito aprendera a lição, retrucou, com ar vitorioso:

— Como não? Podes falar, meu irmão! Nós vamos ouvir o teu testemunho; és mais um que se converte nesta casa, por meu intermédio . . .

O espírito, de posse da mulher, como se não existisse a médium, tal era a afinidade do intercâmbio, levantou o rosto altivamente e disse sem constrangimento:

— Quero dar mesmo um testemunho. O nosso querido irmão lembrou-me bem; quero dar um testemunho, e, para isso, eu peço um favor aos que me ouvem: apanhem papel e lápis e anotem o que vou dizer, nesta casa, que se dispôs a pregar a verdade . . .

Muitos dos ouvintes arranjaram os apetrechos de escrever, rapidamente, inclusive a mulher do dirigente dos trabalhos. O espírito, com ênfase, foi dizendo, com a mais alta autoridade:

— Escrevam os seguintes endereços: rua tal, número tal, bairro . . .

Novamente, rua tal, número tal e bairro . . ., e tornou a falar outro endereço; três ruas com os respectivos números e bairros!

Ao ouvir isso, o famoso doutrinador empalidece<sup>^</sup> sendo

forçado a assentar-se numa das cadeiras, sem fala. E o espírito virou-se para ele e falou com imponência:

— Levanta-te covarde! Tu não tens o direito de ouvir assentado!  
Agora, tu és o réu!

Este indivíduo que temos aqui em nossa frente, tem três famílias nesta cidade. Se quiserem constatar, podem ir aos endereços que falei. Eu já o acompanhei muitas vezes . . .

Chegou o dia de este malandro tirar a máscara! Ele nos tem enxovalhado há muito tempo. Ele sempre nos humilhou nesta casa, na presença de muita gente. Hoje chegou o dia de ele pagar o que fez! Ele aprendeu 'a decorar o Evangelho, não para que esse velho Evangelho pudesse algum dia entrar em seu coração, mas por vaidade.

A sua boca diz coisas bonitas, no entanto, o seu interior está podre!

Ele tem falado aqui, muito, dos túmulos caiados por fora e cheios de imundícies por dentro. Ele é um desses túmulos, e a sua própria presença cheira mal!

O homem suava, cada vez mais pálido. Quis falar alguma coisa, desculpar-se diante dos presentes, porém, o espírito não deixou, dizendo:

— Eu estou sendo complacente contigo. Se não ficares calado, vou dizer o resto, mesmo que custe a noite toda, porque, para falar da tua vida torta e dos teus atos inconfessáveis, preciso de muitas horas. Se for preciso, farei tal esforço ... Cala a boca, porque malfeitor diante da justiça deve ficar calado por sabedoria!

Alguns dos assistentes saíram, para não ouvirem mais. O espírito retomou a palavra, continuando:

— Não sou somente eu quem está aqui te desmascarando; nós somos uma legião de espíritos, aos quais tu ofendeste com a tua língua maledicente. E é bom que tu escutes o que vou falar, com atenção: não te queremos ver em nenhum templo, pregando o Evangelho, nem mesmo assistindo a sessões. Se tu

desobedeceres, tornarei a fazer o mesmo. Levarei este aparelho aos lugares a que tu fores, e se ela não for, arranjaré outro. Nós também temos poderes, e te mostrarei quais são os mandros espirituais. Acabou tua efêmera glória, tua coroa feita de papel!

O doutrinador começou a passar mal no salão, e foi levado às pressas para casa. O espírito, com ar de general das trevas, disse aos assistentes que restavam daquela reunião:

. — Ouvi! Nós não queremos nada convosco, que sois inocentes e de boa fé. Não temos o direito de ofender-vos, nem é este o nosso desejo.

O que tínhamos de fazer, já o fizemos, e, para mostrar-vos que nós não somos tão maus como podeis pensar, afirmo-vos: esta senhora, por quem estou falando, vai ficar boa de hoje em diante; nós vamos afastar os colegas que se servem dela para certos escândalos. Ficamos gratos a ela. Entretanto, avisai-a, quando eu sair, que se cuide, como se cuidam os que permanecem curados ...

\*\*\*

O doutrinador, depois da lição, nunca mais voltou ao Centro Espírita, que suspendeu seus trabalhos.

Um dia em casa, pensando no que fazer, sua mulher lhe disse com bondade e carinho:

— Marido, os outros não vão te perdoar os erros, e sendo que tu não podes ir a centro algum, vamos trabalhar em casa para a tua recuperação. Eu te sugiro o Culto do Evangelho no Lar. Acredita, eu te perdoei. O lar é o verdadeiro templo, que tu havias esquecido, e aqui poderás vestir qualquer roupa e falar em qualquer linguagem, que nós o entendemos!

Ele levantou o rosto para sua companheira, abraçando-a, e não sei bem por quanto tempo permaneceu chorando, respondendo apenas por gestos de cabeça e com boa vontade no coração.

E eu, junto àqueles que comandavam espiritualmente o

Centro, quis saber o porquê daquele escândalo ... O orientador, afetuoso, me respondeu:

— Irmão, certas enfermidades carecem de cirurgia, e essa requereu tal método de cura. Haviam sido expedidos daqui muitos avisos para que ele mudasse de vida, e ele só via nesses avisos, que não aceitava, armadilhas de espíritos das trevas.

O centro não fechou; espiritual mente ele continua, pois é uma semente divina que se multiplica na eternidade. Nosso irmão precisava de uma lição que, infelizmente, teve de ser dolorosa. O espiritismo é uma doutrina consoladora, mas alguns espíritos, por vezes, perturbam a consolação. Ele é força educadora, mas poucos gostam da disciplina.

## 26 A TERAPIA DO PERDÃO

Sabemos como é difícil a prática do perdão ensinado por Jesus. Sabemos como é incômodo o esquecimento das faltas cometidas contra nós, e mais difícil ainda, é não se sentir ferido. Entretanto, melindres são desvios das sensibilidades para o campo pessoal, desajustando a nossa personalidade dos mais lindos florescimentos dos bons costumes.

Perdoar, nos moldes ensinados por Cristo, significa uma terapia valiosa. Essa força supera todos os medicamentos da Terra e alcança o bem-estar do Céu. Um coração que pulsa alegre no dever cumprido é, pois, um laboratório divino que fornece todos os remédios para a prevenção da saúde, ou para curar todas as enfermidades do corpo e da alma. Do perdão nasce, ainda, a liberdade, é uma forma de fazer amigos, reatando os laços perdidos na noite da ignorância.

O Mestre, quando disse para perdoarmos aos nossos inimigos, não sete vezes mas, setenta ve-

*Irmão Horta* zes sete, queria nos mostrar que nossa capacidade de perdoar deve ser sem limites, e os seus caminhos, infinitos. E ainda reforçou, dizendo que deveríamos orar pelos que nos perseguem e caluniam, isolando-nos das forças negativas do caluniador, pelo bem que podemos desejar a eles. Vejamos o quanto vale o amor...

Uma doença no corpo físico pode estar esperando apenas um gesto de perdão, porque a dor é desarmonia da mente, mesmo que seja um processo de evolução da alma. Se já estás acostumado a perdoar, verifica se o processo está certo, se não estás iludindo a ti mesmo, com métodos errados. Procura conversar com companheiros experimentados no cultivo das virtudes, ou observa as vidas nobres. A lição, por vezes, vem ao teu encontro no silêncio. Estuda a natureza, que ela dar-te-á exemplos grandiosos de convivência. As árvores em um parque, em um jardim, ou mesmo na floresta, mostram como vive em harmonia, com a presença de vidas diferentes. Os homens podem viver bem juntos, mesmo que os sentimentos vibrem em dimensões desiguais, desde que pratiquem o amor pelas linhas do perdão e da fraternidade.

Os recursos para os espíritos são maiores que para os outros reinos; por isso debes esforçar-te no sentido do alcance da harmonia, amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.

Não guardes mágoa de ninguém, pois, quem fere, sofre as consequências desse desajuste. A mente é força poderosa, que obedece cegamente às leis de Deus. Atraímos o que somos, e somos o que atraímos.

Se tens facilidade de perdoar às pessoas do teu convívio, às pessoas que amas, porque não perdoar aos que te ferem e moram distante do teu lar? Se persistires nessas ideias de vingança e de ódio, elas poderão, pelo teu gesto endurecido, vir a conviver contigo pelos processos da reencarnação, e dentro da tua casa será pior quebrar esses laços já endurecidos pelo tempo. Ódio

acumulado é explosão permanente.

Sabes, meu filho, qual o caminho mais fácil para o fortalecimento do perdão? É a caridade bem conduzida. Exercitar na caridade é trabalhar pela aquisição das mais difíceis desculpas. Devemos esquecer as ofensas, sem esquecer, nas nossas preces, os ofensores. Vamos nos empenhar em transformá-los em companheiros, para nos ajudar na prática do bem.

Quem perdoa, se liberta, e quem se liberta das amarras do sentir-se ofendido, certamente está sendo premiado pelo Cristo Interno, porque não está na classe dos ofensores.

Quem ama desconhece ofensas, porque não se ofende com a ignorância humana! .. .

## 27 BICHO-DE-PÉ

As mínimas coisas da natureza confundem os homens, mesmo aqueles de mais alta percepção e entendimento. Nem sempre a inteligência nos salva dos desastres morais que nos rodeiam constantemente.

Havia, na região onde eu tive a oportunidade de nascer, pela bondade de Deus, um grande político cheio de manias, cujos trejeitos já eram bastante copiados pelos seus adversários, e era essa imitação que, justamente, criava o ambiente de discórdia entre os oponentes e ele.

O velho coronel tinha muita fama, com relação ao modo de cuidar de seus eleitores, que os outros chamavam de “eleitores de cabresto”. Puxasse ele para onde quer que fosse, votando em quem quer que desejasse, sua indicação era correta. Nunca errava, afirmava ele, apontando o candidato. Política é igualzinho ao futebol de hoje: sempre há uma desculpa para quem perde, e em quase todas as circunstâncias, o perdedor foi usurpado.

O clero sempre pedia para o lado mais forte, como ocorreu em todas as épocas da humanidade. No entanto, mesmo que o lado escolhido perdesse, ainda assim saía ganhando, pela força que sempre teve no seio da família e nos corações das mulheres dos políticos, e, ainda mais, por saber se dividir e se ajuntar na hora precisa.

Eu frequentava muito a casa do coronel, não por ideias políticas, mas, pela amizade à família, que sempre me chamava em horas de necessidade. Tirei-o de cabeça, muitas vezes, em certos revides de maledicência.

Certa vez, ele estava tão enfezado com os adversários, que me chamou em sua casa para tomar um chá e em seguida ter uma conversa particular comigo, alegando que era coisa muito séria. Uma noite em que as obrigações me favoreceram, parti para lá. Ele estava se balançando numa rede, em que os bordados denunciavam as hábeis mãos que a teceram, cenho cerrado e cigarro de palha aos dedos. De vez em quando, dava cusparadas "quilométricas", como se estivesse querendo ficar livre de algum pensamento que o incomodava.

Quando cheguei, pude notar que ele forçara um sorriso, no sentido de mostrar-me o seu contentamento. Estendeu sua volumosa mão no cumprimento natural e me desejou boas vindas. Ele quis sair da rede, mas, eu não o permiti. Logo veio alguém com uma cadeira, e iniciamos a nossa conversa, sem constrangimento. Pude observar que ele estava tenso, restando um nervosismo interior, sem deixar que os familiares soubessem a causa. Foram a mulher e os filhos quem o aconselharam a conversar comigo, que era considerado por alguns o pára-raio da região.

O coronel acenou para mim, para que eu encostasse mais a cadeira na rede. Tranquilizou a fala, antes agitada, e disse ao meu ouvido treinado em *ouvir* mexericos:

— Olha, padre! Os cachorros da oposição tiveram a

petulância de me escrever uma carta anônima, que tenho certeza ser da parte deles.

Ele não quis ler a carta, que passou para minhas mãos. Para que a gente pudesse interpretar o escrito, era quase preciso adivinhar as letras, *mas para* mim, já acostumado àquele tipo de grafia, não foi *difícil* entender o assunto. Os *adversários* políticos diziam que, se ele amasse mesmo a *família*, não fosse ao comício *de tal dia*, o último da fase *política em que se enfronhara* como *chefe de partido*. *Souberam* eles que o coronel ia *falar alguma coisa* muito ofensiva, e que, se prezasse a *sua vida*, ficasse *em casa*. Abanei a cabeça *várias vezes*, e *perguntei ao coronel*:

— HE então? O que pretende fazer?

O rosto do velho político enrubesceu e notei que estava até me desconhecendo pelo palavreado inferior que proferia. Enquanto ele falava, fiz algumas orações, pedindo a Deus que o acalmasse. Ele entendeu a minha atitude, pediu desculpas pelo que falara, e foi logo dizendo:

Eu vou ao comício. Eu vou falar o que pensei dizer e vou acabar com eles de uma vez por todas. Eles são uns ...

Parece que respeitou a minha presença e não terminou a frase. Depois de mais de uma hora, quando somente ele falou o que bem entendia sobre seus adversários, pedi desculpas e dei pressa em sair. O coronel, assustado, me disse:

' ^4 Não, padre, eu quero ouvi-lo! Pelo amor de Deus, eu quero ouvi-lo!

Tornei a me assentar e disse sem temor: — Olha, coronel, quando aqui cheguei, pensei que o senhor queria mesmo me ouvir, mas, já que tem deliberado o que vai fazer, não posso dar a minha opinião. Eu devo ir embora e orar por todos aqui.

O coronel, já com os olhos marejados de lágrimas, pegou em minhas mãos acostumadas aos beijos interesseiros, e disse:

-- Padre! ... Eu pedi para o senhor vir aqui para me ajudar. O

senhor sabe que eu tenho uma moral a zelar; sou um tronco de família que nunca fui desrespeitado por malandro nenhum. Eu tenho dignidade e devo lutar por ela até a morte. Se for preciso morrer, mas a minha honra . . .

Entendi o drama da vaidade e do orgulho palpitando no peito do político. Ele deveria satisfazer aos homens, sem observar os preceitos da própria Igreja do Cristo. Compreendi logo que não se pode transformar de imediato um homem em anjo, pois isso é trabalho de Deus, nas mãos do tempo.

Falei-lhe sobre a ponderação, que deveríamos procurar sempre a vigilância e nunca atacar os outros para nos salientar na vida. Mas encontrei terreno de difícil penetração. Eram aquelas sementes lançadas sobre o lajedo, ou por entre os / espinhos ...

Ele, quando começou a entender o que eu queria transmitir para o seu coração, cortou a minha conversa e despejou seus argumentos extravagantes:

Padre, se fosse no seu caso, ao marcar uma conferência, como pastor que é, em determinado lugar onde deveriam afluir multidões para ouvi-lo como representante de Deus na Terra, e alguém, algum vagabundo, lhe escrevesse uma carta como essa, o senhor deixaria de ir ao encontro de suas ovelhas? E se deixasse de ir, como ficaria sua moral perante elas? E perante Deus, que tudo vê, como o senhor sempre nos diz?

E, ao ouvir as manhas de um político com certa inteligência, tinha de dar uma resposta, porque a comparação não era justa e dispus-me a falar:

— Coronel, a sua comparação não é certa. Eu iria falar mesmo que soubesse que iria morrer, como faziam os discípulos de Jesus e Ele mesmo diante de todas as investidas das trevas,\* no entanto, meu filho, nunca iria falar o que o senhor quer dizer.

Pela carta que acabo de ler, o coronel vai expor para o público, os erros dos adversários, e isso, meu amigo, é um escândalo. E Jesus já dizia, há quase dois mil anos: *Ai daqueles que servirem de instrumento de escândalo*. O senhor deve compreender, como homem inteligente, as nossas posições em extremos diferentes. O que devo fazer para seu benefício, como amigo da família, é orar, a fim de que o senhor faça o melhor para a sua própria vida. Porém, guarde bem o que vou lhe dizer: não fale mal dos outros, mesmo que seja verdade o que tem a dizer. Basta o que ainda carrega no coração .

Calei-me. O coronel torceu o bigode e respondeu com ênfase:

Bip Padre, o senhor me conforta muito. A sua fala, parece, me acalma o coração, e me sinto bem. O senhor é um santo, contudo, desculpe, mas o senhor entende é de santidade. Nesse meio a que o senhor chama de trevas, somente o trevoso sabe lidar. E eu sei, porque visto a mesma roupa e conheço os golpes sujos desses que o Cristo chamava de hipócritas e fariseus!

Demorou um pouco e renovou seus pedidos: —' Padre, eu quero as suas orações. Não se esqueça de mim, nem de minha família! Eu irei ao comício. É o último e não posso faltar. Se for sacrificado, ficarei na história, porém, eu acho que eles estão fazendo medo para depois gozarem às minhas custas. Padre, eu lhe peço: que este segredo não saia daqui. A minha família não pode saber do que conversamos.

Cheguei em casa e, diante do meu oratório, onde resplandiam as figuras de São José e de Maria Santíssima, deslizei os joelhos acostumados à posição de orar, e fiz uma longa súplica, para que os Céus interferissem na ida do coronel ao tal comício, no sentido de nada acontecer com ele, pedindo a Deus para abençoar aquela família que nada tinha a ver com a ignorância do velho político. Daí a alguns dias, tive notícias de que o coronel estava animado para

a grande reunião, notícias essas, levadas pela boca de alguns serviçais da casa, que sempre iam à minha residência levar algo, por bondade da senhora do coronel. Disseram-me, ainda, que o coronel estava estranho e meio inquieto em certas horas. Tirava o pé do chinelo a quase todo instante e esfregava-o no chão ou no portal mais próximo, e isso já fazia mais de uma semana.

Quando se aproximava o dia do comício gigante, como dizia, chamou um serviçal e mandou-o olhar o que seria aquela coceira debaixo dos dedos do pé.

O serviçal olhou com cuidado, falando com espanto:

Nossa Senhora! . . . Coronel, é um bicho-de-pé! O senhor deve ter ido ao chiqueiro! Ele está enorme! Precisa tirar!

— Bicho de porco, quando entra em gente grande, é sorte a bater nas portas. Vou ganhar as eleições e, certamente, ganhar a vida!

A cozinheira veio às pressas. Era ela quem sabia extrair os intrusos dos dedos da família, quando isso acontecia. Acomodou-se no chão com um punhalzinho entre os dedos da mão. Cutucou aqui, cutucou a li, e disse como se fosse um operador:

^9É bicho de trempe, senhor. São vários deles no mesmo lugar. Cruz credo!

Tirou os bichos, mas no dia seguinte o coronel amanheceu acamado, com alta febre e ainda por cima, íngua. Chamou o farmacêutico, que lhe fez uma punção, entretanto, a febre não cedeu. Com dois dias já, o político corajoso delirava e a família, assustada, mandou me chamar de novo, com urgência.

Já era o dia do tal comício. Cheguei ao casarão. O coronel parecia desfalecido. Quando ele ouviu a minha voz, abriu os olhos lentamente, deu uma olhada para os presentes que logo entenderam, e ficamos a sós no quarto. E ele, cansado, me falou:

— Padre, será que Deus não quer a minha presença no comício? Por que isso? Eu estou cansado de tirar bicho-de-pé.

Nunca fiquei assim!

Mostrou-me o pé, que estava inchado, e quando o observei, notei um amarelado no local onde foram extraídos os bichos-de-pé; era pus em quantidade. Desinfetei um alfinete no fogo, e quando furei, foi um alívio para o doente, que logo recostou-se aos travesseiros, puxando conversa comigo:

Padre, eu não posso ir lá no comício, coisa que ninguém poderia me impedir a não ser Deus, mas sei que vamos ganhar. Eu, aqui neste lugar, não preciso desta gente para nada. Padre, eu sou independente, o senhor sabe. Eles é que precisam de mim. Eu já os tenho ajudado muito, em várias circunstâncias. Graças a Deus, não preciso de ninguém, porque tive inteligência e usei-a para a minha independência, em todos os sentidos ...

Eu não podia ficar calado, como sacerdote, nesta altura da conversa, e dispus-me a falar com certa energia, mesmo contrariando a minha natureza de humildade:

— Coronel! Eu, como confessor desta casa, não devo ficar calado diante de tamanha blasfêmia, como a que o senhor acaba de dizer!

— Como assim? Redarguiu ele.

Nós todos, meu filho, precisamos uns dos outros, todos os dias. Todos somos filhos do mesmo pai: Deus! Os próprios ladrões e assassinos que a sociedade afasta, por vezes, do nosso convívio, nos são úteis, porque é vendo o que eles passam, que nos corrigimos. O mentiroso nos ensina o valor da verdade. O pobre nos mostra o valor do trabalho. O ignorante das letras nos faz pensar nas belezas da sabedoria e os malfeitores de todas as ordens são quem nos despertam para o cultivo das virtudes!

Eu procurei saber, coronel, e, verdadeira mente, eles, seus adversários, armaram uma arapuca para tirar a sua vida no dia do comício. E quem o salvou, depois de Deus, foram uns bichos de porco. Os bichos-de-pé morreram para salvar a sua vida ...

Parei por um instante, e falei fechando o assunto:

— Acho, coronel, que não preciso falar mais nada para que o senhor entenda o que quero dizer.

Olhei para ele; as lágrimas escorriam com abundância nas suas enrugadas faces, mas a lição servia mais para mim ...

Quando cheguei à casa, fui logo agradecer a Deus pelo 'milagre. Fiquei pensando por muitas horas, que o bicho-de-pé tinha mais poderes que eu, pois não consegui remover a ideia do coronel, a fim de que ele não fosse ao comício, mesmo usando os argumentos e a minha presença visível, enquanto uns simples bichos de porco, invisíveis aos olhos do coronel, sem usarem os dons que um sacerdote possui, impediram que ele fosse desmoralizar os adversários, abatendo seu orgulho e sua vaidade. E, ainda, livrando-o da fúria dos seus inimigos.

Sentei-me num tamborete ao lado, e me senti menor que um bicho-de-pé.

Pensei, então, na infinita sabedoria do Pai.

Ele, quando quer, remove montanhas de dificuldades com simples instrumentos, como um bicho-de-pé.

A ajuda do bicho de porco foi tão grande, que o coronel ganhara as eleições, sendo premiado pela vida e honrado pelo povo, que, tão logo ficara sabendo, pela boca do farmacêutico, que o coronel estava acamado no dia do comício gigante, por alta febre, sem poder "arredar pé da cama", votou nele.

## **28 COMO SER O MELHOR**

Não queiras ser melhor que os outros, nem procures posicionar-te na dianteira de ninguém, no que se refere às virtudes. Trabalha no teu aperfeiçoamento em silêncio. Não deves deixar os outros terem a impressão de que gostas de ser bajulado;

a humildade é o caminho de maior segurança e a discrição, o comportamento natural que ilumina a criatura.

Valoriza o Bem, cujos instrumentos são os *f* teus irmãos e, para tanto, não é preciso admiração descuidada. Para servir de corrigenda aos que te cercam, não é preciso salientar amostras dos erros, para que todos vejam. Existem muitos processos de fazer sentir ao faltoso, que não compensa o esquecimento da verdade.

Se ao menos pensares que estás sendo melhor que os teus irmãos de caminho, eles sentir-se-ão humilhados, porque os pensamentos são ondas a serem absorvidas pelas mentes e interpretadas pelos sentimentos, transmitindo o que sentiste, quando da emissão dos mesmos.

A atmosfera está cheia de ideias negativas e de miasmas magnéticos dos invigilantes. Não faças o mesmo; o Evangelho é Código Divino para reformar as criaturas; portanto, busquemos nele os recursos necessários para nos educarmos, porque, sem a educação dos sentimentos, não alcançaremos a paz, aquela paz que se desdobra em realizações nobres nos caminhos que percorremos. A conduta reta é o diploma a nós conferido pela consciência de que já conhecemos e estamos vivendo o *Amor*.

Querermos nos qualificar como melhores que os outros, é provar que ainda não adquirimos tais ou quais qualidades, que desejamos expressar para os nossos semelhantes. Sejamos simples como as pombas, mansos como os cordeiros, mas ativos como a luz.

Os órgãos do corpo nos dão exemplo da necessidade de vivermos juntos, uns com os outros, formando um grande organismo na harmonia indispensável, para que o céu se estabeleça em nosso mundo íntimo. E essa paz depende de ti, da tua decisão.

Não rejeites as lições que surgem em teu caminho; lê todas

elas e guarda-as no coração. As nossas experiências são páginas imortais que nos educam em todos os sentidos. Quantos aborrecimentos podes evitar, forjados por fatos banais?

Podes dar a dimensão que te convier a todos os acontecimentos, no campo da matéria. A dívida que preocupa um banqueiro e a que tira o sono de um pobre, são completamente diferentes uma da outra. A riqueza de compreensão nos dá meios de resolver todos os problemas, sem perturbar a vida. Esforça-te por plantar as sementes de concórdia onde quer que seja, por trabalhar onde a vida te chamar, e por servir por onde quer que fores, que os frutos te surgirão como abundantes dádivas. A colheita é norma da lei, e somente colhemos o que plantamos. A vida é uma lavoura imensurável ... Plantemos!

A pretensão de mostrar qualidades que por vezes não temos, nos traz de volta um ambiente de covardia, de agressão e de ilusões. Tudo o que fazemos, a natureza se encarrega de registrar, por processos que desconhecemos e que muitos dos nossos irmãos aprenderam a 1er, por meios que ignoramos. Não precisamos, portanto, nos preocuparmos em mostrar os nossos feitos bons.

Nada se perde, e nada fica escondido dos olhos que nos cercam e nos assistem. Não queiras ser melhor que o teu companheiro; se ainda não alcançaste a compreensão de assentar-te no último lugar, assenta-te junto dos teus companheiros, sentindo-os como teus iguais, filhos do mesmo Pai e alunos do mesmo Mestre, o Cristo de Deus. Assim, a luz procurar-te-á onde estive res, desatando a paz na tua consciência.

## 29 O RELÓGIO ABENÇOADO

Eu tinha várias obrigações que não podiam ser adiadas. Em determinadas horas, não podia faltar aos meus deveres para com a Igreja e com o povo. Se isso acontecesse, a consciência não permitia que eu dormisse, sendo preciso o reparo com trabalhos duplicados.

Um dos meus amigos, que em certa época foi um verdadeiro pai para mim, vendo e sentindo as minhas dificuldades nos horários, e verificando que eu não tinha relógio, presenteou-me no dia vinte de junho de certo ano, por saber que eu gostava muito desta data, com um relógio, por sinal, de ouro da melhor qualidade. Quando vi em minhas mãos aquela preciosidade que não merecia, fiquei acanhado em dizer *não* a uma pessoa de estima. E, como aceitar um presente incompatível com a minha natureza de renúncia e de pobreza? Eu me sentia bem sem nada possuir, livre como um pássaro, convicto de que acima de tudo, nada falta àqueles que confiam em Deus e têm o Cristo como Guia.

Lembrei-me muito do que Jesus dizia das aves dos céus e dos lírios dos campos ... O relógio, para mim, seria um espinho no coração, ainda mais sendo de ouro.

Nesta data em que ganhei o relógio, cheguei em casa muito triste, ao invés de alegre e até perdi a fome. Todavia, tive uma ideia, que notei não ser minha; ela aflorou em minha mente como se fosse doada, e assim acreditei que fosse. Era para eu recorrer às minhas orações, para ver se acalmava meus sentimentos, e foi o que fiz com alegria que logo se manifestava em minha' feição.

Olhei demoradamente para o Patriarca que me ajudava sempre, e para Maria de Nazaré, fazendo sentida prece, pendindo-lhe que me ajudassem nas difíceis decisões que haveria de tomar em muitas das caminhadas.

A oração foi bastante longa, saindo eu dali já com sono. Dormi profundamente e sonhei que São José me aparecera. Conheci-o

pelo bastão florido em sua destra e, sorrindo-me, dissera:

— O que se passa contigo, Horta, que deixas a tristeza invadir teu coração?

Eu, encantado pela presença celestial daquela figura que eu tanto amava, da qual eu herdara o nome, por misericórdia divina, sem falar-lhe nada, com vergonha de não falar corretamente a um santo, tirei o relógio do bolso e mostrei-lhe o engenhoso mecanismo de marcar as horas.

Ele logo entendeu, e dando sequência ao sorriso, estendeu-me uma das mãos. Passei o relógio para ele, com todo o respeito, pensando que ele pudesse devolver por mim, a quem me presenteara.

Sem constrangimento, senti grande alívio no coração. Quis perguntar por Maria de Nazaré, a quem eu tinha como mãe espiritual, mas a coragem falhou; entretanto, ele entendeu, e eu vi brilhar em seu peito uma luz que não sei como descrever: vi um coração batendo dentro do seu tórax, e dentro dele acontecer um milagre. Eu vi, com toda a perfeição, o rosto de Maria, mãe de Jesus, na sua mais sublime postura de genitora, alisando os cabelos d'Aquele a quem chamamos *A Luz do Mundo*.

Alguns instantes e desapareceu a visão. José, com o relógio na mão, suspendeu-o e eu pude observar que dele saíam chuvas de bênçãos, e a chuva logo ia se transformando em pães, em remédios e em roupas. Entregou-me o relógio e desapareceu, como por encanto.

Acordei assustado, guardando na mente a nitidez do ocorrido. Nunca mais me esqueci desse sonho, sem contá-lo a ninguém, mesmo aos mais chegados a mim, porque tais sonhos eram frequentes e quem me ouvisse poderia interpretar como fanatismo religioso, como aconteceu algumas vezes.

Eu tinha consciência de que não era isso, mas, sim, uma

mensagem da Divina Providência, que usava símbolos para me dizer a verdade, de forma que eu pudesse trilhar nos caminhos certos, no silêncio da própria vida. Entre a Terra e o Céu existem coisas que demandarão muito tempo para que os homens possam entender, sem o sofrimento dos condicionamentos religiosos . . .

Eu fiquei renovado nas ideias. Poderia usar o relógio, por que não? Porém, deveria saber transformá-lo em pães, remédios e vestes para os que sofrem. Haveriam de surgir condições para que o milagre ocorresse, e o relógio passou a me servir muito, marcando certinho o horário em que eu deveria chegar nos trabalhos que assumira no Cabido Metropolitano, ajudando a resolver problemas de toda a diocese.

Certa feita, tarde da noite bateram na minha casa. Como já era de costume de aparecerem pessoas à qualquer hora, me chamando para qual

quer eventualidade, não estranhei; abri a porta e eis que surge um homem com grande família à porta. Os filhos famintos e eles, os pais, esqueléticos. Pela presença, notava-se o quanto tinham necessidade de comer. Fi-los entrar e pernoitaram comigo, alimentando-se com o que eu pude oferecer e fiquei muito alegre por servir àqueles irmãos em Jesus, no que eu podia ser útil.

Pela manhã, eles se aprontaram para partir, dizendo-me que deveriam seguir viagem em direção a outro estado. Como ajuda para carregar a bagagem, tinham dois jumentos, o que me fez lembrar de José, de Maria e de Jesus, quando partiram para o Egito, por ordem angélica.

Lembrei-me logo do sonho que tivera, quando em aperto, sem saber se ficava com o relógio que ganhara do meu grande companheiro, e, antes da família partir, busquei o relógio e o ofertei com todo o desprendimento do coração.

O senhor logo reconheceu que se tratava de uma joia rara, quis recusar, dizendo que eu já os havia ajudado muito, que

estavam todos alimentados, que dava para seguirem mais adiante, e que Deus os suprimia do necessário, em outra paragem. Fiz questão de que ele recebesse o relógio, e pedi para que fosse transformado em alimentos, enfim, no que precisassem, no que achassem conveniente.

Com muito custo, ele e a esposa receberam o relógio das minhas mãos, com lágrimas nos olhos. Vi o homem ajoelhar-se soluçando, sem poder articular palavra, beijando minhas mãos, assim o imitando a mulher e os filhos.

Passaram-se dias. Tarde da noite, batem novamente em minha porta, quando ainda não tinha me deitado. Abri a porta; era um velho comerciante da nossa cidade, que me abraçou como de costume e foi dizendo: — Padre, quantas horas em seu relógio?

Eu, para disfarçar disse ao amigo:

Devem ser mais ou menos tantas ...

E ele retrucou :

— Não! Quero ver no seu relógio!

Fiquei cismado, mas logo compreendi o assunto, e disse-lhe que o meu relógio fizera uma pequena viagem. Ele, sorrindo, me disse: — Pois já voltou! Aqui está ele. Não faça mais isso, pelo amor de Deus!, disse-me, entregando-me o relógio, dizendo que o comprara de um viajante que deveria ser do Norte ou Nordeste do país, que chegara em sua loja com a família, puxando dois jumentos que carregavam a bagagem.

WS. Aliás, disse-me ele, troquei mantimentos e outras coisas mais pelo relógio, que reconheci ser do senhor.

Fiquei muito enternecido com o comerciante, e quis beijar-lhe as mãos em reconhecimento à sua amizade. Ele recusou, dizendo:

Padre, não faça isso! Eu sou pecador, eu é que devo beijar as suas. Lembra-se da minha menina? Ela ficou curada da bronquite;

quando o remédio não deu jeito, a sua bênção restabeleceu-a, graças a Deus!

Guardei o relógio, pensando no sonho em que ele era transformado em pães, roupas e remédios. Eu tive a confirmação do acontecido. Daí a poucos meses, chegou uma senhora aos soluços, me dizendo:

— Padre, o meu filho está à beira da morte. Tenho em mãos a receita para salvá-lo, mas, o dinheiro para comprar os remédios eu não tenho\* Pelo amor de Deus, me ajude, no que o senhor puder!

E assentou-se na soleira da porta, desfazendo-se em lágrimas. Fiquei comovido, como sempre, ao ver as pessoas chorarem, ainda mais quando a situação envolvia crianças.

Dei busca nos bolsos. Estavam vazios, como sempre estiveram. Lembrei-me do relógio. Veio -me à lembrança a fala do comerciante, para que eu não me dispusesse mais dele. Pensei, mas o coração não atendeu. Esqueci-me do comerciante e tirei o relógio, entregando-o à senhora dizendo:

— Mesmo que seja uma coisa pela outra, leve o remédio para salvar seu menino; não pense duas vezes por isso. O ouro vale muito mais quando salva alguém.

A mulher saiu correndo. Daí a alguns dias, tive notícias de que o filho dela havia tido muitas melhoras, e, ao cabo de algumas semanas, ela levou o pequenino para me mostrar, restabelecido. Demos graças a Deus.

Esqueci-me do relógio. Com um espaço de tempo, quando eu já nem me lembrava mais do velho "Patec", apareceu-me em casa o farmacêutico, que não tinha o costume de me procurar, e passou a conversar comigo. Conversa daqui, conversa dali, já quase a despedir-se, sacou do bolso o meu relógio, que me entregou, dizendo: — Padre! Já não é a primeira vez que faz isso. Não dê

seu relógio a ninguém; isso é uma peça rara. Este relógio é muito caro! Ele é seu e o senhor precisa dele! E sorriu, brincando comigo:

^ Olha Padre, se o senhor fosse meu filho, eu lhe daria umas palmadas. O senhor é muito teimoso!

E partiu, acenando a mão de longe, sorrindo, sem nada exigir de mim. Eu olhei para o relógio, lembrei-me novamente do sonho que tivera há tempos, e, o marcador de horas dizia-me sem palavras, que já passara da hora de dormir. Obedeci, procurando a cama.

Apresentou-se certa vez lá em casa, uma família na qual dava para se notar o quanto a fome transforma as pessoas. Não aguentei, e entreguei àquela senhora, novamente, o mesmo relógio. E esta foi diretamente à padaria. Trocou-o por pães e mais outras coisas necessárias a uma casa desprevenida.

O padeiro, ficando sabendo que o relógio era meu — alguém revelara para ele quem havia me dado aquele primoroso presente — foi ao encontro do venerando senhor que o tinha me ofertado e contou-lhe o caso. Esse, tomado de certa fúria, e com razão, disse ao padeiro:

— Não entregue ao Horta o relógio. Vou passar nele um aperto!

Apanhou o chapéu e a bengala, e partiu atrás de mim, que já me encontrava em casa. Quando abri a porta, estranhei, pois ele nunca andava sozinho, ainda mais àquelas horas da noite. Fiquei a cismar... -,

Ele entrou e começamos a "bater papo" sobre filosofia, já que ele era "mestre" nessa arte. Eu aprendera muito com ele, que conhecia direito canônico com a maior profundidade. Ele era, para mim, um verdadeiro guia.

E, na sutileza das suas emoções, não deixou transparecer que fora a minha casa para dar-me uma lição sobre gratidão para com as coisas que ganhava e, ainda mais, para com uma peça de que eu precisava para o próprio trabalho.

Conversa vai, conversa vem, quis despedir-se, mas antes que o fizesse, perguntou-me as horas. Como eu me esquecera de que havia dado o relógio à mulher, enfiei a mão no bolso da batina, retirei o relógio e falei-lhe brandamente:

Doze horas e quarenta e cinco minutos.

Ele me olhou assustado, e pediu que eu abrisse a tampa do relógio, o que fiz com obediência, e lá estava escrito o meu nome, que ele mesmo havia mandado gravar. Ele pediu desculpas e se pôs de partida.

Quis lhe acompanhar, mas ele não permitiu. Saiu sozinho e foi diretamente à casa do padeiro, por ter repugnância a mentiras. O padeiro ouviu o que um mentiroso deveria ouvir, pediu licença, foi lá dentro e trouxe o relógio de ouro, mostrando-o ao meu amigo. Este, assustado, abriu a tampa e viu o meu nome que ele mandara gravar, e disse com os olhos molhados:

É, este é o relógio do padre. Desculpa-me. Aquele homem é um santo! Eu vim de lá agora e ele estava com este mesmo relógio; ainda fi-lo abrir a tampa. Era esse mesmo que estava com ele! Peço desculpas: pelo que fiz!

Daí a alguns dias, o padeiro chegava a casa me entregando o relógio, deixando-me com mais uma dívida para pagar.

Mas, o que fazer quando os recursos são poucos? Que Deus me ajude a pagar todos a quem devo! E é por isso que até hoje trabalho nessa região em que nasci, como soldado de Cristo, porque devo muito a essa gente, a esse lugar. ..

Aquele relógio me serviu tanto, que até hoje, quando eu encontro o meu querido mestre, que o ofertou a mim, beijo-lhe as mãos com gratidão, pedindo a Jesus para que o relógio do seu coração bata sempre no ritmo das ideias de Deus.

## 30 HOJE

Hoje é muito importante em tua vida. Agora é muito mais! Ser-te-ão dados os meios que a vida dispõe em teu favor, se quiseres ouvir a voz do Mestre ...

*Ele te chama! ...*

de todas as formas, através de todas as circunstâncias, para te servir com todos os meios disponíveis que a tua evolução comportar.

*Ele te chama! ...*

aqui e agora, mostrando-te os caminhos mais suaves e o entendimento mais correto, com pensamentos mais puros, com ideias mais elevadas e com exemplos mais concretos.

*Ele te chama! ...*

pelas companhias mais certas, pelas afinidades mais legítimas, pelos ambientes compatíveis com o amor. Estuda, analisa e procura entender quem te chama e ouve quem te quer...

*Ele te chama! . . .*

para a luz da razão. Podes facilitar o que deves sentir de melhor, para a tua paz, para a tua concórdia, para a tua felicidade ...

Não percas o tempo que te procura nesse espaço, não percas o espaço que te procura dentro desse tempo, e entende o que alguém deseja te falar.

*Ele te chama! . . .*

para a vida. Aquela que não conhece morte, que não conhece tristeza, que não conhece ódio, que não conhece violência, que obedece às leis da natureza.

Pára e pensa, pensa e pára; medita no que deves ouvir... Ouve a voz da tua consciência em Cristo; ela é a tua mãe, o teu pai e o teu mestre.'

*Ele te chama! ...*

mas, já te chamou há milênios e vem te chamando todos os dias. Ele deseja que os teus olhos vejam a luz da verdade, e deseja libertar-te de todos os entraves das trevas, gerados pela ignorância. Não percas o tempo, esse que chamas de Hoje, e entende o que te falamos agora.

*Ele te chama! ...*

para que não percas mais as oportunidades de entender e servir, de perdoar e de viver a fraternidade, em todas as modalidades indicadas pelo amor.

Sê justo, na justiça de Deus. Sê bom, na bondade do Senhor. Sê caridoso, na caridade do nosso Pai Celestial, para que a tua vida seja a vida do Cristo, nas mãos do Criador.

*Ele te chama! ...*

para que mais tarde tu chames os outros, e a cadeia de chamados se estenda ao infinito, em todos os mundos onde habitam as outras almas, tuas irmãs.

A tua vida vale muito, se ela reflete a vida de Jesus. Os teus pensamentos valem muito, se eles forem compatíveis com os pensamentos do Mestre.

*Ele te chama! ...*

porém, não esperes que fique somente no chamado; deves passar pela senda que Ele passou. Lembra-te de que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Quem não passar por Ele, o Cristo de Deus, não poderá sentir a verdadeira felicidade.

Vê o quanto vale para ti o *Hoje, o Agora!*...

# 31 DEFUNTO QUE MOVEU OS BRAÇOS

Ocorrem muitos fenômenos espirituais na Terra; contudo, eles devem ser testados, ora pela razão, ora pela coragem, para não perdermos a confiança naquele que expressa a verdade.

O medo costuma nos mostrar o erro como acerto e a mentira como realidade. Desde pequeno, ouço casos sobre aparições de almas. Nunca duvidei que isso pudesse acontecer, mas os casos comprovados foram poucos. Entretanto, não poderemos negar que tudo vem à luz. E hoje nós sabemos que, para o espírito manifestar-se ou tornar-se visível para os homens, necessário se faz que ele use esse dom que se chama mediunidade. O médium é um instrumento, e fornece algo para que o espírito se torne visível. A literatura espiritualista é rica neste assunto, e explica como isso ocorre.

Eu próprio, quando estava encarnado, era um desses medianeiros, porque comigo aconteciam muitos e muitos fenômenos, já bem conhecidos de muitas pessoas, principalmente onde vi- vi.

Eu não tinha medo propriamente, mas receio de propagá-los, pela ignorância dos homens e pelas regras da Igreja, que eu deveria respeitar, mas, no íntimo do coração, eu os aceitava com toda a naturalidade.

Se o espírito pode encarnar, por que não tornar a voltar à carne? Se ele pode deixar o corpo durante o sono, e mesmo com o fenômeno morte, por que não pode manifestar-se como espírito? A própria Bíblia Sagrada está repleta destes fatos; negar é querer torcer a verdade por conveniência, ou por pertencer à religião que não os aceita. Como é difícil o homem ser livre! Geralmente, as pessoas se fecham naquilo que acham ser o melhor para elas, esquecendo-se da universalidade. Se Deus é o Todo Poderoso, se

está em toda parte, por que pensar que Ele somente fica conosco, por vezes, atendendo a nossa ignorância?

Deus é Deus de todos, e Se expressa por meios diversos, para atender a todas as criaturas, nas suas mais sutis necessidades. Enquanto existir disputa entre religiões, cada qual defendendo sua própria verdade, e querendo ser a eleita do Senhor, não desaparecerão os problemas e as dores da humanidade. Nós mesmos é que criamos os nossos infortúnios, pela curta visão que temos da verdade.

Certo dia, quando eu terminava meus deveres no Cabido Metropolitano, já tarde da noite, desci para a rua, tomando o rumo da minha casa; porém, ao passar pela frente da catedral, observei as portas abertas. Tive vontade de entrar para orar, gesto esse muito comum e que agradava o meu coração. Senti-me feliz em pensar que poderia conversar com Deus antes de dormir, ainda mais dentro da casa, que servia para manifestarmos gratidão ao Senhor do Universo.

Ao adentrar a casa santa, notei algo incomum ao ambiente: um caixão com um cadáver. Aproximei-me sem temor, porque era de costume que todos os que morressem na cidade passassem a noite na capela, já que a igreja servia, também, de velório. Avancei para o altar com a mesma tranquilidade de sempre. Ajoelhei-me diante dele, e pus-me a rezar, mais ou menos nestes termos:

— Grande Deus do Universo! Deus único que nos governa a todos! Pai Incomparável, que não escolhe os filhos para amar! Nós Te pedimos, em nome de Teu filho amado, Nosso Senhor Jesus Cristo, pela humanidade toda, que os homens, meu Deus, sintam amor no coração, e que esse amor possa ser transmitido para todos os seus semelhantes, para todas as criaturas viventes.

Meu Senhor, acabo de verificar quantos problemas existem, mesmo no seio da Tua Igreja. Quantos papéis passam pelas minhas mãos, por misericórdia do Teu coração! E, quantos existem no mundo inteiro? Somente Tu o sabes. A discórdia avoluma-se por toda parte, e o desinteresse pelo Bem cresce em todos os rumos.

Eú Te peço que nos ajude a compreender o objetivo de tudo isso, e que possamos servir de instrumento para melhorar aqueles que nos cercam . . . E que nós também possamos trilhar nos caminhos da verdade, e que a compreensão seja uma luz por onde passarmos.

A Igreja deve ser um Evangelho aberto, uma teoria fixada nas letras sagradas, e os representantes desta Igreja, um exemplo de tudo o que exemplificas dentro dessas páginas de luz. Será, Senhor, que não somos nós os mais errados, porque, conhecendo todos os Teus preceitos, tornamo-nos um volume de imposições insuportáveis para os que nos seguem? Ajuda-nos, Mestre, a corrigirmos a nós mesmos/para servirmos melhor!

Eu devo e quero tirar do meu coração o rancor, a inveja, o ciúme, a maledicência e o ambiente de mando, para ser um servo de todos, na presença do amor que sublima a vida.

Dentro desta igreja, meu Deus, está mais um a entrar para a eternidade. O seu corpo nos parece morto, entretanto, o espírito vive para sempre. Abençoa, Senhor, este nosso irmão, para que ele fique ou vá para o lugar que a Tua bondade determinar.

E eu, este frágil sacerdote, peço a Tua bênção, para melhor entender a Tua vontade. Amém!

Graças a Deus senti no clima da oração, um bem-estar indizível.

Levantei-me, olhei para o caixão, e pude observar certos movimentos nos braços do defunto. Veio logo à minha mente vaidosa, que talvez fosse a minha oração acordando o morto novamente para a vida, porque isso não era impossível. Jesus não ressuscitou Lázaro, depois de qua\* tro dias de morto?

E os braços continuaram a mexer. Pensei mil coisas em seguida, e a última foi chamar o sacristão, que dormia na própria igreja. Foi o que fiz imediatamente. Ele acordou, assustado, e narrei o caso para ele: o susto foi maior. Começou a tremer, e eu, com a presença dele, fiquei bem mais animado e disse:

— Suba lá e veja o que é aquilo.

Nessa época, o caixão ficava suspenso, para melhor ficar resguardado o falecido. E era costume as pessoas passarem a noite com quem morrera; entretanto, naquela noite não havia uma viva alma sequer; somente o morto e nós dois.

O sacristão, sem parar de tremer (eu nunca vi tanto medo assim), me disse:

— Padre, eu faço o que o senhor me pedir, mas q senhor vai me desculpar! Subir lá para olhar isso eu não vou não. Eu vou é embora para casa!

Eu não tinha medo, mas diante da tremedeira dele, comecei a sentir uma coisa esquisita no corpo , porém, reagi, com a confiança em Deus. Eu estava me esquecendo que ali era uma igreja! Falei sério com o sacristão:

— Bem, já que você não vai olhar o que está acontecendo, pelo menos fique aqui e não saia!

Ele me respondeu quase sem palavras:

H- Sim, senhor, sim, senhor!

Mas, olhava demais para a porta da igreja. Notei que iria ficar sozinho a qualquer momento. Arranjei um banco para eu subir, e

levei a mão dentro do caixão, para chamar o defunto, porque poderia ter sido um ataque o que ele tivera, e que havia sido tomado por morte, casos que a gente ouvia muito na região. Contudo, eu estava todo arrepiado, dos pés à cabeça. A gente mesmo não conhece a gente; só na hora do testemunho é que começamos a nos conhecer de verdade. O medroso nos empresta alguma coisa de si, que nos toca profundamente.

De vez em quando, vinha a minha cabeça que aquilo poderia ser um milagre. Mas, como eu fazer milagre, sem condições, daquele jeito? O ambiente não era de serenidade; era só agitação. O meu coração estava mais calmo, mas, o do sacristão era de fazer dó, parecendo que ia saltar do peito. Tive medo dele morrer; no entanto, era preciso que ele aguentasse até o fim da história.

As minhas mãos estavam frias, bem como os pés, que já tinham certa tendência para isso. Notava, pela audição, que algo lá dentro do caixão se

mexia com frequência. Tive ímpetos de chamar mais gente, mas, e a minha honra de padre, acostumado com vivos e mortos? Seria uma calamidade ... Pisei, finalmente, no pequeno tamborete, para subir, mas, com os olhos no companheiro. E como a minha atenção estava mais no sacristão do que naquilo que deveria fazer, pisei em falso, e o tamborete rodou comigo. O sacristão avançou para ir embora, entretanto, eu ainda o peguei pela camisa, dizendo:

- Fique, meu irmão, nós somos dois.

Ao tocar nele senti que aquela alma estava mais longe talvez, do que o próprio defunto. Ele estava gelado. Se fosse o caso, eu deveria ter medo era dele. Tirei Um velho rosário do bolso e dei ao companheiro, dizendo:

— Vai rezando isso aí, enquanto eu subo para verificar este, fato.

E consertei o tamborete, vendo que ele passava muitas contas do rosário sem perceber; misturava *Pai Nosso* com *Ave Maria* e vice-versa. Eu já, havia ouvido orações que somente saíam da boca, mas aquela tirava o primeiro lugar. Contudo, ele se entretinha mais ou menos com o rosário nas mãos, e podia permanecer de pé. Subi no tamborete, também orando, e enfiei a mão para pegar no braço do defunto e chamá-lo com energia. Fixei tanto Jesus Cristo em minha mente, que fiquei muitos dias com o quadro na cabeça, sem que aquilo saísse. Quando peguei em seu braço e chamei-o em voz alta, em nome de Deus, vi que duas coisas saíram de dentro do caixão de uma vez, passando por cima' de mim e caindo na cabeça do sacristão: eram duas ratazanas enormes.

Ele deu um grito, que pareceu estourar a minha cabeça, e saiu correndo. Nunca mais veio à igreja. Várias vezes eu quis procurá-lo, mas, quando ele notava que era eu, desaparecia. Aquele quadro me pôs a pensar o quanto o homem sofre por medo, e quantas pessoas morrem somente de medo, em todos os aspectos da vida.

A lição maior foi para mim. Pude saber que eu, como sacerdote, também tinha medo. Estava querendo enfrentar o problema, mas não queria deixar o sacristão ir-se embora.

Conheci um bispo famoso, cheio de qualidades que eu nunca possuí. Era um orador que não cansava os ouvintes, que levava vida completamente reta nos seus deveres, enérgico quando deparava com erros e manso quando o coração pedia. Não obstante, podia estar na hora da maior alegria, mas, se ele visse uma lagartixa, ou pelo menos o pronunciar desse nome, acabava-se o dia para ele.

E até os sonhos eram tumultuados.

Os ratos me deram uma lição e me despertaram para grandes coisas . . . Comecei a estudar essas fraquezas humanas e os modos pelos quais deveria combatê-las. Sobre algumas, tive resultados surpreendentes.

Depois que passei para o plano espiritual, compreendi as raízes de todas essas fraquezas: é o nosso passado influenciando muito, mas muito mesmo, no presente, todavia, o nosso esforço no sentido de nos libertarmos, serve muito. Freud deu sinal sobre a cura dessa doença psíquica, que o futuro haverá de completar em se aceitando a reencarnação, verdade das verdades, que nos mostra a justiça de Deus.

## 32 VIVEMOS JUNTOS

Estamos vivendo juntos, dentro de um turbilhão de gente e coisas indescritíveis. Essa é a nossa casa comum, esse é o planeta que habitamos. Ele, de certo modo, constitui uma das maravilhas do Universo, pelo aspecto natural de sua existência, pela harmonia de suas inumeráveis evoluções, pela mecânica que obedece e pelas leis que respeita, na sua organização intrínseca. A Terra é um berço esplêndido, que viaja no espaço em companhia de outros que o cercam, seguros pela engenhosa lei de atração.

Entretanto, fazemos parte de uma família enorme, onde a razão avança e domina, e bilhões de criaturas encarnadas e desencarnadas vivem dentro de um padrão que conquistaram pelas mãos do tempo e do espaço.

Eis que a mente humana, na faixa em que se encontra, desenha no seu próprio caminho as dificuldades que precisa superar, e sofre as con- sequências das sementes que escolheu

mal, na sementeira por onde passou.

A terra se dividiu em países, e este em estados e municípios, aldeias e lares. E somos colocados, quando nascemos, no lugar certo, pela lei de sintonia, no resgate daquilo que fizemos no passado, ou por necessidade evolutiva. Abençoemos o lugar que nos recebeu por misericórdia de Deus e façamos dele a nossa casa, o nosso lar, e trabalhemos juntos a todos, ganhando o tempo e servindo-nos dele como mestre.

Nem sempre ficamos onde nascemos, mas nascemos no ambiente em que devemos surgir. Se quisermos fugir de pessoas ou coisas que não nos fazem bem, em determinado lugar a que fomos chamados a servir, aonde quer que formos encontraremos as mesmas coisas e idênticos personagens, revestidos de outras formas, mas que nos pedem as mesmas coisas, que requerem de nós a mesma compreensão e, se for o caso, usarão da mesma violência aos nossos direitos. Não podemos nem devemos transferir o nosso fardo para o outro, porque ele é nosso e os outros já têm os deles.

Confiemos em Deus que, à medida que avançarmos, aliviaremos o fardo e suavizaremos o jugo, se obedecermos à lei que nos pede compreensão, tolerância, amor e, acima de tudo, exemplos de bons costumes.

Não podemos viver separados uns dos outros, em nenhuma parte do Universo. Onde se encontra um, se reúnem muitos, é uma lei que induz todas as criaturas, é uma força que une todas as coisas, do vírus aos mundos, dos homens aos anjos. Eis porque o nosso dever de encarnados e desencarnados é aprender a viver juntos, sem atritos, sem distúrbios, sem discórdia, procurando a mesma harmonia que existe no Universo. Jesus foi o ponto desta harmonia e sintetizou todas as leis de Deus em um punhado de conceitos divinos, registrados pelos apóstolos como o Evangelho. Para tanto, Ele precisou descer dos altiplanos da vida espiritual, ao

chão em que nos encontramos...

O Evangelho é o reformador das criaturas, é o indicador de todos os caminhos que nos levam à felicidade, aquela que poderemos conquistar juntamente com todos, dentro do mesmo barco. Repetimos: não podemos viver sozinhos em tempo e em época alguma.

Como aprender a viver em conjunto, vivendo em paz? Existe uma senda bem mais segura do que poderíamos pensar, e esse caminho é o do Amor! Quem ama, vive junto de tudo e de todos, cantando a canção da alegria, inspirado na força da verdadeira fraternidade!

## 33 RENÚNCIA MENTIROSA

Todas as religiões carregam em seus ombros uma grande responsabilidade: a de ensinar. E por vezes, recolhe em seus livros sábios preceitos. Mas, o mal está nos seus dirigentes, que decoram fórmulas e pregam moral; que ensinam meios de se elevarem as criaturas e mostram condições para a libertação, que falam e escrevem sobre caridade, que cantam louvores a Deus, de gratidão pelo bem-estar que desfrutam, porém, que se esquecem da melhor parte do engenho misterioso da felicidade, que é viver o que falam e exemplificar o que escrevem.

As renúncias que até então temos visto, são muitas vezes mentirosas\* se procuramos observar as vidas deles, em particular, e isso é tão antigo como o próprio cristianismo. Jesus já falava, naquela época, desses fariseus. Vejamos o que Lucas teve a oportunidade de registrar, no capítulo 11, versículo 46: *Ai de vós também, intérpretes da lei, porque sobrecarregais os homens com fardos superiores às suas forças, mas, vós mesmos nem com o dedo os tocais.*

A doutrina de Jesus Cristo é da mais alta estrutura moral e espiritual. Ela, no futuro, vai ser o código de todas as nações do mundo, porque o progresso vai abrindo a visão dos homens, e eles, descobrindo o que já está na Terra, há dezenas de séculos, esperando que as criaturas acordem e sejam felizes.

É de grande proveito que consultemos, igualmente, Mateus, no capítulo 23, versículos 3 e 4, que assim se refere: *Fazei e guardai, pois, tudo quanto ei es vos disserem, porém, não os imiteis nas suas obras, porque dizem e não fazem, pois atam fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, entretanto, e/es mesmos nem com o dedo querem movê-los.* E é neste sentido que os Céus têm tido misericórdia de todos os homens sofredores, e enviado os grandes santos no seio das grandes religiões/ nunca, como pensam muitos, feitos pela religião. Eles desceram para ensinar aos dirigentes, aos que representam o Cristo na Terra. É Jesus falando pelos lábios deles. Nós podemos ver na vida de Francisco de Assis, o Evangelho vivido, o Cristo refletindo Seu amor, o Evangelho na carne, se fazendo humano para nos ensinar o que é a verdadeira renúncia, o que é o verdadeiro exemplo, falando, escrevendo e vivendo.

Como é duro vestir uma batina de sacerdote, dado à aliança que fazemos com Jesus Cristo e com a nossa consciência! Muitas vezes eu fazia coisas, obrigado pela religião, que o meu coração não aceitava. Mas muitas vezes também, deixei de fazê-las, mesmo sofrendo certas corrigendas. Porém, as sofria com a consciência tranquila, por ter cumprido um dever que me impunha o coração em Cristo.

Não quero aqui espezinhar nenhuma religião, pois muito as respeito, como a religião Católica Apostólica Romana, a que pertencia, talvez por provação. Amo todas elas e sei o bem que todas têm feito à humanidade. Até certo ponto, elas são instrumentos de despertar dos homens para Deus.

Tivemos a oportunidade de estar em P., cidade maravilhosa

que sempre nos convida à meditação. Do alto em que ela se localiza, podemos respirar um ar mais puro e sentir as belezas da natureza, desfrutando-as, por misericórdia do nosso Pai Celestial. À noite, o céu é todo estrelas... Que coisa linda!

Foi-nos dada a felicidade de fazer parte de um colegiado de padres, que ali se reuniam, para melhor aprimoramento das ideias e unidade dos ensinamentos. Encontrei, nessa ocasião, verdadeiros homens de bem. Não sabia, até então, quantos valores tinha a nossa comunidade, valores esses escondidos em frades humildes e padres sem nenhuma expressão política e social. É sempre assim, os melhores tesouros escondem-se bem ao fundo, entre cascalhos de pouco valor.

Não tínhamos, especificamente, tribunus para nos encher os ouvidos de literatura decorada, mas homens de boa vontade, com os quais iríamos conversar sobre aquilo que eles já tinham vivido no dia a dia das suas lutas, em variadas paróquias. Conheciam, na própria pele, a dor humana e o sofrimento dos pobres, por serem eles pobres também. Esses homens não pregavam a renúncia, viviam renunciando; não ajuntavam, distribuíam. Não impondo suas ideias a ninguém, eles pregavam o Evangelho pelo exemplo.

Pude conversar com cada um deles e pesquisar seus sentimentos. Nada possuíam que não pudessem dar com alegria. Disfarçavam o conhecimento adquirido nos cursos que a escola da vida lhes proporcionara, quando conversavam com os humildes, mesmo que fossem padres e freiras, e distribuíam com parcimônia a sua sabedoria, ao se encontrarem com intelectuais, respeitando as qualidades do companheiro de conversação. Para mim, foi maravilhoso tal encontro, e dele tirei ricas deduções. Como aprendi com os companheiros de crença! Que Deus os abençoe sempre.

Terminado o nosso retiro, altamente instrutivo, deveríamos fechar a aprendizagem no Palácio Episcopal, e nós é que

escolheríamos o tema para que o prelado da bela cidade pudesse encerrar o nosso conagraçamento com a sua alta sabedoria e o amor que poderia nos dispensar.

Eu tinha minhas dúvidas, como muitos dos meus companheiros de meditação; no entanto, era ordem superior que deveríamos acatar. O tema que escolhemos foi "Renúncia" e a vida focalizada foi a do *Poverello* de Assis. O fechamento da palestra da Sua Excelência Reverendíssima deveria ser "Teoria e Exemplo", sem esquecer à base de todas as nossas aspirações: a palavra e a obra de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esses assuntos que nós escolhemos não precisavam ser entregues à autoridade religiosa, antes, pois ele não precisava de se preparar, dada a sua alta cultura teológica, capacidade espiritual e intelectual. Verdadeiramente, não podíamos negar, ele era mesmo dono de uma retórica invejável. Pena que não fosse totalmente entregue à influência da verdade...

Um santo, com aquela facilidade de falar, assombraria o mundo! Recebeu-nos em palácio com muita alegria. Acomodamo-nos no piso do grande salão, que não era aberto aos visitantes, mas, pela graça da Sua Excelência, nos foi concedida essa liberdade.

Ele assentou-se em sua luxuosa poltrona, que temos vergonha de descrever, pelo abuso e desperdício de dinheiro saído de mãos caleja-das e de suores impregnados de preocupação no sustento das famílias.

Levantou-se um dos padres. Na sua simplicidade, pediu licença e entregou ao bispo o assunto que queríamos ouvir dos seus lábios, compartilhando o seu coração. Ele recebeu com contentamento o pergaminho muito bem escrito por hábeis mãos escolhidas. Em instantes, perlustraram os seus olhos lívidos o papel. Cerrou o cenho, a sua feição como homem inteligente mudou por completo, perdeu totalmente a graça diante de nós. No papel preparado pela comissão, eram citados muitos capítulos do novo testamento, referentes à renúncia dos bens materiais,

inclusive o encontro de Ananias e sua mulher Safira, em Atos dos Apóstolos, no capítulo cinco, versículos de um a onze, que rogamos ao leitor que leia, tão logo o possa fazer.

Notei e não fui somente eu, que ele meditava, fazendo um retrocesso em sua vida, e encontrando somente o contrário do que queríamos ouvir da sua boca. Eu o via claramente pensando sobre onde morava, no lugar que estava ocupando como guia de milhares de ovelhas, às quais deveria dar exemplo, e, principalmente, guia de nós, sacerdotes, que seríamos reflexo dele onde estivéssemos. Passou os olhos de leve para as mãos e o anel emitiu reflexos luminosos em todas as direções; correu os dedos no crucifixo, com a educação que ganhara no tempo e nas escolas, olhando em seguida para nós, sentados no piso como servos daquele que deveria viver o que falava e exemplificar o que escrevia. Notei o seu corpo agitar-se, e a consciência não deixou que ele falasse a nós naquele momento. Tive pena dele, confesso, e acho sinceramente que ele foi grande em não mentir para nós. Ele percebeu a armadilha que armamos para ele, sem ferir, sem falar, sem impor, na peculiaridade dos que têm fome do pão espiritual. Vi a sua cor, antes de maçã madura, mudar para uma palidez de tornar a sua feição irreconhecível. Dois auxiliares que se postavam ao lado do reverendo senhor, se assustaram e dele se aproximaram, colocando-se às suas ordens, e o prelado, com humildade, pelo abatimento, segredou algo em um dos ouvidos curvados à sua altura. Aquele que ouviu, tomou posição e nos falou com delicadeza, que orássemos para o nosso protetor, que estava sentindo um ligeiro mal-estar e que iria se recolher. Saíram amparando o magnânimo preceptor, voltando um deles com o papel na mão, e assumiu o lugar da Sua Excelência com tranquilidade. Notamos que ele iria nos orientar acerca do assunto por nós escolhido, mas, quando ele abriu o papel que ainda não tinha lido, fechou-o, considerando-o irreverente, e nos disse sem titubear:

Olhem, meus irmãos, como vocês viram o que ocorreu há instantes, fica, em nome de Deus e de Jesus Cristo, encerrado o assunto com todo o amor que ele tem para nos dar e a sabedoria que verte sempre de Seus lábios. De lá do quarto em que repousa, ele envia a sua bênção de maior entendimento entre todas as suas ovelhas, pedindo a Jesus para lhes guiar hoje e sempre!

E nos despediu.

Nós todos saímos dali de cabeça baixa, demonstrando tristeza pelo mal-estar da Sua Excelência, mas é fácil imaginar o que se passava por dentro do nosso coração e dos nossos pensamentos...

Não estamos aqui generalizando nossa opinião, pois conhecemos grandes bispos na direção de muitas ovelhas, verdadeiramente santos, e padres com a mesma elevação moral, porque vivem o que falam e pregam o que vivem; entretanto, existem alguns que negam, pela vida que levam, a própria religião a que pertencem. Temos de ter muita vigilância, para não sermos vítimas da renúncia enganosa!...

## 34 A MAIS LINDA DAS CANÇÕES

*Pai Nosso que estais nos céus...*

Luz das luzes de todos os tempos, paz de todas as épocas, Criador da obra infinita, abençoai nossos esforços, despertando nossos sentimentos. Que seja pelas vias de luz,  
Que seja pelas mãos de Jesus.

*Santificado seja o Vosso nome...*

O Vosso nome comanda todos os nomes, a Vossa força domina todas as forças, na luz do dia ou nas trevas da noite. O Vosso nome nos encanta e nos alegra.

Herdamos o Vosso nome pelas vias da luz. Que seja pelas mãos de Jesus.

Venha a nós o Vosso reino, faça-se a Vossa Vontade!...

Que venha a nós o Vosso reino, por misericórdia ao nosso coração, e que a Vossa vontade seja feita em todos os nossos pedidos, nas nossas intenções...

O Vosso reino nos conforta pelas vias da luz.

Que seja pelas mãos de Jesus.

Assim na Terra como no Céu.

Que a Vossa vontade harmonize todos os planos, se for do Vosso querer. Que seja feita a Vossa vontade nos corações de todos os homens, em todas as coisas...

Que a Vossa vontade nos ajude pelas vias da luz.

Que seja pelas mãos de Jesus.

O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje...

Que os alimentos dos Céus desçam para todos os homens. Que os alimentos da Terra multipliquem-se para todas as criaturas, mas, dai-nos hoje, a compreensão.

Esperamos o pão da alma junto ao pão do corpo.

Que seja pelas vias da luz.

Que seja pelas mãos de Jesus.

E perdoai as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores.

Que o Vosso perdão encontre ambiente em nós, para que possamos esquecer as faltas, e ajudai-nos a compreender os nossos companheiros. Que o perdão seja o nosso caminho, pelas vias da luz.

Que seja pelas mãos de Jesus.

E não nos deixeis cair em tentações, mas livrai-nos do mal...

Que a Vossa luz nos ajude a conquistar o Bem, e que essa força do Amor nos faça esquecer de todo o mal, transformando as tentações em aprendizado,

pelas vias de luz.

Que seja pelas mãos de Jesus.

Pois Vosso é o reino, o poder e a glória, para sempre!

Senhor! Sabemos do Vosso poder sobre todas as coisas criadas. Ajudai-nos a respeitá-las. Ajudai-nos a Vos amar sobre todas as coisas, a amar ao próximo como a nós mesmos, e sermos felizes. Cabe-nos uma parcela na vida; abençoai-nos neste trabalho dentro de nós.

Alimentai o nosso poder de amar, mas que seja pelas vias da luz.

Que seja pelas mãos de Jesus.

Assim seja!

## 35 O VELHO CHAPÉU

Eu, na verdade, lia muito sobre todos os assuntos. Desde cedo, nunca obedeci aos censores, não por falta de obediência, mas, por achar extravagantes determinadas regras. A leitura é um alimento, e eu achava que quem deve escolher o alimento é aquele que vai utilizá-lo. Para os que caíam em minhas mãos, e que logo me interessavam, eu arranjava tempo para deliciar-me na leitura. Para mim, era uma das coisas mais agradáveis aos sentimentos. Como estudante, e mesmo como padre, as oportunidades de encontrar livros eram muitas. Alguns dos nossos professores eram da mesma opinião que a minha, o que me deixava contente, por achar companheiros dos mesmos ideais.

Conheci muitos livros fora da órbita católica, que me ensinaram coisas grandiosas, mostrando-me outro lado da vida que eu até então desconhecia. Livros sobre cristianismo, pendurado no Index pela nossa religião, que eu verdadeiramente admirei, pelos modos com que os autores mostravam a grandeza

do Cristo, o Cristo Universal que nós sonhávamos.

Nunca em minha vida tive a pretensão de colocar Jesus fechado em uma religião. Isto seria diminuir a grande personalidade do Maior dos espíritos que vieram à Terra, nos trazer diretamente a mensagem de Deus. Jesus é um sol espiritual, e, se o sol físico não escolhe nação para derramar seus raios benfeitores, como o sol espiritual vai escolher?

Quanto mais o corpo ia envelhecendo, mais a minha mente e o meu coração se tornavam livres dos preconceitos forjados pelos homens, e dos enxertos doutrinários que os teólogos adaptavam na doutrina cristã. Sabia, graças a Deus, sentir a verdade onde ela palpitasse; no entanto, a religião da qual eu fazia parte, por altos compromissos, mesmo antes de nascer, não me permitia ir contra determinadas regras e velhos conceitos que não tinham nada a ver com Jesus. Porém, a humanidade nem sempre está preparada para as verdades, que poderão perturbar os motivos da sua própria crença.

O aprimoramento é gradativo, de acordo com a evolução da criatura. Isso faz parte das primeiras aulas que nós recebemos depois do túmulo.

É por isso que não temos ainda na Terra,

um só rebanho e um só Pastor, como descreve o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Somente o amanhã comportará essa força de unidade pela qual trabalham as grandes almas: fazer da Terra um lar, onde todos são irmãos na verdadeira acepção da palavra.

A cidade de M. e adjacências formavam uma força poderosa onde o clero era respeitado, no seio da própria religião. Vinham grandes autoridades eclesiásticas para se reunirem conosco, a fim de tratarem de assuntos relevantes, políticos e religiosos.

Em um desses encontros, por motivos que eu desconhecia, fui convidado pelos prelados da região, para ser um membro do

pequeno colégio apostolar. Quem era eu!... Na verdade, tinha muita vontade de assistir a essas altas conversações, para poder sentir o que se passava na cúpula da direção da nossa Igreja, em se referindo aos destinos religiosos do país. No dia pré-determinado, preparei-me como de costume, tanto o corpo quanto o espírito. Sempre que recebia esses convites, mesmo para tratar de assuntos terrenos, tinha o costume de suprimir quase totalmente as refeições, pois descobri que o jejum nos traz possibilidades maiores de entrarmos em contato com as forças superiores, e isso para mim era muito válido.

O Palácio Episcopal, nesse dia, estava movimentadíssimo, as ruas, cheias de gente de fora. Uma multidão de padres e de irmãs de caridade vibrava na cidade, querendo conhecer, e mesmo tornar a ver, os visitantes ilustres. Para mim, já não era novidade; eu os conhecia, por servir de mensageiro de um "reino" para outro, o que foi muito bom, porque enriqueci meu aprendizado, conhecendo os homens, os pastores sobre cujos ombros pesavam os destinos dos conhecimentos espirituais...

Pela educação que me deram desde criança, cheguei e não fui diretamente entrando na grande casa. Fiquei em sala determinada para espera, até que fosse chamado para tal ou qual atividade, na qual eu haveria de tomar parte. Sala cheia. Havia mais de cem pessoas, de todas as classes, à espera. Muitos olhavam para mim, admirados, embora eu não atinasse porquê.

Conservei-me calado, aproveitando o tempo para ler. Passaram-se as horas, corriam minutos e segundos, e o povo impaciente, cuja inquietação comecei também a sentir; no entanto, busquei reforçar a minha paciência. Eu era um padre, e como tal, deveria dar exemplo de disciplina. Alguns foram embora. Foi servido um lanche, sem que ninguém perguntasse nada sobre a reunião ou sobre qualquer outro assunto. Eu também não perguntei.

Em certa hora, quando eu achei que a paciência poderia

converter-me em bobo da corte, suspirei, pela força da liberdade. Olhei para os lados; estava quase sozinho; fiz menção de levantar-me. Espreguicei e solicitei um copo de água a um dos servidores da noite, que tinha acesso aos departamentos da casa, e fui servido com eficiência. Conversei um pouco com ele, que já era meu conhecido. Por sinal, eu o estimava muito, pela sua obediência aos superiores. Falei baixinho: — Olha, meu filho, se alguém perguntar por mim, diga que fui embora. Eu acho que devo ir-me.

Ele, prestativo, retrucou com respeito:

— Olha padre, eu sei que o senhor faz parte da comissão, mas ainda não me ordenaram chamar-lhe, por isso... e fez um gesto de exclamação.

— Sei... Sei..., respondi-lhe. Está tudo bem, eu devo ir embora. Ele sorria para mim, mas notei a sua tristeza, porém, o que fazer? Ele tinha de respeitar as leis e regulamentos da Casa. Com reverência, respondeu às minhas despedidas. Fui à parede, peguei o chapéu e a bengala, meus velhos companheiros. Olhei para ele e sorri como último cumprimento. Aí, não deu para que eu entendesse o espanto do moço, quando apanhei o chapéu e a bengala, mas como nada havia ocorrido de excepcional para que eu deduzisse que aquilo significava espanto, saí, ganhando a rua. Ele subiu correndo; escutei seus ligeiros passos nas escadarias. Daí a pouco, estava voltando e correndo atrás de *mim na rua. Disse-me:*

— *Padre!... Padre!... Eles lhe chamam com urgência! Eles tinham se esquecido do senhor e pedem desculpas.*

Senti indiferença no coração; eles sempre se esqueciam de mim nestas horas. Somente se lembravam, e faziam questão de lembrar, quando tinham um trabalho que contrariasse os seus costumes de macias poltronas. Mas, estava tudo bem, e voltei. O vigilante, com a respiração ofegante, foi me dizendo com a voz

entrecortada:

— Padre Horta! O senhor me perdoa, mas o povo lá dentro está assustado com o senhor! Naquela hora eu é que fiquei assustado com a notícia, e perguntei apressado:

— Por que, meu filho?

O moço, meio pálido, esclareceu.

HBOjha padre, o senhor, quando se despediu de mim, e tirou da parede o chapéu e a bengala, não tinha nada os segurando. Que coisa incrível! Todo mundo coloca essas coisas nos cabides, e o senhor os pôs na parede limpa! Eu corri lá dentro e contei o caso ao Senhor Bispo. Os outros ouviram e me mandaram lhe chamar imediatamente, já que o senhor faz parte da comissão. Pedem para o senhor subir com urgência.

Pensei comigo mesmo:

— Meu Deus, o que é isso? Lembro-me perfeitamente que ao colocar chapéu e bengala, vi um pequeno torno na parede. Estranhei um pouco por ser diferente, na verdade, mas, como naquela casa tudo mudava de vez em quando, não me admirei. Porém, estava lá um cabide onde pendurei meus objetos!

Quando comecei a subir as escadarias, o prelado da casa estava me esperando no fim da escada, sorrindo, e me estendendo as mãos que logo beijei. Ele disse:

— Olha, padre, peça desculpas por sua demora. Não podemos fugir da linha hierárquica que sustenta a Igreja, e do respeito que devemos ter aos superiores. Assim, tudo fica bem...

Não havia tempo para réplica, e nem posição que me desse esse direito. Engoli a bucha sem mastigar e fiz do coração um saco, para encetar tudo o que viesse para dentro dele.

Mudei logo a feição e fomos entrando no salão, cuja atmosfera fazia sentir que ali estavam à espera de uma marionete. Pedi desculpas pela demora com toda a humildade que dispunha. Eles reconheceram as minhas deficiências e riram

todos juntos. Um deles me disse:

BH Padre, o senhor já aprendeu a magnetizar as pessoas?

— Parece que sim, replicou outro, pois o moço aí viu o senhor tirando o chapéu da parede onde não havia cabide, como também a sua bengala. Quer fazer isso para nós?

Pedi desculpas, e disse com humildade: — Não, senhores, eu desconheço esse fato. Acho que é engano do nosso irmão. Não aconteceu nada disso.

Tomei assento à grande mesa, onde os assuntos não me agradaram, e a reunião se arrastou até dobrar da madrugada, quando, então, decidimos ir embora.

Fui ao local onde havia posto o chapéu e a bengala. O vigilante estava com a razão; não havia mesmo nenhum cabide na parede. O chapéu ficara pendurado em cabide invisível e a bengala ajustou-se à parede, sem que eu entendesse como...

Mas, não era de se admirar muito, porque esses fenômenos sempre aconteciam comigo. Eu os guardava, sem poder falar abertamente, a não ser quando o povo descobria.

Mais tarde, eu vi rir a saber que se tratava de fenômeno mediúnicos, hoje tão propalado e estudado no nosso Brasil. Sem a força mediúnica, as religiões não existiriam com tanto esplendor...

A noite nos dava o exemplo mais puro de silêncio. As estrelas pareciam inteligências vivas, bailando nos espaços de Deus, a nos mostrar a grandeza da criação. A mente avançava em todos os rumos, buscando algo que muito nos interessava na vida... Veio o sono e a ele eu me entreguei. A vontade de conhecer a Grande Luz que Se manifesta em tudo e que tudo fez, vibrava dentro de mim sem que eu a pudesse conter.

Reuni forças no coração. Busquei através da mente todos os meios possíveis para viajar, e parti como se fosse um raio de luz. Mas, eu era mais que a luz, alcançava velocidade maior, e o poder dos meus pensamentos ultrapassava a minha própria vontade. Então, busquei o infinito e viajei no espaço, de forma que anos e

milênios passavam em grande velocidade, como se fossem ficando para trás.

Visitei astros de todos os tipos, alcancei estrelas de todas as grandezas, deixei para trás constelações de todas as posições, e pude contar galáxias até perder os números. Passaram-se milhões de anos nessa viagem<sup>2</sup> vertiginosa, e, uma ideia acendia cada vez mais no meu coração: vê-Lo!

Os meus cabelos e barba formavam um rastro no infinito, qual os gigantescos cometas que visitam os mundos. Eu dominei o tempo e saí do domínio do espaço. Parei diante de um gigantesco palácio feito de estrelas de todas as nuances, e nos seus raios estavam escritas todas as virtudes. Entrei e vi um trono imponente, onde faiscavam pedras de luz e o ouro mais puro formava o piso.

Olhei para o trono e nele vi assentado o Maior dos imortais com um sorriso encantador, que não posso descrever por me faltar condição. Não podia bem observar Suas feições, mas, mesmo assim falei, curvando-me diante daquela angelitude que eu não podia compreender, com a voz trêmula, pedindo perdão pela curiosidade.

— Meu Deus! Perdoa-me! Perdoa esse Teu servo inconveniente, que queria Te ver. Abençoa meu destino e põe-me de novo na Tua escola...

Ele olhou para mim — foi a impressão que tive — e me disse com ternura:

— Meu filho, não sou quem procuras. Eu não sou Deus... Estou aqui esperando ordens do mais alto, para descer à Terra onde viverei como humano.

O Deus que procuras não mora nos confins do infinito. Ele está pertinho de ti, de mim e de todas as criaturas. Não viajes mais, procurando o Criador...

O sublimado espírito fez uma pausa e eu perguntei sem constrangimento:

— Onde está Ele?

Vi que os lábios do Grande Ser moviam-se harmoniosamente, dizendo:

— Ele, Aquele a quem procuras, está dentro de ti; busca-O e O acharás!

Parece que ele tocou a mão de luz em minha cabeça e acordei com o coração em saltos e a mente recordando a lição... \*

## 36 LOBO COM PELE DE CORDEIRO

Eu, quando criança, ouvi meu pai dizer para a minha mãe, um nome que achei esquisito: ladrão. Foi em uma certa idade, em que pude registrar esse nome e querer conhecer o seu significado.

HO que é ladrão? perguntei ao meu pai, certa vez. E ele, homem de ampla cultura, que dominava várias línguas, amante das boas leituras e respeitado como um verdadeiro mestre, tanto que foi convidado para lecionar nas famosas escolas de O. P., onde o destino lhe cobrou muito caro a sua ida para essa cidade, me disse:

— Ladrão, meu filho, é aquele que envergonha a sua própria consciência, exigindo pela força ou pela astúcia, o que não lhe pertence. Este é o ladrão mais grosseiro; entretanto, ainda existe outro tipo de ladrão, disseminado por toda parte: é o ladrão que rouba na sutil idade;

é o que rouba o tempo seu e dos outros com futilidades; é o ladrão que desperdiça as economias de Deus, que gasta os pensamentos em coisas vãs, distribuindo pérolas aos porcos. Ladrão é mais ou menos isso aí.

Notei que meu pai ficou em dúvida se eu entendera ou não, mas, eu percebera muito bem o significado e fiquei pensando num

jeito de falar aos ladrões que não deveriam fazer aquilo, que Deus não gostava destes atos, que não era certa essa vida... E falei sobre isso com minha mãe. Ela se mostrou agitada com minhas perguntas e procurou meu pai, que achou conveniente me levar ao padre da paróquia, onde eu poderia receber instruções sobre o meu comportamento, relativo àquele assunto.

O vigário conversou comigo por muito tempo, porém, não me satisfez. Ele separava o ladrão da sociedade, como sendo um pária da comunidade humana, como sendo filho do satanás. Eu fiquei vencido, mas não convencido, com os seus argumentos. Certa vez, um nosso professor nos dissera que em um espaço de uma ponta de alfinete, do mais pequeno que fosse, Deus estaria lá com todo o Seu fulgor, com toda a Sua sabedoria, com toda a Sua amplitude... E eu sempre monologava:

— Se um ladrão, daquele tamanho, ocupava um lugar muito e muito maior do que uma ponta de alfinete, será que Deus não estaria nele? E, se estivesse, seria justo alijar o ladrão da sociedade, impedir todas as possibilidades dele se regenerar? Que fazer do ladrão? Quais os processos que a justiça apresentava para melhorar o ladrão? Por que ele roubava?

Isso se passava sempre em minha mente infantil. Depois, eu esquecia e vinham outras coisas para que eu me ocupasse. Sempre existiram ladrões, assassinos, mentirosos etc... Como cuidar deles? Não seriam eles doentes?

Bem mais tarde, já no mundo espiritual, foi que encontrei essa equação que há milhares de anos a própria ciência humana busca e não encontra. Mas, quem busca algum dia haverá de encontrar a verdade, por ser Deus infinitamente bom e cheio de justiça e amor. Todos esses defeitos da personalidade são processos delineados pela natureza, são forças biogenéticas que lutam uma com a outra para que surja o equilíbrio no futuro, com o objetivo de fazer surgir o super-homem. A humanidade, na área evolutiva em que se

encontra, tem todos esses defeitos. Uns têm mais, outros menos; uns estão avançados, outros na retaguarda, mas todos têm.

Conhecemos duas escolas que podem educá-la com muito proveito: a escola do tempo e a escola evangélica. A primeira desperta e a segunda, educa.

Bem, eu tinha sido chamado, como sempre, para ver um doente, cuja enfermidade o afastava da sociedade, por ser chamada, pela ciência, de contagiosa. Mas, para mim, a mais contagiosa não era a própria doença física: era a mental, e eu ia ao encontro dessas pessoas com toda a fé em Deus e em Jesus, sem medo nenhum.

O pobre homem estava isolado num quarto pelos familiares, e somente uma velha preta, de mais de oitenta anos, poderia assisti-lo. Além dela estar com idade avançada, já no fim da vida, era do dito popular, que a tuberculose não é transmissível ao ancião. Entretanto, a preta era obrigada a fazer aquele tipo de serviço, do qual, porém, ela gostava muito. O patrão ou o doente, mudava de comportamento para com quem quer que fosse.

Doença do pulmão, naquela época, em que não era conhecido o antibiótico, em que não havia os recursos da época em que estamos escrevendo, fazia mais medo do que fantasma. Entrementes, o padre, sendo um homem de fé, era obrigado a enfrentar todos os tipos de problemas. Também eu, no fim da minha vida, contraí essa doença, porém, não foi ninguém que a transmitiu para mim, mas, sim como prova pela qual eu haveria de passar, como outras enfermidades que muito me ajudaram a despertar o Cristo no meu pobre coração.

O homem, quando me viu, se desfez em lágrimas. A preta, ao lado da cama, quis sair à minha entrada, mas eu não permiti. Peguei-a pelo braço e disse a ela, conhecendo seus sentimentos:

— Fique, minha filha. Nós três vamos conversar e pedir socorro a Deus. Nós dois é que somos a família dele, pois já sei o

que se passa aqui nesta casa.

A servidora emocionada, chorava como o patrão. Nunca pudera ficar tão junto a um sacerdote, como naquele momento, e, talvez, ouvir a lição que eu extraíra do Evangelho. O que eu falava não era nada meu, mas, sim o que aprendera nas escolas, como os outros padres.

Ali sentado no confortável quarto, onde o terapeuta não entrara mais, em vista do estado do doente, e onde somente a velha enfermeira podia penetrar pela força do coração, eu, munido pela fé (se não a tivesse, talvez não entrasse), falei do Evangelho o tanto que pude e quis. Os dois ouviram em silêncio, bebendo a água da vida, que a mim também saciara. A minha fome, parece, era maior. O ambiente do quarto mudara; estávamos todos felizes e mesmo os sorrisos já se notavam em todos, completando com certa disposição do doente, em se mover.

A servidora daquela casa, ficando familiarizada comigo, por estarmos todos à vontade no recinto, me disse com profundo sentimento de caridade :

— Olha, padre, o senhor que me perdoe se eu estiver errada, porque sei que o senhor sabe de tudo, mas, veja bem: eu escuto, de vez em quando, uma voz falando no meu ouvido, que não é gente. Não sei quem é, só sei que é muito boa e disso já tenho prova. Quem me fala é alguém que sabe tudo, igual ao senhor. A princípio me deu medo, depois, eu fui me acostumando, e hoje eu sinto saudade quando ela demora a me visitar. Essa voz, padre, me ensina, como já me ensinou muitas vezes, a curar as minhas próprias doenças. Ela sabe de tudo, conhece todas as raízes da região e o lugar em que elas existem, bem como a época de arrancá-las. Eu, hoje, gozo de muita saúde, graças a Deus e a essa voz que também tem, de uns tempos prá cá, me ensinado até a conversar. O senhor pode notar o meu desembaraço, embora

sendo uma... escrava. Eu estou contando ao senhor, porque essa voz me ensinou um remédio para o nosso doente, mas, eu estou com medo de dar a ele esse remédio, com medo da família dele. O senhor sabe, os raizeiros são perseguidos pela polícia e também pelo senhor bispo, e eu não quero...

Olhei para a preta velha, e notei algo diferente nela, na sua fala. Verdadeiramente, a conversa que travamos, o seu nível não poderia nascer de uma simples empregada caseira, e, ainda mais, analfabeta. Confesso que fiquei impressionado com a mulher. Não tive dúvidas, na verdade, de que o verbo saía com facilidade de seus lábios, e o seu modo de ser me impressionara sobremaneira.

Perguntei-lhe firmemente:

NU O que essa voz lhe disse para dar ao nosso irmão enfermo?

Eu queria saber, se fosse da vontade de Jesus Cristo. Pensei muito em Jesus e Maria Santíssima, naquele momento.

A preta alterou um pouco a feição e me disse:

— A voz está aqui, padre, e manda lhe dizer que ele, o nosso patrão, tem cura desta enfermidade que estraga os seus pulmões, e que o remédio se encontra na natureza, na sua simplicidade mais profunda, é só arrancar um pé de *Santa Maria*, que chamamos de mastrução, machucar com leite de cabra tirado na hora, e dar a ele um bom copo duas vezes por dia. Depois, tirar a seiva pura de jatobá, e misturar com um vinho bom, meio a meio e servir-lhe toda noite um bom trago. De resto é uma comida sadia, e não ficar muito dentro de casa; ele precisa de ar fresco para recuperar a saúde. Isso é todo o tratamento. O senhor, padre, não está pedindo, mas como a voz me disse agora, repito: tenha cuidado com o seu aparelho digestivo, que se encontra em fase difícil. O senhor não tem hora certa de comer e esquece a regra de trituração dos alimentos!

Conversamos com o doente e ele se propôs a tomar o

remédio que a própria preta deveria fazer. Despedimo-nos e fui embora, impressionado com o que presenciei. Não tanto por já conhecer determinados fenômenos ocorridos mesmo comigo e com outras pessoas, mas, daquele jaez, era diferente.

Daí a noventa dias, o fazendeiro estava recuperado de forma que os próprios médicos ficaram abismados. Mas, eles mesmos afirmaram que foi a minha visita o fundamento da cura do doente e os familiares me concederam o título de santo. Eu fiquei engasgado por não falar a verdade, como tinha combinado com a preta velha e a voz que ela ouvia.

E eu, depois, curei com esse mesmo remédio uma grande personalidade de O. P., que sofria a mesma doença disseminada pelos bacilos de Koch. E quanto ao meu estômago e fígado, se não fosse essa voz, eu teria vindo para cá há mais tempo. No meu caso, foi como ela falou: era que eu não obedecia às leis naturais do sono, as horas de comer e o trabalho que somente os dentes têm de fazer. Como aprendi com essa irmã em Cristo! Grande instrumento, por quem falava um sábio da natureza, conhecedor da flora medicinal, e o maior beneficiado fui eu, que ainda lhe roubei o nome de santo, que a ele pertencia!

Já tarde da noite, procurei a minha besta que deixara amarrada numa árvore, e que se encontrava sem o freio na boca. Estava somente de cabresto, comendo o milho que a preta lhe dera. Sem que a gente percebesse, ela tinha saído por alguns momentos para preparar algo para nós comermos, e não se esquecera do animal que nos trouxe. Que coração maravilhoso! Despedimo-nos com saudade, e parti. Ao meio da estrada a mula estacou. Como eu já conhecia sua natureza, pensei ser alguma coisa que a impedira de andar. Desci, sem temor, e pude observar alguém estrebuchando debaixo de uma árvore. Procurei saber quem era e não o reconheci. Mas, ele me conheceu, dizendo o meu nome.

Fiquei mais tranquilo. Ele foi logo dizendo que fora atacado por

ladrões naquele momento, que estava machucado e sem roupas. Isso era perto de outra fazenda muito grande, onde eu também era conhecido. Quis dar a ele uma garupa, mas ele não aceitou, desculpando-se de que sofria de certas coisas que o impediam de montar. Não o forcei, e coloquei-me aos seus préstimos para o que pudesse fazer em seu favor. Ele me disse:

— Irmão Horta, eu preciso de uma roupa para ir embora, como é que eu faço? Moro aqui perto, nesta fazenda.

Lá eles dormem tarde, muita gente se encontra acordada, e para eu chegar nu é muito desagradável. O que o senhor pode fazer por mim?

Lembrei-me logo de tirar a calça comprida que usava por baixo da batina, o que resolveria o seu problema imediato. No entanto, ele mesmo foi me dizendo:

— Padre, eu sou muito mais gordo do que o senhor, ela não me serve...

E era verdade. Pensei noutro jeito, e a solução nasceu dele mesmo.

— Somente existe um jeito, padre.

Perguntei:

— Qual?

— Sua batina...

Senti um calafrio na espinha. Dar a minha batina a um desconhecido? Seria um sacrilégio, mas não havia outro recurso, e, a caridade falava mais alto que a própria razão. Diante do drama, não pensei duas vezes. Tirei a batina, já um pouco estragada, e fiquei com as roupas de baixo. Eu estava montado e era noite, por isso não tinha muita importância. Despedimo-nos e fui embora, sem me lembrar de que estava de uniforme diferente. Cheguei em casa, dormi o sono daqueles que a consciência não interfere, dando graças a Deus por ter sido útil para algumas criaturas, e pelo que recebera como bênçãos de Deus.

Aquele moço a quem eu emprestara a batina, ficou de levá-la

no outro dia, e eu expliquei a ele que era a melhor que tinha. A outra estava em difícil estado. Passou-se o outro dia, e nada de o homem levar-me a batina. Passaram-se dois, três dias, e eu já inquieto, por necessidade tive de usar a que já encostara, mas, com acanhamento de sair nas ruas.

Certa noite, bateram à porta. Abri com alegria. Cumprimentamo-nos. Era o fazendeiro que morava próximo de onde eu tinha encontrado o homem que fora assaltado. Tive logo a ideia de que o moço não pudera vir e encarregou o patrão de me trazer a batina. Fiquei feliz. Apontei para o embrulho.

Éj8| A minha batina! disse sorrindo.

O homem, com o cenho cerrado, foi me dizendo:

Ainda bem que o senhor está reconhecendo o seu erro!

Estranhei aquela conversa e indaguei:

— Como assim? Não estou entendendo!

— Pois o senhor vai entender, retrucou o fazendeiro. E foi desenrolando a batina:

— Veja se é verdadeiramente a sua!

— Acho que sim.

— Olha dentro dos bolsos! Coisas que lhe pertencem, que todos conhecemos, inclusive o seu próprio relógio, além do lenço com o seu próprio nome.

Lembrei-me de que esquecera mesmo de tirar o relógio, no momento de passar a batina para o moço que pedira. Fiquei sem entender o porquê daquele drama, e porque viera o fazendeiro trazer a batina e não o moço. A sua linguagem nunca fora assim. E dei andamento à conversa, para compreender o que realmente estava acontecendo, ou o que tinha acontecido. Ele, jocosamente, falou “entre os dentes”: Olha, padre, será que é preciso eu dizer para o senhor, o que o senhor fez em minha fazenda?

Eu não estava entendendo nada, mas, desconfiado. E comecei a narrar o caso para ele, porém, ele não permitiu, dizendo que aquelas desculpas não explicariam o fato. E já que eu não

confessava, ele começou a narrar com energia.

— Olha, reverendo! Nunca pensara na vida que um padre fizesse isso, e muito menos o senhor. O senhor entrou na minha casa tarde da noite, invadiu o quarto das minhas filhas, querendo coisas inconfessáveis, e ainda roubou o dinheiro que havia em minha residência, que ninguém sabia onde eu guardava. Não o matei porque reconheci ser o senhor. Avancei, por saber que o senhor não carrega armas, e agarrei a sua batina. Ela saiu pela sua cabeça, e aí está! O senhor nega que essa batina é sua?

Eu senti uma coisa no coração, que nunca senti antes. Quase que morri na hora da acusação, mas, tive a feliz ideia de conservar-me em oração a quem tanto confiava, pedindo a Deus para me dar forças naquele momento de prova difícil. E falei com serenidade, mesmo forçada:

— Meu filho, que Deus o abençoe, como também à sua família. Essa batina é minha, como esse relógio que ganhei de um grande amigo meu, além de amigo, meu pastor e mestre. Mas, lhe garanto, o senhor está enganado. Não fui eu quem invadiu a sua casa, pois eu não faria tal coisa. O caso foi o seguinte... e narrei para ele todo o acontecimento.

Ele já sabia da minha ida à casa do enfermo e não acreditou no meu caso. Para ele, esse fato enriquecia a prova. A confirmação de que eu tinha ido à casa do seu vizinho lhe dava a certeza de que fora eu quem tinha entrado e assaltado sua casa.

Despediu-se sem querer ouvir mais nada, pedindo que me esquecesse da sua existência como amigo, e que não ia dar parte de mim às autoridades competentes, como também ao clero, pelo tanto que me devia, pelo que eu tinha feito antes não só para a sua família, mas também pela coletividade. Saiu com passadas firmes. E, de fato, não falara a ninguém sobre o ocorrido. Todavia, o leitor pode sentir o que eu passara. Por muitas noites não conciliara o sono. Trazia a consciência tranquila, mas outra coisa dentro de mim me perturbava constantemente, chegando ao ponto

de todos os meus amigos reconhecerem a minha tristeza. A dor moral, mesmo a inventada, é terrível!

Quando dormia um pouquinho, tinha pesadelos incríveis, pois sonhava que estava roubando mesmo. Cheguei ao ponto de esquecer-me de uma coisa de que gostava muito: orar. Concluí depois que deveria continuar meu trabalho, como vinha fazendo; entretanto, pensava todos os dias sobre qual seria a solução para que eu voltasse a ser o mesmo Irmão Horta de antes, com aquela mesma alegria perante a vida e as pessoas. Ficava me lembrando constantemente daquele acontecimento que me abatia cada vez mais. Chegava em casa todos os dias e punha-me a pensar na solução, que não chegava.

Certo dia, quando eu ia para casa, já pensativo, alguém me chamou pelo nome:

— Irmão Horta! Irmão Horta!

Olhei com interesse e vi uma criança batendo a mãozinha para mim. Dei um sorriso de satisfação e aproximei-me dela. Era uma menina cujos pais eram protestantes, e a menina era minha aluna na escola em que eu era professor de religião, e dava lições de Evangelho. Ensinava para todas as crianças como se passou a vida de Jesus na Terra. Esta menina tinha feito um desenho, cuja arte denunciava o dom aflorando nas sensibilidades. Ela fez o rosto do Cristo que pediu à mãe para me presentear, e a mãe assentiu com muita alegria e lhe falou:

— Deixe que eu escreva alguma coisa neste seu desenho, minha filha. E por baixo do lindo rosto do Mestre ela escreveu, certamente inspirada por Ele mesmo, essa frase;

*O Cristo é a nossa solução.*

Quando vi essa frase que me parecia cheia de vida, e o rosto do nosso Guia, que me parecia falar nas ondas dos pensamentos, senti um alívio por dentro, que vinha do coração. Abracei a criança, beijando as suas faces rosadas, agradecendo a Deus. Cheguei a casa e desfazendo-me em alegria, por ter encontrado a

solução. A solução era Cristo, de quem eu tinha me esquecido. Procurei o lugar em que sempre orava, desci os joelhos com tamanha certeza, e pedi a Deus e Cristo que me ajudassem, para que eu pudesse fazer entender ao fazendeiro, que não havia sido eu o assaltante da sua casa. Nunca faria isso, e pus nas mãos do Mestre a solução indicada por aquela criança. Não sei quanto tempo durou a minha súplica, só sei que saí feliz de lá, e daquele momento em diante não me veio mais a tristeza. Mesmo lembrando do caso, sentia-me animado e confiante.

Daí a uns dias, novamente batendo em minha porta, chegou o fazendeiro. Todo tristonho, antes de cumprimentar-me tomou as minhas mãos, beijando-as da maneira que nunca mereci, pedindo perdão pelo que ele pensou de mim. Puxei-o pelo braço e fiz que o irmão se assentasse, querendo saber como ele tinha chegado a tal conclusão. E o fazendeiro foi me contando, interrompido, de vez em quando, pelos soluços que cortavam a sua conversa:

Padre, foi um homem lá em casa, em hora que eu estava de "boa veia", fez o que eu estou fazendo com o senhor, pedindo perdão pelo que ele fez. E narrou todo o caso para mim, do assalto, inclusive da sua caridade em ofertar-lhe a própria batina, e, naquela expressão de humildade, me pediu para fazer a ele o que eu achasse justa, que pudesse entregá-lo à polícia. E pedia, chorando, que eu viesse à sua casa pedir perdão por ele, também.

Parou um pouco, e me disse:

— Não quero conversar mais sobre isso, padre, eu quero o seu perdão.

Quis fazer outras manifestações de humildade, mas eu não permiti, perdoando da maneira que ele pediu. E terminou dizendo:

Sei que o senhor quer saber o que vou fazer ao ladrão.

Eu respondi com interesse:

— Sim... Sim..., quero!

— Pois bem, respondeu; o ladrão, padre, eu o mandei embora, e não darei parte dele em canto nenhum. Eu sou devedor desse

ladrão, pois

ele me ajudou a desfazer-me de um grande equívoco, um grande pecado que a consciência não iria me perdoar.

E me disse com a voz quase sumida:

— Reverendo, eu quero, mais do que nunca, a sua amizade e a presença do senhor em minha casa, sempre!

Despediu-se com as mesmas reverências, que não pude interromper, e eu senti um grande conforto no coração, por ver no Cristo, mais uma vez, a solução de todos os problemas.

## 38 O ÚNICO CAMINHO

Certamente que fora da caridade não há salvação, porque a caridade se estende ao infinito, reunindo todos os fatos bons, reunindo todas as virtudes no seu mais elevado conceito de fraternidade.

A caridade é a harmonia em todos os aspectos, desde o gesto mais simples na vida, até a própria vida no universo. Deus é a Caridade Universal, porque é o Amor derramando-se em nuances de luzes, na Sua eterna policromia divina...

*É caridade:*

Pensar com dignidade.

Falar com proveito.

Escrever com elevação moral. Entender os que nos cercam.

Respeitar os direitos alheios.

Ajudar aos que estão carentes. Olhar para os outros com brandura.

Vestir os nus.

Visitar os enfermos.

Dar pão a quem tem fome.

Alegrear os tristes.

Perdoar aos que nos ofendem.

Amar sem distinção ...

A caridade é isto e muito mais... Ela vai do mínimo ao máximo; ela é a chuva, é o ar. Ela é o fogo e a água. Ela é a árvore, ela é a terra!...

Ela é o esplendor das estrelas, ela é o céu, os anjos e os homens de bem!...

Se queres ser caridoso, observa a tua extensão grandiosa e avança sem temer os percalços. Avança, sem esmorecer, em todas as direções, abre o teu coração à luz de Deus e às bênçãos do Cristo, e deixa o Sol fecundar a tua alma...

A caridade maior é aquela feita contigo mesmo, estudando as tuas reações em todos os sentidos,

aparando as arestas que te fazem sofrer,

harmonizando a tua mente todos os dias...

É conferir os teus pensamentos com as ideias do Cristo, em todos os momentos.

É condicionar boas ideias constantemente e suprimir todos os vícios e hábitos inconvenientes.

É examinar os teus impulsos e corrigi-los.

É vencer a melancolia sempre, e cuidar da tua alimentação com critério.

É não ferir a ninguém, em nenhuma circunstância.

É estar no meio da guerra e viver na paz! Caridade é isto e muito mais... É tudo aquilo que ainda não descobrimos de bom para nós, com a aprovação de Jesus. Caridade é a natureza que nos acode e nos ensina, a todos os segundos, a viver e realizar a verdadeira benevolência, que não se transforma em comércio e que não exige nada em recompensa, porque a caridade é, essencialmente, AMOR!

## 39 A LI'NGUA EM CHAMAS

Certa ocasião, fui convidado para os festejos de Reis, que se davam em uma cidadezinha de Minas Gerais. O povo dessa cidade era muito devoto, cuidava bem da igreja, tanto que dava gosto de ver e entrar no templo.

Eu, que já conhecia a formação religiosa daquela comunidade, sentia-me bem quando era chamado para conviver com eles por alguns dias. Lá, a chegada do padre era um fato que merecia comentários entre a população. Quando saíamos às ruas, éramos saudados pelas pessoas que nos viam. **Eu** gostava desse contato, porque através deste meio, poderia lançar nos corações simples a semente do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e era o que eu fazia com todo prazer.

Quando convidado para visitar as casas, não perdia a oportunidade de saborear a excelente comida que eles me ofertavam, além do bom vinho.

Eu ficava até com certo acanhamento, entretanto, aquilo era um prazer para eles, que eu tinha de respeitar. Antes das refeições, orávamos juntos com toda a família e com as outras pessoas que normalmente eram convidadas.

O irmão Horta, ali e nas redondezas, era conhecido qual os políticos. Eles nos tinham na conta de um santo, representante direto de Deus, coisa que não nos sentíamos bem em ouvir. Sei que não merecia o tanto que recebia naquela aldeia de gente simples, mas amorosa. Para falar a verdade, era visitado até pelos cães. Certa feita, quando o sol começara abrir o olho para o mundo, ouvi latidos na janela do quarto onde dormia. A insistência dos latidos foi tanta, que me pus a abrir a janela com certa alegria, entendendo a mensagem desses animais que muito amo, e, a surpresa me emocionou; era uma matilha de cachorros que eu pude contar. Eram quinze. Saudei-os como que abençoando a todos e eles me festejaram, acenando as caudas como expressão

de alegria. Na verdade, posso dizer também que, sempre que podia, eu lhes dava os alimentos que sobravam naquelas fartas mesas. Chegava ao ponto de levar, enrolados, pedaços de carne e restos de galinha, dentro da batina, para dar ao que primeiro encontrasse nas vias públicas. Os cães eram todos meus amigos, e sempre que eu saía eles me acompanhavam. Até nos sermões eu notava os cachorros entre o povo, certamente farejando alguma comida. Seja como for, eram meus amigos, e isso era muito bom para meu coração.

No dia em que marquei minha partida, chegaram visitas interessantes na residência que me hospedara. Era uma família de longe e bem aquinhoadada na vida. Bem conhecidas na região, vinham conduzindo, com todo cuidado, uma moça doente, porque souberam que eu fazia milagres.

— Coitado de mim, precisando de quem curasse as minhas enxaquecas!

Quando soube do ocorrido, não tive outro jeito e me dispus a orar para aquela criatura de Deus, a pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo por ela. O dono da casa em que eu ficava sempre, era muito amigo dessa família que trouxera a doente, e me pediu que fizesse alguma coisa pela enferma, contando-me rapidamente o caso. Fiquei admirado porque nunca vira outro igual a esse, e me interessei logo em ver a doente, já recolhida em um quarto para descansar e ficar longe da curiosidade do povo. Era um pouco humilhante, a situação da moça. Fui adentrando onde ela estava, estendi a mão para cumprimentá-la, vendo somente seus olhos e nariz, e pude constatar que era uma mulher de beleza rara. Não respondeu aos meus cumprimentos, por não lhe permitir a emoção, e ela chorou o tanto que a sua natureza emocional exigiu. Também fui atingido pelo ambiente, e chorei com ela.

Se eu já era feio ao natural, façam ideia de mim chorando, mas o coração não pensa nestes termos; ele obedece aos sentimentos, e Deus abençoa todos os gestos de fraternidade e

de amor.

Conversei com ela, que somente ouvia. Logo os familiares deixaram o quarto e ficamos a sós. Cerrei a porta e todos respeitaram a nossa posição, no sentido de que a moça ficasse à vontade e pudesse conversar com mais liberdade e me ouvir com maior discernimento. Disse-lhe baixinho que desejaria orar naquele momento ,se ela permitisse. Não respondeu, mas aprovou pelo gesto, de maneira a fazer-me compreender a sua satisfação.

Respeitei o seu silêncio, tirei do bolso uma pequena figura do Cristo modelada em metal, mostrei para ela, fazendo-a compreender que eu iria pedir a Ele, por ela, que confiasse e ajudasse na oração. Notei um leve sorriso em seus lábios, através do brilho dos olhos, a demonstrar sua alegria. E passei a orar: Senhor!

Abençoa esta casa em que ora estamos, que serve de encontro para todos nós. Encontro que traduzimos como momentos saudáveis para os nossos corações. Quanta alegria já tivemos em conhecer inúmeros irmãos de lugares diferentes, que trouxeram para nós muita paz, e nos encheram de esperança! Agradecemos por tudo, e pelo que ainda continuas a nos dar.

Agora, a felicidade para nós dobrou, por conhecermos essa família que veio de distante lugar, nos favorecer com o conforto da sua presença. Abençoa, Senhor, a todos eles.

Eu Te peço, Mestre dos mestres, para essa irmã, ora no leito, cujo sofrimento e necessidade Tu bem conheces. Não temos nada para dar a essa criatura, mas o Senhor tem tudo. E se for da Tua vontade, podes ofertar-lhe a saúde, a paz, a alegria^ amor...

Sei que nada sei e nada sou diante de Ti, mas \* peço-Te, como servo de todos, para a nossa irmã que se encontra diante de nós, cujas lágrimas marcam os seus sentimentos de religiosidade e de compreensão! ...

Terminei com um Pai Nosso, e quando dei por mim estava com

a mão em sua testa, transmitindo-lhe o que poderia dar, servindo de canal para as forças divinas.

Quando minha mão se aproximou da sua boca, que eu não vira por estar oculta pelo lenço colorido, senti um calor que não dava para compreender. Demorei com a mão no local e era para crer que se tratava de um fogo na região da fala da linda moça.

Quando terminei a operação de imposição da mão no rosto desta criatura, dei graças a Deus pelo que estava sentindo de bom em favor dela. Fiquei na posição de antes e passei a conversar com a enferma em um tom de voz agradável, para ver se ela falava alguma coisa; no entanto, o silêncio marcava a sua posição, mas ela mostrava certa satisfação no rosto. Entre os intervalos da minha conversação, ela ficou descontraída, suspendeu a mão direita levemente e tirou o lenço que lhe cobria a boca.

Eu quase que sofri um desmaio. Nunca tinha visto tal coisa!

A boca estava aberta e a língua congestionada, de um tamanho descomunal, para fora, entre os dentes. Olhei com atenção e pareceu-me que de dentro dela, saíam chamas, provocando a alta temperatura que incomodava, e muito, a enferma.

Fiquei impressionado. Levei de novo a mão, quase tocando a língua, e novamente senti o calor. Tirei-a novamente e perguntei:

— Filha, você está sentindo este calor?

Ela fez que sim. Tornei a perguntar:

— Permanente?

Ela deu sinal que era. A minha compaixão extravasou-se em lágrimas e logo usei o lenço costumeiro que os sentimentos faziam umedecer.

A língua da moça *estava em chamas!* Já tinha sido tratada por renomados clínicos da região e do Rio de Janeiro, sem nenhum resultado. Já tinha recebido bênçãos de famosos sacerdotes e continuava do mesmo jeito. Aceitava, a família, até tratamento de raizeiros e benzedeadas, alguns dos quais davam certo alívio, mas,

a posição da doença era a mesma, desafiando o tempo e o espaço.

Pensei comigo mesmo: "Como explicar esse fato? Porque o destino implica em destruir uma criatura tão meiga a demonstrar uma paciência que os próprios sacerdotes talvez não tivessem?" Se choro for revolta, era o seu defeito, pois, de vez em quando ela chorava em silêncio.

Quando me levantei do tamborete que me servia de assento, notei que ela queria beijar-me as mãos, Aceitei; ela o fez por gesto, que compreendí agradecendo. Retirei-me do quarto em profunda meditação. Monologuei pelo corredor a fora; "Meu Deus! Eu desejaria compreender qual o motivo que levou a natureza a alterar esse lindo rosto, trazendo a essa criatura de altos sentimentos, uma feição de monstruosidade. Poderia ser uma professora em atividade, uma mãe de família, uma peça construtiva na sociedade. Mas, no estado em que se encontra, inutilizada com a sequência de sofrimentos inenarráveis, e ainda mais, fazendo sofrer toda a família e amigos . . ." A minha mente fixou-se neste drama, e não consegui a tranquilidade que sempre tinha. Orei várias vezes, porém, a ideia fixava cada vez mais, pedindo solução, pedindo resposta da própria vida. Eu, como sacerdote, queria conhecer o porquê daquele drama que tanto me abalara.

Soube, mais tarde, que ela tivera um pouco de melhora, que a fez dormir sem a intervenção de remédios, fato que também ocorrera quando tratada por benzedores e raizeiros.

Tarde da noite, tomei um chá, recusando os biscoitos, mas, tinha a mente presa no fenômeno. Procurei o leito, me apropriei das roupas necessárias para o sono, fazendo uma rápida oração, porém, não conseguia dormir. Pus-me a ler o Livro Sagrado, como se o espírito estivesse com fome e sede de conhecimentos. Depois de mais de uma hora de confabulações com o Livro de Deus, a mente estava melhor. Tomei um pouco de água, que uma jarra de lado guardava, e deitei-me. Em estado de vigília, notei

alguém dentro do quarto. Fazia força para ver melhor, mas não conseguia constatar quem era. Senti um entorpecimento começando pelo cérebro, que foi descendo pela espinha. Quis chamar alguém de casa, mas a voz não *safa*; *fiz* força para abrir os olhos e não consegui. Os braços foram ficando esquecidos e apaguei-me por instantes.

Daí a minutos, acordei, mas não no corpo; estava no meio do quarto, vendo vultos entrando e saindo. Pensei que tivesse morrido; quis voltar para o corpo, mas, não deu certo. Lembrei-me de rezar, e foi o que fiz com toda a humildade que possuía. Depois da prece, diante de mim, apareceu a figura luminosa de um cardeal, pelo qual eu tinha muita afeição, e mais outras almas que o acompanhavam. Estendeu-me a mão e me desejou felicidade.

Como eu estava ainda um pouco preocupado com a doença da moça, pensei fortemente em perguntar-lhe qual o desejo de Deus em manter aquela moça naquele estado horrível, onde todas as humilhações do mundo nada significavam diante daquela provação em que uma linda mulher estava perdendo a sua existência, que poderia ser útil à sociedade.

Como ele responderia às perguntas dos interessados na recuperação daquela criatura e do povo em geral? Muita gente já estava deixando de acreditar em mistérios. A palavra existe por falta de explicação, e penso que o dever de toda a filosofia religiosa é estudar e explicar todos os fatos à luz da razão ...

Calei-me, e esperei que o nosso cardeal respondesse algo que pudesse me tirar daquela confusão. E ele, serenamente, respondeu interessado:

— Horta, verdadeiramente, tudo tem um motivo. As leis de Deus não escondem de nós a sua ação perante a humanidade.

Se os engenhosos livros das colunas teológicas não conseguem responder com eficiência certos fatos, fenômenos que acontecem entre os homens, devemos, por raciocínio, pela razão apurada, buscar noutras fontes.

Sei que não ignoras a lei dos renascimentos. Somente ela pode nos responder certas perguntas e explicar determinados fatos, como esse caso que ora deparamos. Nós estamos, meu filho, te acompanhando nos teus trabalhos nesta aldeia, e tu não deves pensar que estás só, com essa responsabilidade espiritual. Somos muitos, e alguns estão invisíveis, pois a tua visão ainda não os pode alcançar. Não estás vendo o teu corpo? Por aí deduzes que ninguém morre, e que essa alma que és pode animar esse corpo que dorme, pode voltar quantas vezes precisar, quando esse envelhecer e ficar imprestável. O corpo para o espírito é como a roupa para o corpo; quando fica rota é lançada ao monturo, junto aos detritos da natureza. Tu já leste e ouviste alguma coisa sobre a reencarnação, tão temida na religião católica. Pois é ela que responde a essa pergunta que *ora* fazes, o porquê dessa moça estar sofrendo assim...

Fez um pequeno intervalo, e eu pude me lembrar dos assuntos referidos por ele, e comecei a entender o drama. Ele prosseguiu serenamente:

Essa moça fez parte da Inquisição na Espanha, há centenas de anos atrás. Ela inspirava os carrascos, pela sua fácil conversação, para pendurar pela língua os que eram considerados hereges, em ganchos afiados, em determinados estaleiros. E eles, já sem vida e em praça pública, ficavam expostos com as línguas enormes para fora, que, em seguida eram envolvidas em óleo inflamável. Após leitura da condenação, onde o inferno era citado como o lugar para receber os condenados, era ateadado fogo ao óleo.

Deu para entender, Horta, por que a moça, que aparentemente mostra uma certa beleza física e uma transformação espiritual, sofre?

Por dentro, a sua consciência está em chamas, devolvendo à sua própria língua de carne, a maldade que praticou com os outros, na ilusão

de que estava a serviço da Igreja, trucidando demônios. Nós outros também não tivemos passado muito bom. Quando voltamos à carne é para limpar, ou esvaziar, o nosso fardo. Esse é o jugo a que se referia nosso Divino Mestre. Balancei a cabeça e comecei a chorar, pedindo a Deus para me ajudar a compreender melhor tudo o que ouvira do nosso companheiro.

Acordei soluçando. Olhei o relógio, e ele marcava três horas da madrugada. Fui me lembrando de tudo com certo esforço, e senti-me aliviado, mas com pena da enferma naquele estado deprimente.

Ao raiar do dia, procurei a moça. Notei certa melhora psicológica, mas a língua estava do mesmo jeito. Tornei a sentir uma reação profunda de piedade, fixando a mente novamente naquele drama, cuja origem eu conhecia.

À noite, procurei a igreja, por ter resolvido não ir embora naquele dia que passou. Ajoelhei-me diante de respeitáveis imagens e pedi que, se fosse possível, eu queria experimentar aquele sofrimento para aquilatar o que se passava com a moça em questão.

Em oração, senti-me envolvido por algo que desconhecia. Vi a moça diante de mim como se estivesse no quarto dela, e mãos se movimentando entre eu e ela, em operações difíceis. Caí em transe demoradamente ...

Quando saí daquele estado, comecei a sentir certa queimadura na boca, e o tal estado incômodo começou a piorar. Com mais ou menos duas horas, eu já não podia conversar, a língua cresceu na boca, mas permaneci com ela fechada. Fui ficando desesperado. Entreabria os lábios, e a impressão era que saía por eles uma labareda insuportável. Isso durou três dias. Não pude conversar com ninguém, e muitos que me procuravam e me falavam sem que eu respondesse, balançavam a cabeça e, tenho certeza, pensavam:

"Coitado do Irmão Horta! Nesses últimos dias ele tem piorado

muito!"

E aqueles que não gostavam da minha presença, viam naquilo a confirmação da minha loucura. Soube depois que a moça melhorou durante os três dias em que fiquei doente. Chegou ao ponto de conversar muito e idealizar planos de vida nova. No entanto, tudo voltou ao que era, e ela pediu para me ver novamente. Eu entendi o drama da enferma, mas, não me conformei com seus sofrimentos. Só depois de muito tempo, já no mundo espiritual, é que verifiquei que aquela doença, para ela, era o caminho da verdadeira saúde.

Quando em casa, orava sempre em favor dela, e certo dia, abrindo um velho livro editado em Ribeira Velha, Portugal, com a chancela de altos dignatários da Igreja, deparei com uma frase que me pôs a pensar, pois assim dizia:

"O boi que ajuda na debulha do milho, tem direito a comer dele.

Mas, o que usa os chifres para agredir seu dono, pode perder a vida".

"Fisguei" a citação, colocando-a no caso da moça da língua em chamas, e observei que a lei devolve para nós o que fazemos na vida, de bem e de mal. E o dever de quem deve é pagar, seja qual for o preço estipulado pela vida. A esperança maior é que sempre há justiça, por toda parte do universo.

Convidamos a todos, como simples companheiros que somos, para ajudar a debulhar o milho, matando a fome das criaturas em todos os sentidos, mas nunca usar a força para agredir aos companheiros que viajam conosco no caminho!

## **40 PASSEIO AS ORIGENS**

Rogamos a Jesus, nosso Mestre, que nos abençoe sempre.

Assim como existe na Terra o trabalho maravilhoso dos

correios e telégrafos, do rádio e da televisão, por misericórdia de Deus, ofertando aos homens mais conforto e mais alegria, as mesmas leis operam entre os dois mundos, encarnados e desencarnados, obedecendo às mesmas diretrizes, no campo onde conseguimos firmar as ideias que deverão ser transmitidas aos que ainda estão na Terra.

A mediunidade é o aparelho que usamos para transmitir nossas mensagens e a Doutrina Espírita viu nesta faculdade, o ponto chave para a sua sustentação, o trabalho em todos os sentidos para o seu aperfeiçoamento, coisa que as outras religiões negam por conveniência, para não mudar algo nas suas convicções carcomidas pelo tempo, desrespeitando o próprio progresso, filho de Deus.

O intercâmbio entre os espíritos desencarnados e os encarnados existiu sempre, não somente no campo religioso, mas em todas as atividades dos seres humanos; mesmo nos fatos indignos de serem relatados, notaremos o exercício da mediunidade. E foi mais nesse sentido que os Espíritos do Senhor, em nome d "Aquele que foi, é e será o nosso Guia, desceram ao planeta, fazendo surgir o novo Consolador, para que dele surgisse uma nova escola para educar os sentimentos na mesma feição do Cristianismo, revivido em todo o seu esplendor.

Antes, a mediunidade era desordenada, mesmo nos meios de certa compreensão, por não encontrar as bases de uma senda mais pura, e direção segura do verdadeiro intercâmbio com o amor. O mediunismo entre os homens precisa ser aprimorado com mais cuidado. As deficiências são enormes e as dificuldades inúmeras, fazendo com que se perca muito da originalidade das ideias que são transmitidas.

Os mesmos homens compuseram a máxima, que usamos da forma como fala o próprio povo: "quem não tem cão, caça com gato". Nós estamos caçando com os gatos que temos, e, mesmo estes são um pouco difíceis, no meio dos bicha- nos que a Terra

tem.

Os médiuns que nos perdoem; não queremos ofendê-los, pois também trabalhamos permanentemente dentro de nós, para melhorar as condições de nossos sentimentos. Estamos falando a todos por amor, para que possamos melhorar o nosso trabalho de transmissão das mensagens que deverão modificar o mundo, se tiverem guarida em cada coração.

Somente o futuro haverá de conhecer o trabalho benfeitor de Allan Kardec, no sentido de modificar, aprimorando os sentimentos humanos. A Doutrina dos Espíritos está revivendo, apesar das deficiências dos seguidores, o "Cristianismo do Cristo", e será a bandeira do Evangelho no alvorecer do amanhã.

O maior empenho de Jesus é a modificação do homem, e o maior milagre que as Suas generosas mãos irão operar, é a renovação interior de cada criatura. Tudo se faz, em todos os campos de trabalho na Terra, para acender a luz do amor no mundo maravilhoso do coração; o mais é acréscimo que deverá vir como força do ideal de renovar-se.

Quando os irmãos foram à M., eu já lá os esperava, por amor a quem tanto devo. Os gestos de caridade que haviam feito em meu nome, que deveria ser apagado para que o do Cristo aparecesse, nos ligam para a eternidade. A caridade, nos moldes ensinados por Jesus e pelo que já se pode observar, copiando os roteiros do Evangelho, é um beijo de luz do Sol Divino no coração da Terra. O ato de caridade com amor é a mais visível presença de Deus entre os mesmos. O ato de doar sem exigências, sem especular quem está recebendo, abre o coração em flor e o perfume dos Céus se faz sentir nos caminhos das criaturas, transformando as provações em cânticos de gratidão e aliviando todos os fardos que por vezes nos fazem curvar diante do peso das faltas cometidas. É o amor que cobre a multidão dos pecados.

Quando observaram o letreiro em uma das casas comerciais,

também lá estávamos nós olhando. Eles usaram o nosso nome para vender mais, ao invés de doar mais. Entramos primeiro no museu, para afastar certas influências, e no abraço fraternal, sentido espiritualmente, colocamos todo o carinho que o nosso coração devedor conseguiu sentir. Somos almas frágeis em busca do Cristo, Rocha Inconfundível, em quem deveremos confiar e de quem deveremos viver o exemplo.

Estávamos também dentro do ônibus e choramos de emoção, quando alguém elevou uma prece às alturas dos Céus, e a resposta iluminou todo o veículo que rodava em disparada. Os passageiros inconscientes somente sentiam bem-estar.

Tivemos a oportunidade de verificar o quanto vale uma oração, nos moldes daquela que estávamos analisando. Dois espíritos terríveis que acompanhavam dois ocupantes do veículo, como sanguessugas que se agarram às pernas de um ser humano, quando este entra na água estagnada, estavam sendo descolados pela luz da oração, e os laços que os prendiam estalavam como milho de pipoca ao fogo.

Fomos convidados pela consciência a orar também, e agradecemos a Deus por aquele fenômeno de difícil explicação para nós, que nos deu muita alegria.

Estávamos sentados em poltrona vazia, e como viajávamos de graça, achamo-nos no dever de fazer algo em favor daquela empresa e de quem estava nos conduzindo, quase como encarnado. Meditamos sobre o que fazer e, como por encanto, alguém que não estávamos vendo convidou-nos para ficar ao lado do médium que viajava conosco e, ao ligar-nos a ele, vimos uma luz pálida sair de certo ponto do seu corpo ser envolvida em fluidos que saíam de nós, em direção à cabeça do motorista. Pudemos observar uma veia quase em ruptura em sua cabeça, onde o sangue já encontrava certa dificuldade na irrigação.

Firmamos a ideia e pedimos a Deus para que não deixasse

acontecer nada aos passageiros, que abençoasse aquele irmão. Lembramo-nos do Cristo, na Sua função divina de Curador e extasiamo-nos na súplica. Que coisa linda, meu Deus! Pudemos verificar, no plano em que nos encontrávamos, dois dedos brilhantes, onde o verde sublimado era a tônica da expressão, passar pela referida veia e ela se recompor.

Começamos novamente a chorar e o médium percebeu, molhando também as faces, mesmo inconsciente do fato maravilhoso. A intuição o fez ciente do que estava ocorrendo. Dentro de um simples veículo, os Céus trabalhavam na caridade, em nome do amor.

O trabalho existe em toda parte, onde quer que estejamos, e o Cristo opera em qualquer lugar, dependendo apenas de nós, pelos fios dos sentimentos. Aprimoremos pois, as nossas faculdades de servir, para que o coração sinta a presença do Mestre e possa operar maravilhas, independente do lugar onde estivermos.

Nas proximidades da cidade que me serviu de valioso campo de trabalho, existe um lugarejo que recebeu o nosso modesto nome, homenagem que não merecemos. No plano espiritual, ligada a ela, existe uma colônia de espíritos infelizes, e a misericórdia divina nos induziu para que cuidássemos dos irmãos ali jungidos em situações dolorosas. Logo lembrei-me de uma frase de um dos livros de teologia, à qual muito nos afeiçoamos, que diz o seguinte:

"Todo malfeitor busca com as suas próprias mãos a custódia da dor." Foi o que vimos e estamos presenciando nesse ambiente, em que estamos trabalhando, em nome do Cristo de Deus. Não vamos revelar detalhes, para que os encarnados não liguem seus pensamentos a esse ambiente, por não ser aconselhado tal intercâmbio, mesmo mentalmente, a não ser quando a utilidade pedir como lição proveitosa.

Nessa pequena aldeia, para que vocês possam sentir o drama de sua população, existem dois espíritos terríveis, que foram cardeais na Terra, no século passado, e que até hoje não

cedem à ideia de renovação interior, fazendo-se assentados nos mesmos postos que a Igreja lhes dera, por conveniência própria.

Lá estão, igualmente, seis espíritos apegados ao mal, da época da Reforma e que foram personagens relevantes na noite de São Bartolomeu. Há um outro que foi espírita, aparentemente nobre, mas que tem uma língua terrível na prática do mexerico. Outro, ainda, muito fiel ao dever, que foi materialista e o continua sendo aqui, tem grandes probabilidades de melhorar, porém, continua preso ao egoísmo incrustador. No mais, é a mesma população da Terra, que somente tirou a roupa de carne, e cujas ideias são aquelas que vocês conhecem e que lutam para se livrarem delas.

A consciência pode ser um acúmulo de fatos inconvenientes, ou um celeiro de bênçãos, dependendo do modo que se vive no dia-a-dia. O que encontramos aqui, depois do túmulo, nos faz pedir a todos os encarnados para banirem os hábitos e vícios contrários às virtudes, para que o amor alcance e acenda a luz em seus corações.

Nós agradecemos a Deus sempre, por essa oportunidade de servir. Quando não somos ouvidos, não nos toma a irritação, por sabermos, por experiência própria, que também já fechamos muitas vezes os ouvidos aos convites da verdade.

Continuemos o nosso trabalho nas linhas que a caridade valiosa determinar, sem enfado nos momentos em que surgirem os problemas, pois eles são testes aos passos de quem se dispôs a servir em nome do Amor.

Acompanhamos a equipe todas as semanas, nesse teatro benfeitor de vestir, os nus, levando alegria aos rostos sofredores das mães. Não perdemos, nenhum, no nosso olhar de gratidão. Quantas mães que já vieram para cá, cujos frutos de amor estão sendo vestidos por essas mãos que brilham, pela força da caridade! Elas, aquelas que já despertaram, oram conosco em favor de todos! Temos as fichas de todos os que trabalham nesse

entrelaçamento da *fraternidade*, onde vibra o interesse maior, que é o de servir.

Rogamos as bênçãos de Deus para todo o mundo, e, principalmente para a casa que nos serviu de berço nas terras do *Cruzeiro, Brasil*, que Deus e Cristo te abençoem!

Configuremos as nossas ideias com as ideias do Evangelho, e tudo o que fizermos, façamos por Amor! Quando sentirmos a sensação de pisar na Terra, lembremos o dever dos nossos passos, e, quando orarmos, as lágrimas responderão que devemos enxugá-las nos nossos rostos sofredores.

Queremos pedir a Jesus, pela mediunidade dos homens que nos servem de instrument para falar com os que ficaram no mundo das formas, porém, não podemos esquecer de lhes pedir para que cuidem dessas faculdades, como os discípulos do Mestre cuidaram, para que a Verdade possa libertar a nós outros com o verdadeiro conhecimento e a vivência da Boa Nova.

Se assim podemos fazer, abençoamos a todos, sob a proteção da divina mão do Cristo!

## **- SEGUE-ME-**

Eu sou aquele anunciado pelas profecias; sou também um profeta. Sou a luz do mundo; eu sou o Messias!

Bato a porta do teu coração e feio, na suavidade da tua emoção. Venho libertar os teus sentimentos. Quero a tua paz, e oferto-te amor. Quero que andes comigo vencendo a dor. Eu sou o caminho, a vida e a verdade; sou o ar que respiras, eu sou a bondade! Sei da tua fraqueza, sei todos os teus compromissos com o passado, sei e sinto o ambiente em que vives; porém, sei que és amado por Deus. Segue-me, que alcançarás a compreensão! Segue-me de novo, que a tua vida se modificará! Toma a me seguir, que

ganharás novo coração! Vê o que quero te dizer: — observa as leis da natureza, harmoniza-te com Deus, e Ele fundirá o teu passado no presente, e o presente no futuro. E viverás no eterno da vida, no moderno ... Segue-me, companheiro, que serei teu Mestre onde quer que seja. Eu te ajudarei na conquista do profundo que almejas e da tranquilidade de consciência.

Mostrar-te-ei os meios de viver na clemência e na alegria com abundância. Serei por dentro teu cicerone, no silêncio de ti, sem revelar meu nome. Eu te mostrarei o valor do perdão, da paciência, da solicitude, do amor, de todas as virtudes! Segue-me, te peço. Confia em mim; pois eu sou Jesus.

Antes, passa pelo sacrifício da CRUZ ...

**Irmão Horta**

\*\*\*

## Notas

[←1]

"Então o Senhor fez falar a Jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste já três vezes?" Números 22:28.

[←2]

Refere-se a viagem mental. Nota de Miramez.